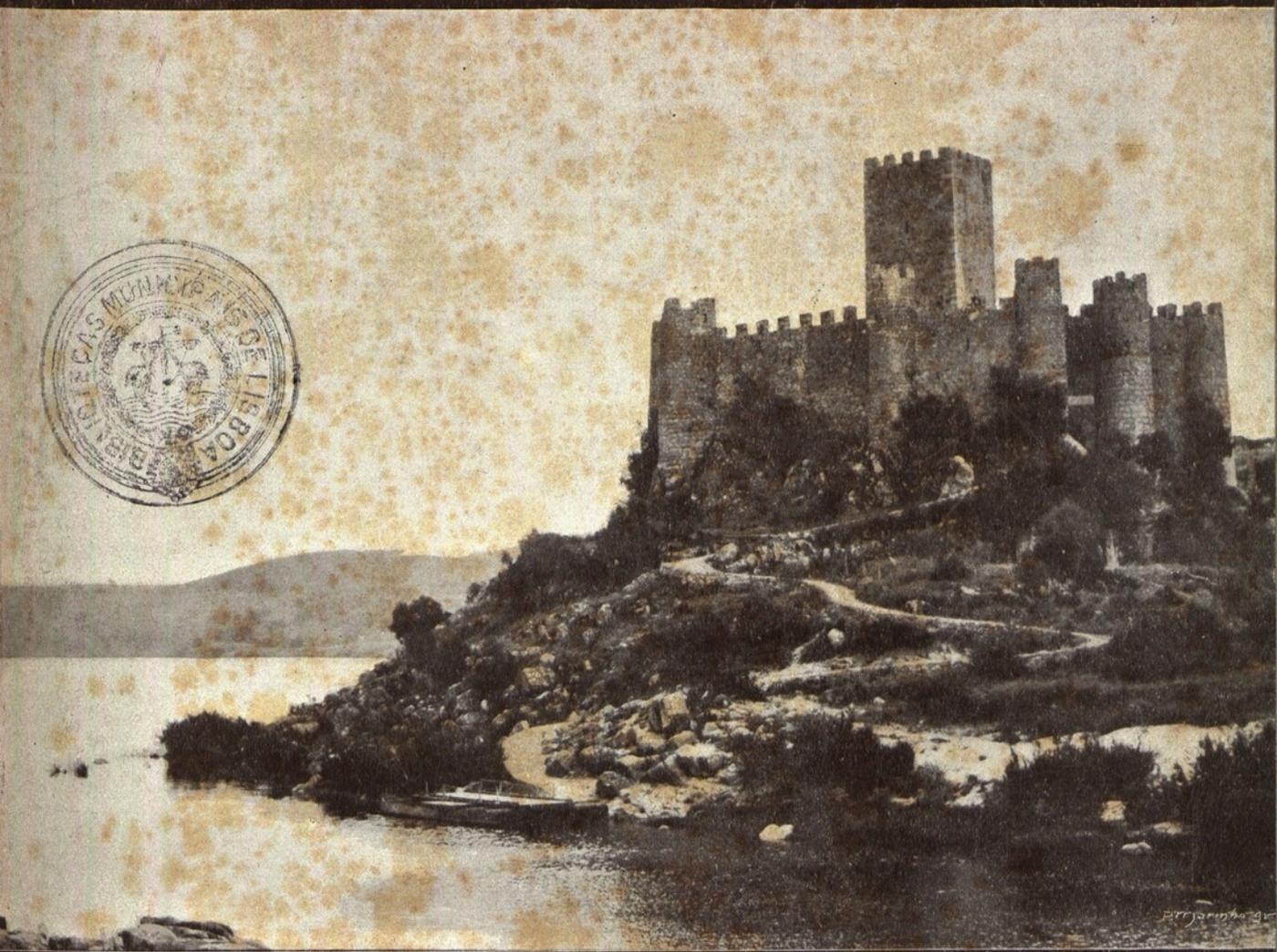


# SERÕES

COMPRA  
- ABR. 1940



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 39 - SETEMBRO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

# Summario

## MAGAZINE

PAG.

FAYAL — UM TRECHO DA POVOAÇÃO DOS FLAMENGOS (*Frontispicio*) ..... 154

O CASTELLO DE ALMOUROL

(17 *illustrações*), por F. A. GARCEZ TEIXEIRA ..... 155

UMA EXCURSÃO AOS AÇORES

(13 *illustrações*) de RAPOSO DE OLIVEIRA ..... 167

TOLSTOY OCTOGENARIO

(1 *illustração e 1 vinheta*), ..... 177

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

(2 *vinheta e 1 illustração*) por MAX PEMBERTON ..... 179

EM ALVITO — O CASTELLO

(11 *illustrações*) por FIALHO D'ALMEIDA ..... 188

RELIQUIA (*Soneto*)

(1 *vinheta*) por M. CARDOSO MARTHA... ..... 204

UMA REVELAÇÃO LITERÁRIA

(1 *vinheta e 1 illustração*) Soneto de D. MARIA DA CUNHA..... 205

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

(1 *vinhetas e 6 illustrações*) por M. A. .... 206

OS SERÕES DOS BÉBÉS — O CAVALLINHO DE PEDRA

(2 *vinheta e 1 illustração*)..... 213

ACTUALIDADES

(34 *illustrações*) ..... 217

QUEBRA CABEÇAS

(1 *illustração*) ..... 228

## OS SERÕES DAS SENHORAS (27 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS ..... pag. 33	LAVORES FEMININOS..... pag. 41
Os NOSSOS FIGURINOS ..... » 36	Os CHAPÉOS MARAVILHOSOS DE 1908 . » 44
CHAPÉOS ELEGANTES ..... » 37	CONSULTORIO DE MARIA. .... » 46
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 39	NOTAS DE DONA DE CASA ..... » 48

## A MUSICA DOS SERÕES

MARCHA TURCA, de MOZART ..... 4 paginas

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADO.

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, oficinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina . . . . .	6\$000 réis	1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »	1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »	1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colônias e Hespanha	}	Anno . . . . .	2\$200 réis
		Semestre . . . . .	1\$200 »
		Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	- Anno . . . . .	12\$000 »	
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .			15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

**ADMINISTRAÇÃO DOS Serões**

**Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27**

Telephone **805**

**LISBOA**



# A Nacional

Companhia Portuguesa de  
Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA



## ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

**MOURA**

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das águas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Águas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

## GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

# SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

- Pavões**, por Almachio Diniz, Bahia, 1908 — Desejariamos falar d'este romance com a consideração que merece o seu valor litterario. Mas a verdade é que a sua significação permanece para nós bastante obscura. Tendo na apparencia um character fantasista, parece, pela propria confissão do autor, ser o que ha de mais bahiano e haver nas suas paginas *carapuças telhados* para cabeças que desconhecemos.
- Quintino Durward**, por Walter Scott — Vol I — Colleção Obras Primas da Livraria Ferreira, Lisboa, 1908 — Bem andaram os editores em enriquecer com a obra prima de W. Scott, magnifica versão de Ramalho e Sousa, a sua valiosa colleção. A fama do grande escriptor escossez não tem decrescido com o tempo, antes pelo contrario. Os seus romances historicos despertam ainda por todo o mundo o mais vivo interesse, e a nova edição, copiosamente illustrada, milagrosamente economica, deve rapidamente exgotar-se. E' um bello serviço prestado ás letras.
- Entre mortos**, carta inedita de Mousinho de Albuquerque a Sua Alteza o Principe Real D. Luiz de Bragança — Lisboa, 1908 — Agradecemos a obsequiosa offerta d'este opusculo, valioso por nos apresentar o caudilho heroico sob o aspecto de um distincto homem de letras, e ainda mais porque, se a sua linguagem acusa meritorios resaios seiscentistas, devemos confessar que menos seiscentistas não são por certo as idéas ministradas pelo aio do desditoso principe, ao seu discipulo. A nossa impressão rapida é pois que, se a Mousinho sobravam meritos de guerreiro e não escasseavam talentos de homem de letras, se poderiam discutir com vantagem as suas aptidões como preceptor de um principe moderno.
- A Saude** — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.
- Propaganda Catholica** — A acção do sacerdote na imprensa, — Redacção e Administração: S. Clemente — Silves — Fafe.
- A Caça** — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa.
- Voz de Santo Antonio** — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administração — Braga.
- Estudos Sociaes** — *Revista Catholica Mensal* — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.
- Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.
- Boletim Photographico** — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa.
- O Economista Brasileiro**, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura*. Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.
- Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa.**
- Boletim da União dos Atradores Civis Portuguezes**, — Séde em Lisboa no Salão do Real Theatro de S. Carlos.
- Vera Cruz** — *Quinzenario Politico, Literario e Humoristico* — Redacção — Largo do Aronche, 47 — S. Paulo e Praia José menino, 122 — Santos.
- Rebeldias**, por Alvaro Pinto — Porto, 1908.
- Revista da Associação Commercial do Maranhão** — *Publicação mensal* — Rua 28 de Julho, 7 — S. Luiz — Maranhão.
- A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rue Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

---

---

## Gravuras dos SERÕES

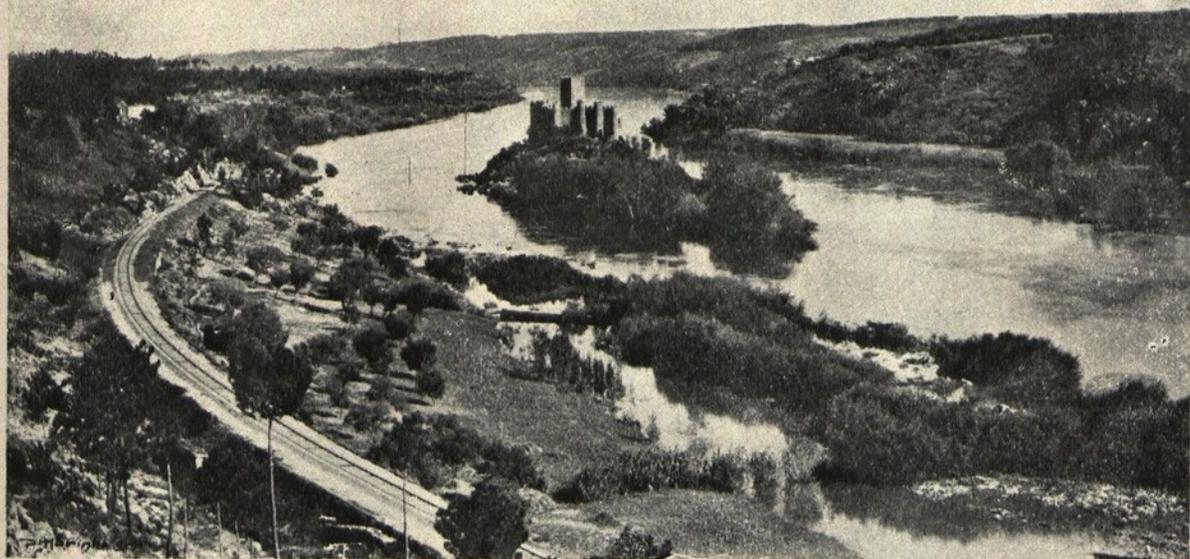
Vendem-se ou alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES,  
Praça dos Restauradores, 27.



Fayal — Um trêcho da povoação dos Flamengos

# O Castello de Almourol



VISTA DO CASTELLO DE ALMOUROL  
*Tirada da margem direita, do lado da villa de Tancos*

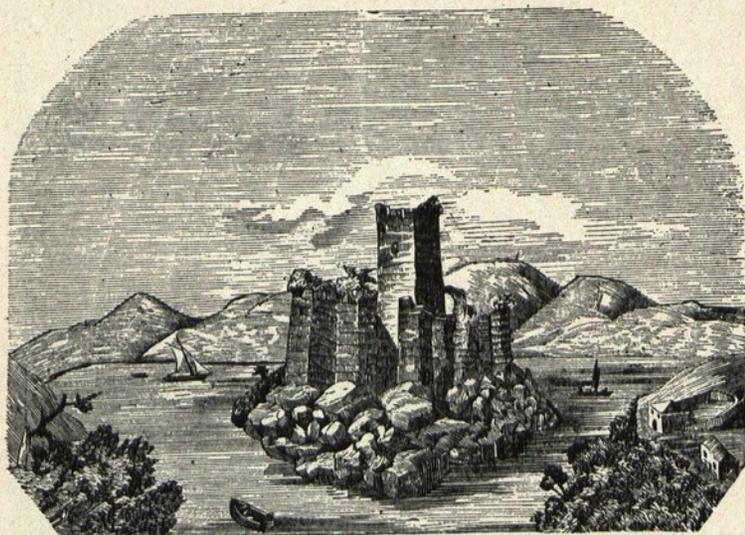


NENHUM português medianamente viajado deixará por certo, de ter visto os mais famosos castellos do Rheino ou da Escocia, mas muitos talvez ainda não tenham visitado o nosso castello de Almourol, com as suas pictorescas ruinas e romanticas lendas; ou pelo menos, se já o viram, foi no rapido percurso do caminho de ferro, deixando-lhe apenas uma fugitiva impressão.

Distando pouco mais de duas horas de commoda viagem de Lisboa, bem merece uma especial visita de todos que se interessam pelo bello. A vastidão do panorama, a quietação da grande massa de agua que o Tejo ali reúne, a vestutez e majestade das suas altas muralhas graniticas nascendo de entre enormes blocos tambem graniticos, tudo concorre para infundir uma impressão de grandesa temperada ao mesmo tempo por uma grande suavidade, pouco commum na paizagem do centro do país.

Mais bello do que o cair de uma tarde de outomno junto á margem do rio, quando o disco vermelho do sol, deixando os cumulos doirados, vem mergulhar num vasto lago de fogo, só uma calma noite de estio illuminada pelo esplendoroso luar de agosto, num silencio quasi religioso, interrompido apenas pelo salto fóra d'agua de alguma tainha atemorizada ou pela toada plangente da canção de algum pescador nocturno, quando o castello nos aparece muito mais grandioso e nos deixa vêr que não podia a sua existencia deixar de ser cheia de lendas de amôr.

Nenhuma lenda se refere á sua fundação, sendo difficil fixar a sua data. Apesar de nas inscrições, que adeante serão citadas, se dizer que Gualdim Paes, mestre da Ordem do Templo em Portugal, foi o edificador do castello, é manifesta a sua origem romana, sendo apenas reedificado e ampliado por elle. Na parte inferior da torre de menagem ainda é bem patente o *opus* romano, distinguindo-se bem a parte reedi-



VISTA DO CASTELLO, ANTES DA ACTUAL REPARAÇÃO  
Gravura do «*Archivo Pittoresco*» de 1858

ficada por Gualdim Paes e até a que foi mais modernamente composta. Na cortina que corre ao longo do lado norte da ilha é ainda também visível o coroamento da primitiva muralha que tinha metade de altura da actual. O mesmo se nota também sobre o portão principal. Recentemente, sendo comandante da Escola Prática de Engenharia o hoje general, sr. Castel Branco, logo que a seu pedido foi pelo Ministerio das Obras Publicas cedido o castello á Escola, cuja pertença é, foram ali iniciados trabalhos de desaterro para se chegar ao nivel primitivo dos terraplenos interiores. Nessas escavações, entre muitos objectos de que adeante se fará menção, foram encontradas 7 moedas romanas. Não deve pois restar duvida alguma sobre a origem romana do castello.

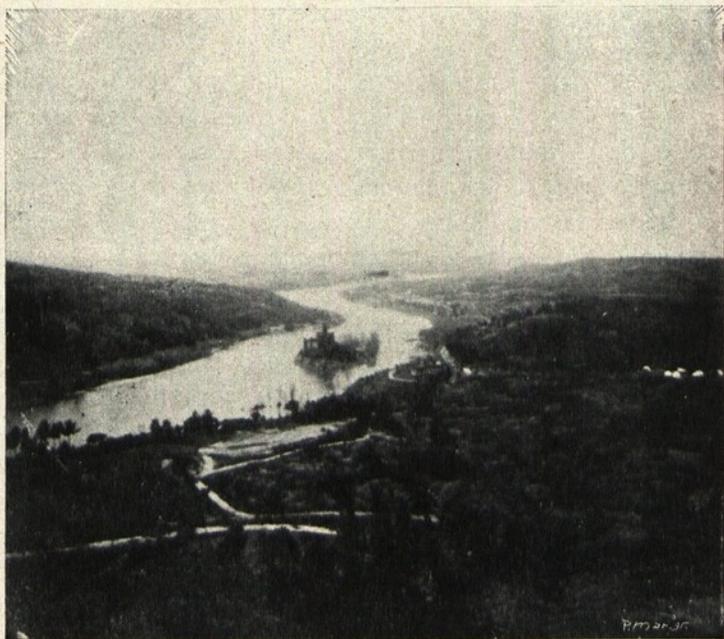
O sr. Esteves Pereira (1), inclina-se a filiar o nome de Almourol no de *Muriella*, antiga povoação limite do bispado Egitanense, segundo a divisão dos bispados de Hespanha descripta no livro chamado *Itacio*, e attribuida a Vamba, morto em 687 de nossa era. Esta povoação seria a *Morón* de Strabão, situada a 92 kilometros e meio do mar, em um monte, junto

ao rio e que Müller erradamente identificou com Almeirim. *Morónna*, que se lê em Strabão, seria leitura errada de *Morolia*, em virtude de se tomarem em grego as letras maiusculas *li* por *n*. O nome de *Morolia* seria portanto corrupção popular de *Moria elaiá*, (*olival consagrado*), que explica a fórmula *Muriella*.

Sejam, porém, ou não *Morón* e *Muriella* a mesma povoação, o que parece evidente é que de *Muriella* se formou pela adjuncção do artigo arabe *al* o actual nome do castello. De varias maneiras apparece elle escripto. O sr. Esteves Pereira cita: *Almourol*, *Almourol*, *Almurol* e *Almo-*

*rol*. Juntaremos ainda a forma *Almourel*, que adeante veremos, que aquelle escriptor não conhecia ainda, e que vem ainda tornar mais plausivel aquella derivação.

Podemos pois assentar na origem romana do Castello e na sua reedificação por Gualdim Paes. Esta reedificação deve ter sido feita em 1171 e para ella não só se empregou o granito da localidade, como ainda se trouxeram materiaes de Thomar. Numa das hobreiras interiores da porta principal, encontra-se um cippo romano que muito provavelmente foi traido das ruinas



VISTA PANORAMICA

Tirada do balão captivo, do lado da villa de Constancia

(1) *Revista de Engenharia Militar*, vol. II, pag. 32. *O Castello de Almourol*, por Manoel Osorio.

da antiga Nambancia, junto a Thomar.

Sobre a janella da Torre de menagem (e não sobre a porta, como diz Viterbo) existe

uma pedra quadrada com a cruz patasca que foi a primeira cruz dos Templarios. Ora esta pedra é exactamente igual a outras que formam um rodapé exterior da torre da igreja de Santa Maria dos Oliveas, em Thomar. Estas pedras, que de origem não foram destinadas áquelle fim, teem umas a cruz acima dita e outras o pentagono estrelado ou signo de Salomão.

Vestigios ainda d'esta reconstrucção parecem ser dois columnellos, de marmore branco, que foram encontrados nas escavações e que dividiam as duas unicas janellas existentes nas muralhas, e unicas partes do

castello onde se notam vestigios de ornamentação, se bem que rudimentar. Vem aqui a pêlo rectificar-se a asserção quasi geral em todos os escriptores que teem dissertado sobre o Castello, affirmando que elle era de luxuosa construcção e o seu interior coberto de custosas abobadas. Neste erro cahiram Viterbo, Pinho Leal e outros, talvez

È. M̄. CC. VII. II. MAGISTER. GAVDI  
NVS. BRACARA. QVE. EST. CAPVT  
GALLECE. ORTVS. EDIFICAVIT. HOC  
CASTRVM. ALMOREL. CŪ. PATRIBVS. SVIS

INSCRIPÇÃO SOBRE A PORTA INTERIOR



PARTE SUPERIOR DA PORTA PRINCIPAL

levados pelas lendas que ha sobre o Castello e onde geralmente se procuram para fazer mover os personagens scenarios sem-

pre mais ou menos phantasticos. O que é verdade é que são ainda bem accusadas as linhas dos pavimentos pelas sapatas onde assentavam os vigamentos. Das *famosas lacharias* a que se referem aquelles auctores, não se vêem vestigios nenhuns.

Modernamente, não ha talvez meio seculo, foi pelas Obras Publicas feita uma reparação nas muralhas em que, a par de algumas obras indispensaveis, como a consolidação das muralhas, se praticaram vandalismos, taes como o accrescentamento d'ellas coroando-as pelas ameias que actualmente se

vêem. Duas d'estas, apenas, parecem ser antigas.

Ergue-se o Castello sobre um ilhéu proveniente de um afloramento granitico que, barranto o Tejo, o obrigou a dividir-se em dois braços, um, o da esquerda, de mais de uma centena de metros de largura, e outro, o da direita, muito mais estreito e de meno-

IN. NNE. DNI. NAI. IN. V. XPI. È. M. CC. NONA	MAGISTER. GAVDINVS. NOBILISSI
QDE. GENE. BRACARA. ORVD. EXTITIT. TEPE	AVT. ALFOS. HILV. STRISSIMI. PORTVGAR. REGIS. COMI
TIS. HERIC. RE. CNEQ. TARASIE. FILII. H. C. SEC. VIARE. ABNE. C	MILITIAM. INBREVI. VT. LVDF. ER. EMICVIT. NAM. TEP. LI. MILES
HEROSOLIMA. PECIT. IB. P. Q. NOVENIV. NO. IHERME. VITA. DVX. CVM	MAGSTRO. ENI. SVO. CO. RA. RIBVS. Q. IN. PIE. RIS. S. PRE
LIS. CO. RA. E. OPTI. N. SVRIE. IN. SVRIE. X. RECEM. CVO. ASCA	ALONA. CA. PE. TR. PRE. STO. EV. IN. DE. AN. TIO. CHA. P. GES. SE
PE. CO. RA. SV. LDA. DE. CONE. DIMICAVIT. POST. Q. NOVENIV	V. AD. PREF. AT. Q. EV. EDV. Q. VAT. MILI. TE. E. V. FE. CAT. REV. S. È. RE. CE
FACTVS. DOM. TEP. LI. PORTV. CAL. RC. V. RATOR. H. C. OS. RVX. CAS. TA. S.	POLV. BARÈ. TO. MR. O. 3. EJ. AR. CAR. D. E. ET. HOC. Q. B. AL. O. R. V. RE. L. BR

INSCRIPÇÃO DA LAPIDE SOBRE A PORTA PRINCIPAL

res fundos. É mesmo de crêr que estes fundos fossem na primitiva do Castello ainda muito menores, pois que o nível da estiagem do rio tem subido, devido ao assoramento da barragem natural que existe logo abaixo de Tancos, no local denominado a Agua Tesa. Em Constancia existem as ruinas de um palacio que a tradição diz ter pertencido a um prelado do tempo de D. Sebastião, ruinas que hoje são cobertas pelas cheias do rio. Estas, chegam a attingir o nível das vergas das portas nas casas da Praça da mesma villa e a inundar a igreja da Misericordia. Certamente estes factos se não davam no tempo em que foram construidos aquelles edificios.

Factos analogos se observam na villa de Tancos, a jusante do Castello. Corre na tradição, e parece ser verdadeiro, o facto de um caes de cantaria, que esta villa possui, estar já construido

sobre outro. Seria um facto analogo ao que se deu com a ponte sobre o Mondego, em Coimbra. Não padece, pois, duvida que o nível do rio tem subido e, como, na ultima metade do seculo passado, foi cortada muita pedra, no braço direito, para facilitar a navegação, não só pelo Ministerio das Obras Publicas, como pela Escola, é de crêr que nos primitivos tempos do Castello aquelle braço se reduzisse na estiagem a pequenos charcos ou lagóas, do que lhe resultou o nome que ainda hoje conserva de *Alagóas*.

A altura do ilheu é de 18 metros sobre o actual nível da estiagem, sendo de 75 metros a sua maior largura. Este seria tambem proximamente o seu comprimento, se as caudalosas cheias do rio lhe não tivessem depositado a jusante um prolongamento de mais de 200 metros com uma altura não excedente a 10 metros, cota ma-

xima que ali teem attingido as cheias sobre a estiagem.

É no coroamento da parte rochosa que se erguem as muralhas do Castello, constituindo dois recintos, um, communicando com o exterior por uma porta baixa e deselegante, e onde parece se achavam os alojamentos do Castello, num terrapleno inferior, para onde se abria a *porta da traição*, do lado de montante; e outro communicando com o primeiro por uma porta maior, na qual se comprehende a torre de menagem. Todo o perimetro é flanqueado por dez torres deseguaes, e o traçado parece ter apenas obedecido ao me-

lhor aproveitamento dos blocos graniticos para n'elles implantar as muralhas.

Na essencia, não differe a construcção d'este Castello da dos outros medievaes, tão espalhados no nosso país. Largas muralhas coroadas por ameias deixando um caminho para os

homens d'armas; torres e quadrellas com setteiras e superiormente ameias servidas por um pequeno pavimento; uma linha de setteiras na face norte, a meia altura da muralha, para as quaes o acesso era feito por um passadiço apoiado em cachorros ainda hoje existentes; uma escadaria encostada á face norte para dar acesso ao coroamento das muralhas e onde se distingue bem pela differença dos degraus a altura das primitivas muralhas; a espessa torre de menagem com os seus tres pavimentos apenas accusados pelas sapatas onde assentavam os vigamentos: eis sumariamente a descripção do Castello. Entre os pequenos detalhes que facilmente escapam a quem fôr pouco observador, notaremos dois assentos contiguos abertos na rocha que serve de base á torre de menagem. Eis tudo o que o Castello é hoje. O que elle foi, não é facil já reconstitui-lo.

E:M:CCVIII:MAGISTER:GALONV:NOBILI:SIQVI  
 DEM:GENERE:BRACARA:ORIVNDV:EXTIT:EMPO  
 RE:AVEM:ALFONSI:ILLVRISSIMI:POTVGLS:RE  
 GIS:HIC:SECVLAREM:ABNEGANS:MILICIAM:IN:  
 BREVI:VT:LVCIFER:EMEVT:NAM:EMPLE:MS:GROO  
 LMAM:PELIT:IBIQ:P:ONONIVM:NOIN:ARMEN:VTAM  
 OXT:CV:MAGISTRO:ENM:SVO:CV:FRTRIBVO:INPERO:  
 RLIS:O:EGPT:TSRE:INSREXIT:RGM:EMO:ASCAONA:CRETR  
 R:TE:EV:IN:ATEA:PCN:SEP:O:SIDAN:DCONEOMAVT:POST:ONQ  
 NIIV:AD:RFAM:QEV:EVCAEPATMEM:FEERTVSV:ESTRO  
 :FALTV:DMSEML:RVGL:RORAO:HORVIT:LRV:PA:BR:ROMR:  
 OZEZAR:ELIOD:DRAMRO:TEIDNAM:ETMEM:SALZVM:☉

INSCRIPÇÃO DE THOMAR COPIADA DA DE ALMOUROL  
 Segundo as «Inscrições Portuguezas»

Numa carta datada de 13 de dezembro de 1467 (1) relata-se a inauguração a requerimento do «honrado Frei Ruy Velho, commendador dalmourol», de «hum altar em a capella que o dicto commendador fez sobre a porta do dicto Castello a qual é chamada por invocação de Santa Maria dalmourol». Onde seria esta capella tambem não será facil hoje dizel-o, tão exiguos são os recintos que existem sobre as duas portas que tem o Castello.



MEDALHÃO REPRESENTANDO UMA DAMA  
ARMANDO UM CAVALLLEIRO

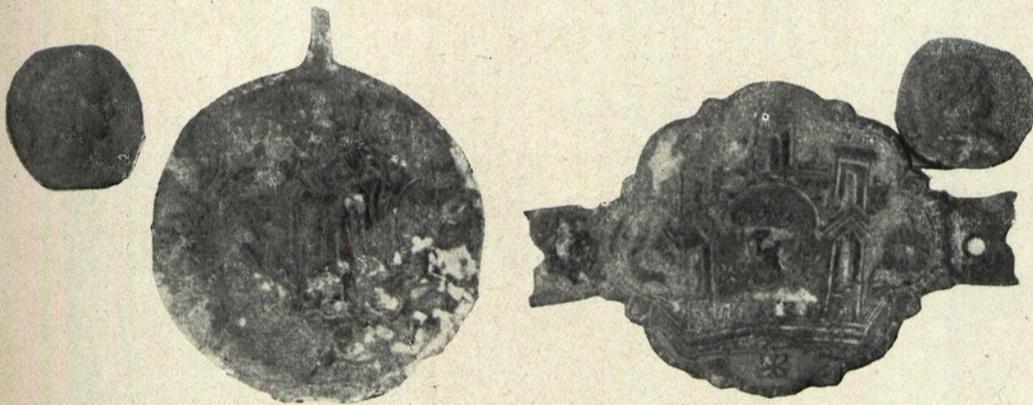
o espargo, o meimandro. No areal, que se espraia a jusante, a vegetação é frondosa: ali se vêem o chorão, o choupo, o amieiro, a tarmargueira e a canna.

Todo este massiço de verdura se espelha tranquillamente nas aguas do Tejo, onde, do alto das quadrellas do Castello, se vêem deslizar como grandes manchas negras os cardumes de tainhas.

Todo este conjunto infunde tal sentimento de majestade e quietação que se grava profundamente no espirito a lembrança de um passeio ali numa tranquilla tarde de estio.

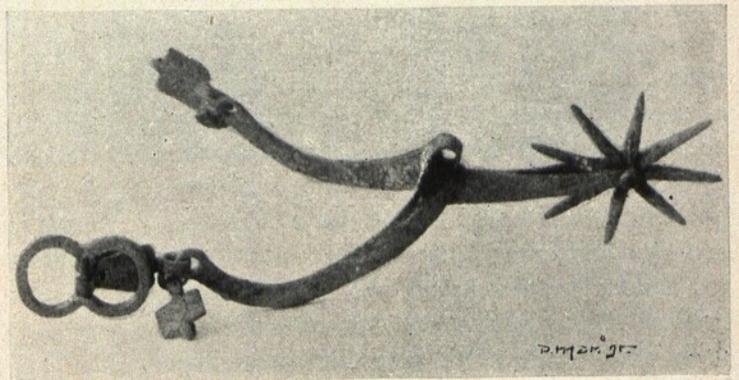
Se a sua situação foi excepcionalmente bem escolhida sob o ponto de vista pictoresco, o mesmo não parece á primeira vista sob o ponto

de vista estrategoico. Além de serem outras as armas na época da sua reedificação, deve



MEDALHÕES ESMALTADOS E MOEDAS ROMANAS

Se, como acima dizemos, o castello de Almouroul não offerece diferenças apreciaveis pela sua construcção, dos outros castellos já o mesmo se não póde dizer pelo pictoresco da sua situação, unica certamente em todo o país. As suas muralhas, o musgo, a hera e a congossa, vão procurando cobri-las. No granito vegetam pobrementemente a figueira, a silva, a aroeira, o zambujeiro, a alfarrobeira, a olaia, a figueira da India, o pilriteiro, o funcho,



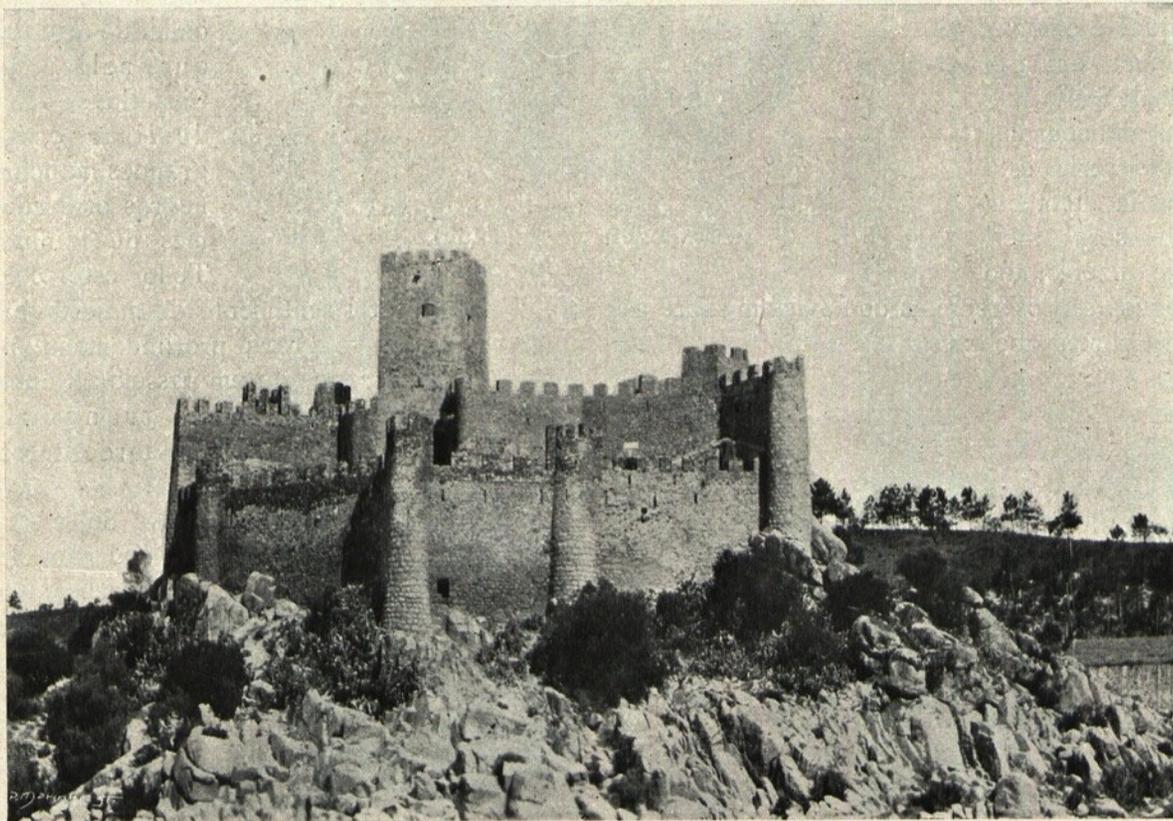
ESPORA DE LATÃO ACHADA NAS ESCAVAÇÕES

(1) *Frei Gonçalo Velho*, por Ayres de Sá, vol. I, pag. 251.

attender-se a que se não tratava de um forte destacado. Achando-se o país debaixo de um regimen de constantes incursões, haviam os templarios organizado defensivamente, tão bem quanto possível, a cabeça da sua Ordem, em Thomar. Para isso tinham escolhido uma linha de castellos, formando assim verdadeiramente a 1.<sup>a</sup> linha de um moderno campo intrincheirado. D'esta linha faziam parte os castellos que Gualdim reedificou —

Em bello marmore branco, sobre a porta de comunicação com o recinto interior, existe uma inscripção latina que diz: *Na era de 1209, (1) o mestre Gualdim, de Braga, que é cabeça da Galisa, edificou o Castello de Almourol com os freires seus irmãos.* Pelo que atraz ficou dito, se vê que imprópriamente Gualdim Paes se dizia *edificador* do castello.

A leitura corrente da inscripção do cippo



VISTA DO CASTELLO, TIRADA DA MARGEM ESQUERDA

*Inferiormente vé-se a «porta da traição» e ao centro a inscripção sobre a porta interior*

Cardiga, Zezere, Pombal, Idanha e Monsanto, e entre os dois primeiros o de Almourol. Além d'estes, outros naturalmente fôram aproveitados tal e qual se achavam nessa época. Não se limitava só aos seu castellos a organização militar d'este campo intrincheirado: — linhas de comunicação optica os ligavam a Thomar. Ainda hoje, por exemplo, temos perto da Barquinha uma povoação que conserva o nome de Atalaia e muitos outros locais ha com o mesmo nome, que sabido é ser o das torres onde, por meio de fogueiras, se transmittiam signaes.

Fallemos agora das inscripções que existem no Castello.

romano a que já nos referimos é a seguinte: (2)

DIIS MANIBUS SACRUM

QUINTI CADI FRONTONIS ANNORUM XXV  
ROMAE DEFUNCTI RELIQUIAE HIC SITA SUNT.  
CADIA TUSCA ANNORUM XXX HIC SITA EST.  
MARCUS CADIUS RUFUS LIBERIS OPTIMIS PIIS-  
SIS POSUIT. CORNELIA FRONTONIS FILIA  
ANNORUM XXIII. ALBURA MATER FRONTONIS

(1) 1171 da era de J. C.

(2) A leitura e a traducção d'esta inscripção e da seguinte são devidas ao nosso erudito camarada sr. J. Eloy Nunes Cardoso.



INSCRIPÇÃO ROMANA EXISTENTE NO CUNHAL DA PORTA DO CASTELLO

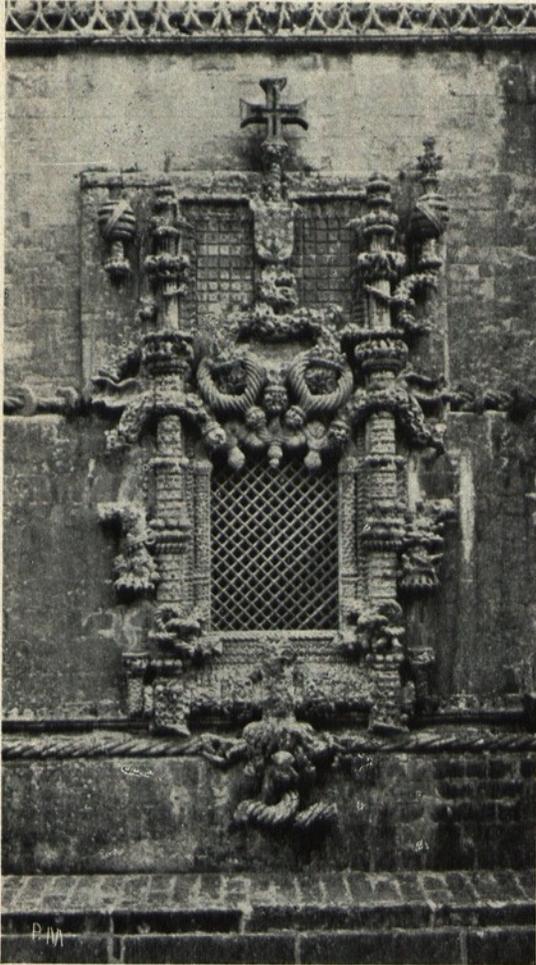
ET TUSCAE. HIC SITA EST. CADIUS RUFUS  
UXORIS OPTIMAE.

Tradução: Aos deuses manes. Os restos  
do Quinto Cadio Frontão, falecido de 25

anos, em Roma, estão aqui depositados.  
Cadia Tusca, de 30 anos, está aqui depo-  
sitada. Marco Cadio Rufo erigiu aos seus  
optimos e pios filhos. Cornelia, filha de  
Frontão, de 23 anos. Albura, mãe de

*Frontão, aqui jaz. Cadio Rufo, a sua optima esposa.*

Como se vê trata-se apenas do monumento sepulchral da familia Frontão, que o acaso trouxe para consolidar as muralhas do Castello e que agora aqui veio ficar perpetuado. Nenhum interesse offerece para a



THOMAR — JANELLA DA CASA DO CAPITULO  
NO CONVENTO DE CHRISTO

historia do Castello. Já o mesmo se não dá porém, com a grande inscripção situada sobre a porta principal, que damos em photographia (aliás muito deficiente pois que, pela sua situação, não é facil tirar outra maior). E lavrada em duas pedras rectangulares de calcareo branco, com sete linhas horisontaes separadas por filetes que igualmente enquadram toda a inscripção, e tem ainda mais duas linhas supplementares a que nos referiremos. Todo o lavor é bastante imperfeito, havendo muitas letras in-

clusas, e bastantes abreviaturas. A sua leitura corrente, é a seguinte:

IN NOMINE DOMINE NOSTRI JESU CHRISTI. ERA MILLESIMA DUCENTESIMA NONA, MAGISTER GAUDINUS NOBILIS SIQUIDEM GENERE BRACARA ORIUNDUS EXTITIT TEMPORE AUTEM ALFONSI, ILLUSTRISSIMI PORTUGALIS REGIS, COMISTIS HENRICI REGINAEQUE TARASIAE FILII. HIC SECULAREM ABNEGANS MILITIAM IN BREVI UT LUCIFER EMICUIT. NAM TEMPLI MILES HIEROSOLIMAM PETIIT, IBIQUE PER QUINQUENIUM NON INHERMEM VITAM DUXIT CUM MAGISTRO ENIM SUO CONFATRIBUSQUE IN PLERISQUE PRELIIS CONTRA EGIPTI ET SIRIAE INSURREXIT REGEM. CUMQUE ASCOLONA CAPERETUR PRESTO EUM INDE ANTIOCHIAM PERGENS SAEPE CONTRA SULDANIS DECIONEM DIMICAVIT. POST QUINQUENIUM VERO AD PREFACTUM QUI EUM EDUCAVERAT, MILITEM EUM FECERAT REVERsus EST REGEM. FACTUS DOMUS TEMPLI PORTUGALIS PROCURATOR HAEC CONSTRUXIT CASTRA SILICET, POLUMBAREM, TOMAR, OZEAR, CARDIGA ET HOC QUOD ALMOUREL DICITUR.

Traducção: *Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo. Era de 1209. O mestre Gualdim, nobre, sem duvida, por ascendencia, natural de Braga, viveu no tempo de Affonso, illustrissimo rei de Portugal, filho do Conde Henrique e da rainha Teresa. Abandonando a milicia secular, em breve brilhou como a estrella d'alva. Com effeito, demandou Jerusalem como soldado da ordem do Templo e ahi, durante cinco annos não passou vida ociosa, porquanto com seu mestre e com seus confrades combateu em muitos recontros contra o rei do Egipto e da Syria. Depois da conquista de Ascalona, dirigindo-se d'ahi rapidamente a Antioquia, pelejou contra as forças do Grão Turco. Porém depois de 5 annos voltou para junto do rei que o havia educado e o tinha feito cavalleiro. Eleito procurador da ordem do Templo, em Portugal, construiu os seguintes castellos: Pombal, Thomar, Zezere, Cardiga e este que se chama Almourel.*

Numa ultima linha, já quasi no bordo inferior da lapide, ha a indicação do artista que lavrou a inscripção e onde só se percebe a palavra *fecit*. Num dos lados ver-

ticaes ha uma outra linha onde se lê:

S. FR. PRESCRIPTA FECIT

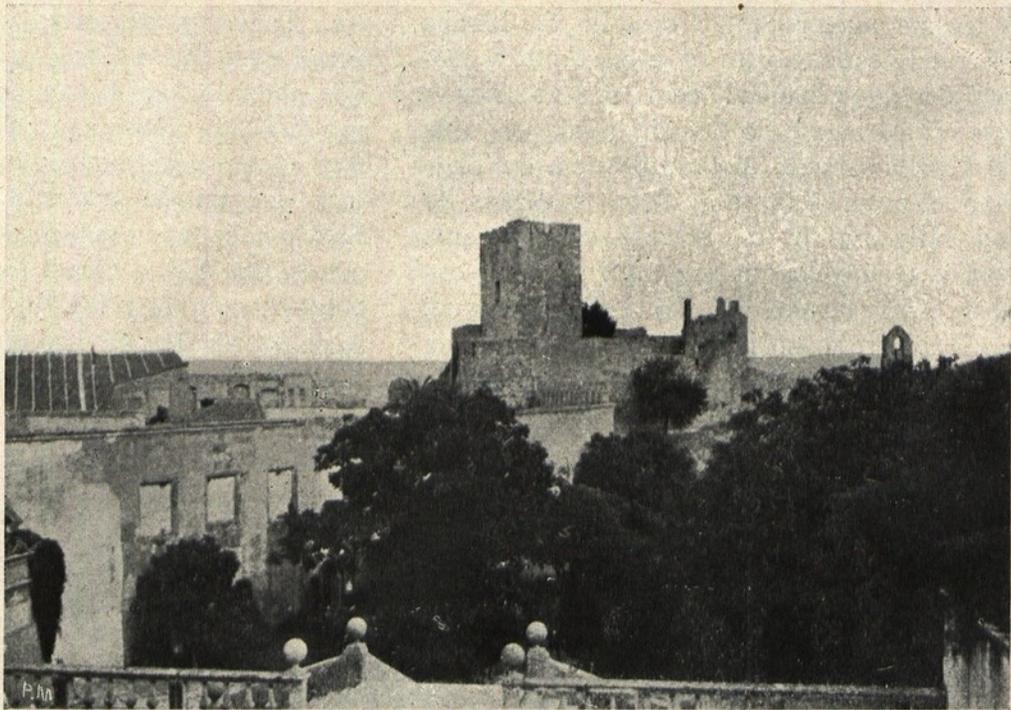
que parece ser a indicação do freire que escreveu a inscripção.

E interessante esta inscripção tendo-se com ella dado um caso curioso. É opinião de todos os escriptores que se teem referido a ella, que, tendo

existido primitivamente no castello de Almourol, foi transportada para o convento de Christo, em Thomar, achando-se sobre a porta da sacristia. Desde Viterbo (1) até Osorio (2) todos teem seguido aquella opinião. Ora a verdade é que tal inscripção ainda existe no castello e foi simplesmente copiada ou trasladada para o convento de Christo onde se acha ainda a copia, por signal que em local de muito difficil accesso.

A leitura da inscripção que se acha em Thomar é a seguinte: (3)

ERA MCCVIII MAGISTER GALDINUS NOBILI SIQUIDEM GENERE BRACARA ORIUNDUS EXCTITIT TEMPORE AUTEM ALFONSI ILLUSTRISIMI PORTUGALIS REGIS. HIC SECLAREM ABNEGANS MILITIAM IN BREVI UT LUCIFER EMINEVIT NAM TEMPLI MILES GEROSOLIMAM PECHIT, IBIQUE PER QUINQUENIUM NON INHERMEM VITAM UXIT CUM MAGISTRO ENIM SUO CUM FRATRIBUSQUE IMPLERIGE PRELIIS CONTRA EGIPTI ET SURIE INSURREXIT REGEM. CUMQUE ASCALONA CAPERETUR, PRESTO EUM IN ANTIOCAM PERGENS SEPE CONTRA SIDAN DECIONE DIMICAVIT. POST QUINQUE-



THOMAR — CASTELLO DOS TEMPLARIOS

NIUM VERO AD PREFATUM QUI ET EUM ET MILITEM FECERAT REVERSUS EST REGEM. FACTUS DOMUS TEMPLI PORTUGALIS PROCURATOR HOC CONSTRUXIT CASTRUM PALUMBAR, THOMAR, OZESAR ET HOC QUOD DICITUR ALMORIOL ET EIDANIAM ET MONTEM SANCTUM.

A simples comparação d'esta leitura com a da lapide de Almourol mostra-nos immediatamente a origem do erro que corre de ter sido transportada a lapide quando apenas foi copiada. E não resta duvida que foi a de Thomar copiada da do Almourol, apesar de terem a mesma data, pois é manifesto que ao tempo em que foi feita a do Almourol ainda Gualdim Paes não tinha reedificado os castellos da Idanha e de Monsanto, porque nella não são citados. O que não parece facil é saber o motivo porque não é citado já na de Thomar o castello da Cardiga.

Ora, segundo Pinho Leal (1), o castello de Monsanto foi reedificado em 1239, o que põe em manifesto desaccôrdo esta lapide com a que existe na igreja de Santa Maria dos Oliveaes em que se diz (2) que Gualdim Paes falleceu em 1233 (era de Cesar). Segundo

(1) *Elucidario*, vol. II, art. *Tempreiros*.

(2) *Revista de Engenharia Militar*, vol. I, pag. 206.

(3) *Inscripções portuguezas*, por L. Cordeiro, Lisboa 1895, pag. 33.

(1) *Portugal Antigo e Moderno*, vol. V, pag. 413.

(2) *Inscripções Portuguezas*, pag. 45.

o mesmo auctor (1), o castello da Idanha foi reedificado em 1187 e portanto a inscripção do Almourol deve ser anterior a esta data, isto é, collocada ainda em vida de Gualdim Paes; enquanto que a de Thomar é natural ter sido feita já depois do seu fallecimento, o que está em harmonia com a tradiçção que diz te-lo sido por ordem e no tempo do infante D. Henrique.

É sempre esta inscripção que é citada por todos os auctores, com excepção de

tou. Passemos em claro a discussão a que aquelle erudito se entrega, e que os interessados poderão ver a pag. 39 e seguintes da sua já citada obra e apenas tocaremos de leve num ponto mais interessante. Diz este auctor que Cunha traduziu mal *Sidan*, por *Sultão*, devendo evidentemente tratar-se da cidade de *Sidon*. Ora Cunha traduzia bem porque traduziu a lapide de Almourol onde se lê *SVLDA* sem duvida alguma.

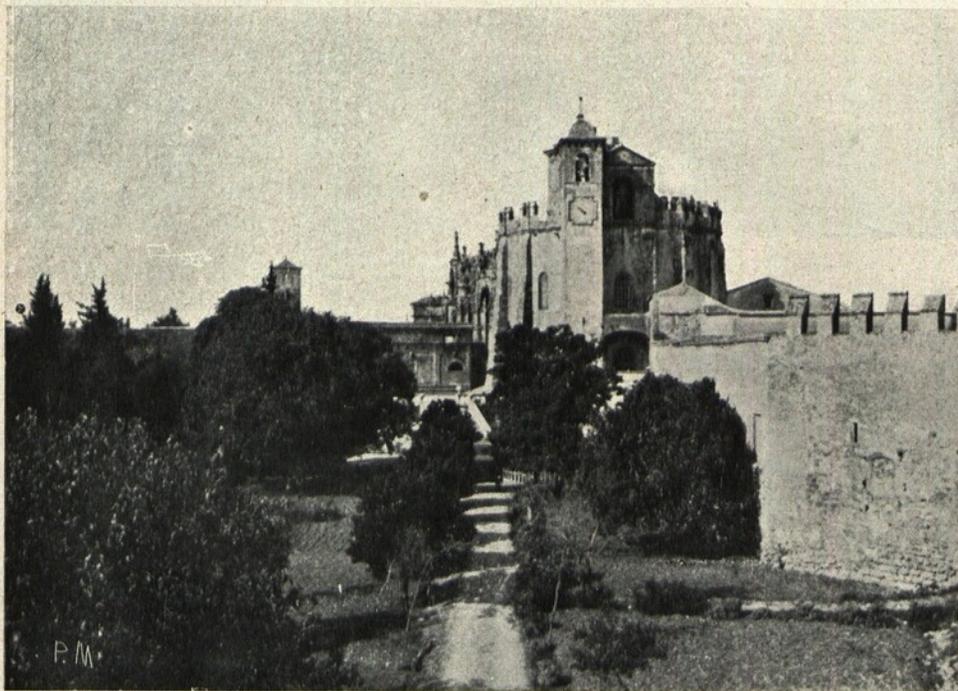
Antes de terminar a parte historica d'esta

breve monographia mencionaremos ainda alguns objectos que foram encontrados nas escavações a que já nos referimos.

Já citámos 7 moedas romanas, diferentes (1). Além d'ellas, alguns centos de moedas portuguezas das 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> dynastias, entre as quaes mealhás de D. Sancho I, dinheiros do

mesmo rei, idem de D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV e D. Pedro I, tornezes, graves e pilartes de D. Fernando, reaes IHNS e de V de D. João I, reaes de 10 soldos do mesmo reinado, reaes pretos e ceitis de D. Duarte e de D. Affonso V, cinco réis de D. Sebastião, ceitis de D. Manoel e reaes de D. João IV, além de outras moedas não classificadas, algumas d'ellas de prata.

Tambem foram encontrados muitos objectos de ceramica e metallicos, cuja época não é facil determinarmos e que não offerecem interesse real, excepto uma bella espora de



THOMAR — CONVENTO DE CRISTO  
Visto do lado da charola dos Templarios

Cunha (2) que cita a de Almourol, se bem que inexactamente.

Com Luciano Cordeiro dá-se ainda o caso de criticar Cunha pela traducção que apresenta, e que aquelle na sua obra coteja com a de Thomar, encontrando-lhe, portanto, diferenças taes, que em logar de provocarem a critica deviam ter-lhe manifestado que se tratava de duas inscripções diferentes, ou antes tres, visto que Cunha faz seguir a citada inscripção da que está collocada sobre a porta interior e de cuja existencia nem mesmo Luciano Cordeiro suspei-

(1) Vol. III, pag. 377.

(2) *Historia Ecclesiastica de Braga*.

(1) A classificaçao das moedas devemo-la ao sr. dr. Albano de Macedo.

latão, magnificamente conservada e 26 medalhões diversos de que nos vamos occupar.

Apresentamos apenas photographias de tres dos melhores e mais bem conservados. São de cobre ou latão, alguns ainda com esmaltes, circulares ou sextavados, e com diametros variando entre 45 e 93 millimetros. Não é facil indicar a sua applicação. Seriam fechos de cintos? Um d'elles representa em tosco desenho (como todos os outros), uma dama armando um cavalleiro.

mentos transcreve o auctor de *Fr. Gonçalo Velho* (1), todos fazendo a concessão da exclusivo da pesca no pego d'Almourol, aos seus commendadores. Num d'elles, se explica nos seguintes termos a razão da mercê: «Recebemos mujto serujço do castello dal-mourol pollas gentes que hi stavam e stam do muj honrado baron don frey lopo diaz de sousa mestre da cavallaria da ordem de xpos cujo o dicto castello é, mantendo sempre nossa uoz e dos dictos regnos nossos



THOMAR — EGREJA E TORRE DE SANTA MARIA DOS OLIVAES

Outro tem simplesmente a cruz de Christo Outro um castello com uma dama coroada no centro. Outro um S atravessado por uma setta. Tambem noutro se vê uma dama poisando sobre um leão sustentando numa das mãos uma flôr e na outra uma legenda onde parece ler-se *Aljubarrota*.

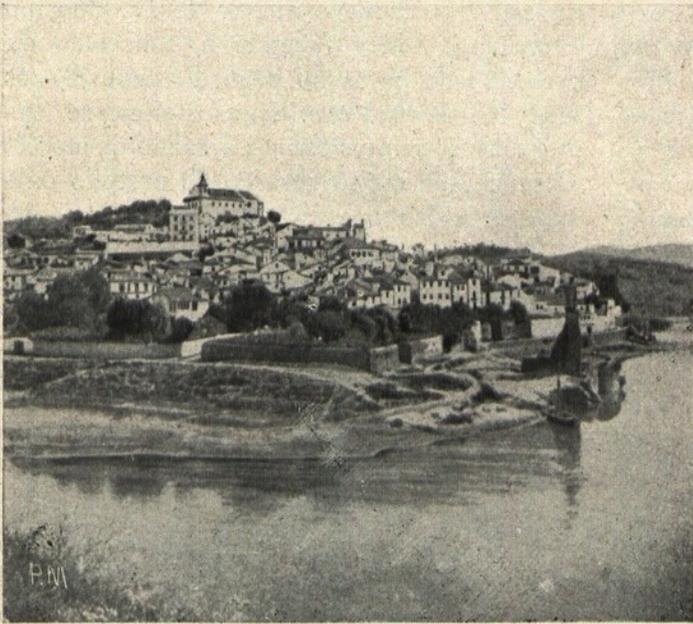
Dito, um pouco summariamente, o que pudemos averiguar sobre o castello de Almourol, ficando assim corrigidas muitas versões inexactas que corriam a seu respeito e indicados novos elementos de estudo ainda ineditos, resta-nos ainda citar alguns documentos interessantes que a elle se referem. Além do documento de que já atraz fizemos menção e que se refere a uma capella que existiu no Castello, tres outros docu-

e fazendo muita guerra a nossos jmjgos.» Não quizemos deixar de citar este documento porque elle attesta os serviços que o Castello prestou na defeza do país. Muitos outros documentos se encontram dispersos nos dois volumes da excellente obra de que nos soccorremos, onde se fazem referencias ao Castello, mas são sobretudo interessantes para quem quizer fazer a extensa lista dos commendadores de Almourol.

Eis a parte historica. Digamos algumas palavras sobre a parte lendaria (2).

(1) Vol. I, pag. 109, 184 e 190.

(2) Veja-se Francisco de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*; Francisco B. de Sá Magalhães, *O Castello d'Almourol*; Rebello da Silva, *Contos e Lendas*; Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*.



VISTA GERAL DA VILLA DE CONSTANCIA

*A' direita as ruínas do velho palacio*

Não podia a poesia popular deixar de se impressionar por cenário tão magico. E logo brotaram as trovas sobre o castello:

*Porque choras bom romeiro?  
Porque vens tão magoado?  
— Choro a ausencia de uma filha  
Que me deixa abandonado!*

*Porque se foi vossa filha,  
Bom romeiro, me dizêi?  
— Levou-m'a um mouro descrido  
E de al dizer-vos não sei!*

*D'onde fugiu vossa filha,  
Bom romeiro, me dizêi?  
— Do castello d'Almourol  
Que me havia dado el-rei!*

O romeiro era D. Ramiro, senhor do Castello, que em uma tarde de estio pedira agua a uma moura que com sua filha vinha da fonte. Como ella lhe não satisfizesse os desejos por ter deixado cair o cantaro, aquelle, irado, trespassou-as com a lança, o que foi presenciado por um joven mouro, filho e irmão das duas victimas, e que D. Ramiro levou captivo. Cresce o mouro junto de Beatriz, filha de D. Ramiro, e, á medida que correm os annos, cresce um amor puro

*Os clichés do Castello de Almourol, foram obsequiosamente cedidos pela Escola Pratica de Engenharia.*

entre os dois jovens, até que, falcendo a mulher de D. Ramiro, e aproximando-se a época em que este devia chegar ao Castello, vindo de remotas paragens, elles, reconhecendo a impossibilidade de santificarem o seu amor, fogem, abandonando o Castello para não mais serem vistos. D. Ramiro, roído pelos desgostos, empunha o bordão de romeiro, e abandona o Castello, que rue sob a acção dos seculos.

Outra é a lenda do *Palmeirim de Inglaterra*. Um gigante chamado Almourol, habitava o Castello, onde foram ter duas nobres damas Miraguarda e Polinarda, com os seus sequitos. Sabendo isto, Palmeirim, paladino de Polinarda, volta a Portugal e tenta raptar a sua dama, o que não consegue, por se ter interposto o Cavalleiro Triste, paladino de Miraguarda. D'ahi resulta um repto d'onde ambos sahiram mal feridos, indo Palmeirim para Paio de Pelle e o Cavalleiro Triste para os braços da sua dama.

Dramusiando, gigante amigo de Palmeirim, sabendo isto, corre em seu auxilio e, derrotando Almourol e o Cavalleiro Triste, liberta Polinarda que é restituída a Palmeirim.

Uma outra lenda diz ainda que habitava o Castello em meados do seculo XII. um emir arabe Al-Morolan, que lhe transmittiu o nome, com uma filha formosissima. Enamorou-se esta de um cavalleiro christão, que, servindo-se d'este amor, commetteu a traição de abrir a porta do Castello aos seus homens de armas, enquanto o arabe, abraçado a sua filha, se lançava nas profundas aguas do pégo.

São, em summula, estas as principaes lendas que correm sobre o castello de Almourol e que alguns dos nossos escriptores teem aproveitado para temas das suas produções litterarias. Mas, por mais interessantes que sejam, não sobrelevam de forma alguma a historia do Castello que atraz deixámos escripta, tão intimamente ligada com vultos como Gualdim Paes, que nelle tem — senão o mais grandioso — pelo menos o mais pictresco e duradouro padrão.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.



GRACIOSA — VILLA DE SANTA CRUZ

# Uma excursão aos Açores

(Conclusão)

Levantamos ferro.

Poucas horas são decorridas de viagem, e estamos ao pé da Graciosa.

Graciosíssima é, na verdade, esta ilha, que deve o nome á belleza dos seus contornos, ao aspecto risonho que offerece a quem do mar a contempla, e a quem, lá dentro, do alto espalha o olhar pelo matiz de seus campos.

Desembarquemos na villa de Santa Cruz, a capital.

O que primeiro nos fere a attenção, ainmesmo antes de pisar a terra, é um grande monte, sobre cujo dorso se erguem tres altos cabeços, no alto de cada qual uma pequenina ermida branqueja.

Avistando a villa, e erguendo-se os tres outeiros, á medida que o vapor, fendendo a agua de manso, se vae approximando da terra, o *touriste*, que é quasi sempre um poeta, evoca, fatalmente, numa instinctiva suggestão, os versos daquelle trêcho da *Ilha dos Amores*:

*Tres formosos outeiros se mostravam  
Erguidos com soberba graciosa.*

E, chegados a terra, temos logo vontade

de subir lá acima, ao Monte da Ajuda, que é o seu nome, antegosando o panorama. E' magnifico: quasi toda a ilha fica sôb os nossos olhos; os campos estendem-se em verdes quadrados, mais parecendo jardins cuidados por mãos habeis de jardineiros, do que terras de sementeira amanhadas por mãos rudes de camponios.

Bello golpe de vista é este, para nós, que não temos tempo de percorrer a ilha, que mais alguma coisa tem de notavel do que a simples exterioridade que o nosso olhar, embora embevecido, num momento alcança.

Convem citar, de preferencia, a cratera dum extincto vulcão, que fica a tres kilometros da villa da Praia: No fundo dessa cratera ha uma enorme gruta, onde existe enxofre em abundancia, e de cujos tectos pendem estalactites e estalagmites.

E' a gruta de difficil accesso, sendo necessario ir-se amarrado para descer-lhe ao fundo. Raro, no emtanto, é o *touriste* que, visitando a ilha, não faça essa arriscada, mas interessante descenção.

Santa Cruz é uma villa alegre, com bons edificios, algumas ruas amplas e bem traçadas.

A villa da Praia é a segunda povoação

em importancia; e por mais quatro freguezias, de somenos vulto, é constituida toda a ilha, a mais plana do archipelago, e cuja superficie é medida por 98 kilometros quadrados.

Commercio e industrias, quasi nada. O solo feracissimo, porém, produz de sobra e do melhor para os habitantes da ilha Graciosa, que nós agora vamos deixar, para seguir nossa derrota.

Ao mar!

Poucas horas de viagem. Umas quatro. Surge S. Jorge.

Vamos desembarcar na villa das Velas,

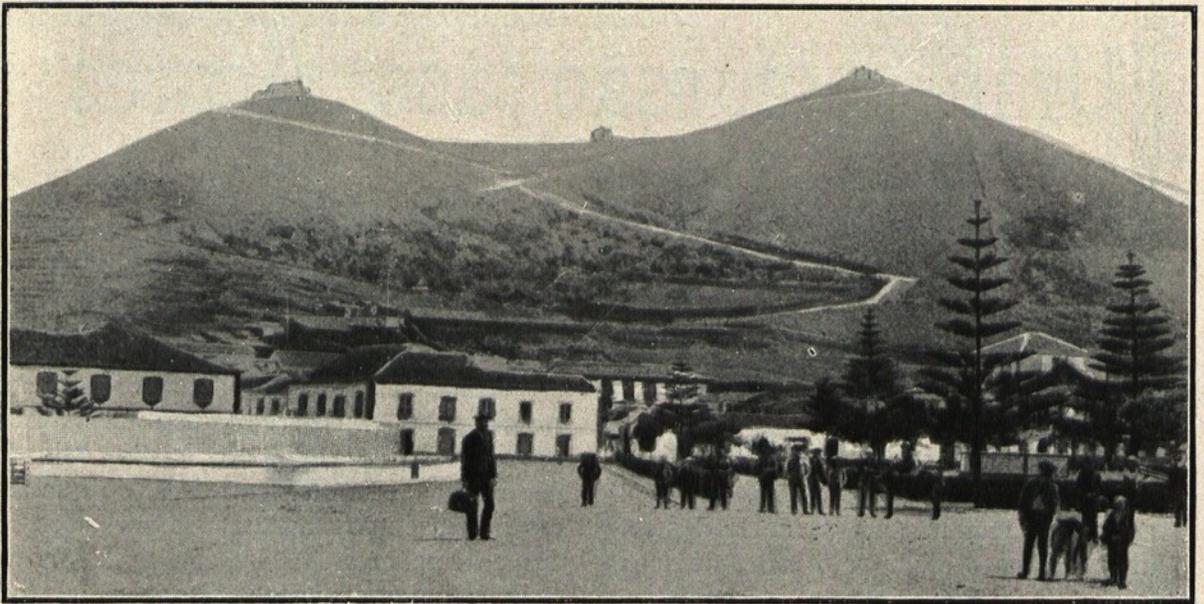
tas vezes castigadas severamente pelos insulares, como succedeu na villa da Calheta, segunda povoação d'esta ilha, assaltada por varias vezes e varias vezes victoriosa.

As Velas ainda é uma villa muralhada, o que lhe dá um aspecto unico de destaque, e faz evocar luctas antigas, o terror de populações quasi indefesas, toda uma vida, nos primeiros tempos, de sobresaltos e de guerras.

A ilha é cortada em todo o seu comprimento (uns 65 kilometros) por uma cordilheira de pequena elevação.

Do lado norte, o aspecto da costa é feio, sem casas e sem vegetação.

A costa sul, árida tambem lá por cima, é



GRACIOSA — UM ASPECTO DA VILLA DE SANTA CRUZ

capital da ilha e sua mais antiga povoação.

Esta villa fica situada nas faldas d'uma montanha, á beira-mar e duma larga enseada. Aprazivel é o seu aspecto, pelo tamanho e pela belleza, e de não vulgar importancia é o seu commercio.

Os principaes artigos de exportação, são os queijos e a manteiga, de que ali existe importante fabrica, artigos que, pela excellencia da sua qualidade, teem largo consumo nas outras ilhas, e no continente do reino.

Quasi abandonadas da metropole, pela distancia grande, e sem defeza rigorosa, o corso e navios de guerra de varias nações, por estas terras fizeram suas proezas, bas-

linda á beira mar, numa linha quasi ininterrupta de casas e farto arvoredo, por muitas leguas, da Caiheta ás Velas.

Não ha portos accessiveis a grandes embarcações, a não ser a enseada das Velas.

No centro da ilha, sem que do mar sejam vistas, poucas freguezias sem importancia, havendo apenas a notar as grandes pastagens para criação de gados, que tornam S. Jorge a ilha mais importante na industria de lacticinios.

E que mais dizer, se a nossa viagem tem de ser rapida, e não nos é dado demorar a attenção na historia, no commercio e na industria, na politica de cada uma d'essas pequenas e lindas terras? Nada. Invejar a

vida bucolica daquella santa gente, decorada sem preocupações, sem ambições e sem odios, cultivando na terra o pão de cada dia, ao murmúrio embalador da onda, quebrando-se de encontro á penedia rude da costa.

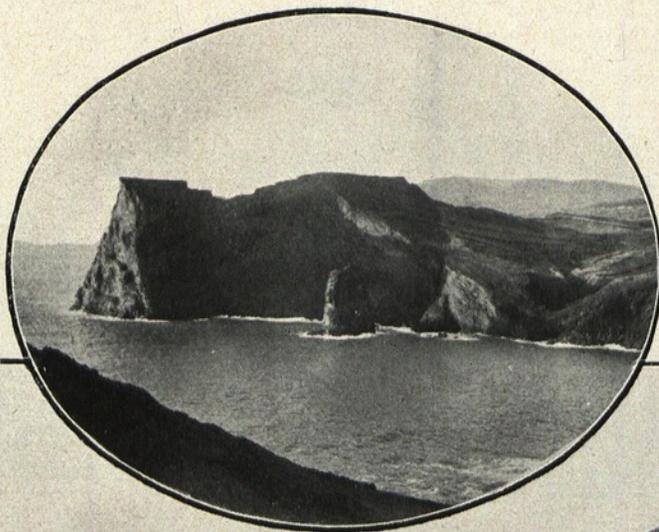
Um derradeiro olhar de despedida para traz, e depois, na frente, — um assombro...

Vista assim, de fóra, a ilha do Pico apresenta-nos o mais surpreendente espectáculo que imaginar se pode.

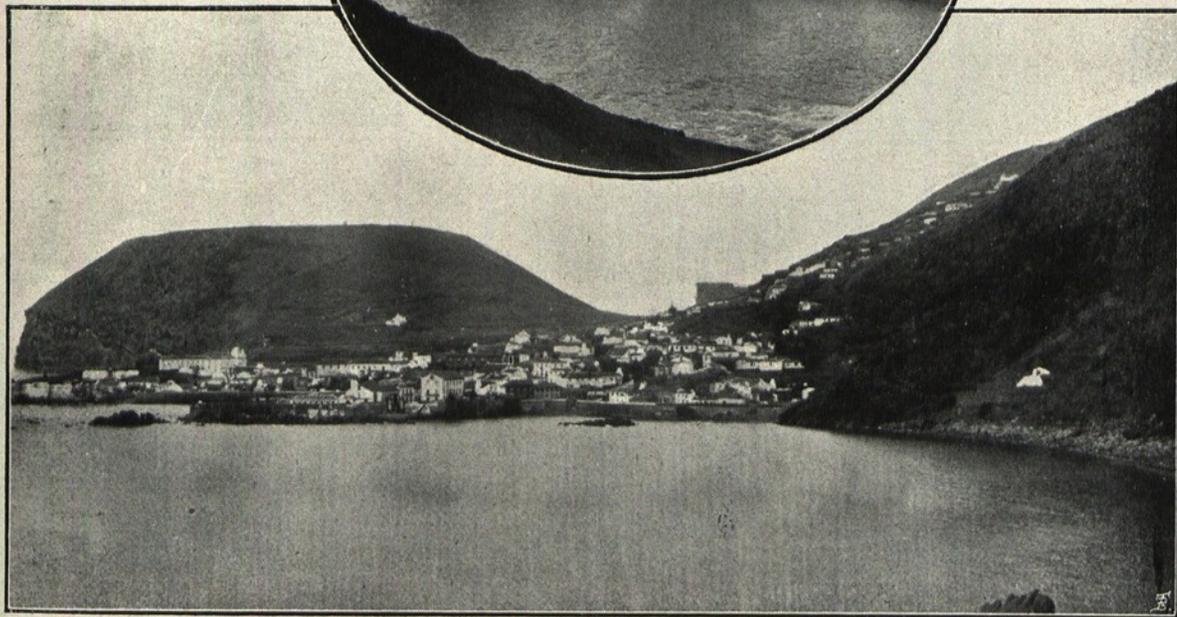
A ilha só é habitada cá por baixo. Para cima, galgando a encosta, cuja ascensão é difficilima, ha apenas mattas, depois uma vegetação rasteira, depois só terra vulcanica, pedregulhenta, queimada.

Como o ceu dos Açores nunca está completamente varrido, a montanha que vamos agora costeando toma, por

ILHA DE S. JORGE — MORRO DE LEMOS



O Pico!  
O dia é lindo, porque estava escripto que esta nossa viagem havia de ser feita com um tempo de-



VILLA DAS VELAS — UM TRÊCHO DA COSTA

licioso, para que toda a variada e encantadora paisagem insular nada perdesse do seu brilho a nossos olhos.

Assim, os 2:300 metros de altura da montanha magestosa, recortam nitidamente a sua negrura vulcanica, batida de sol, no azul desmaiado do ceu.

E quanto mais o navio avança e d'ella se aproxima, mais parece que a montanha alteia, alongando o seu vertice agudo, para descer obliquamente tomando uma configuração de pyramide, alastrando a base rente ao mar, onde branqueiam algumas pequenas povoações de pescadores.

effeito das nuvens que sobre ella poisam, e a que a luz do sol empresta tonalidades magnificas, aspectos verdadeiramente phantasticos.

Parece até que cobre a montanha um desses mantos adejantes de bailarinas, nos quaes todas as côres do iris perpassam, n'um deslumbramento, por combinações electricas de effeitos maravilhosos.

A's vezes, no poente, ainda por effeito das nuvens, parece que o Pico abraza em fogo; outras, que a neve cobre o seu dorso; outras, ainda, que um manto de cinza o vestiu todo.



O PICO, VISTO DO FAYAL

No inverno, outros interessantes aspectos apresenta, sendo o mais curioso o do gelo a escorrer, a alastrar-se — como um grande manto branco rendado de que a montanha se andasse a cobrir.

E não tem o Pico mais de que fallar-se, a não ser dos seus vinhos, dos seus fructos e dos seus queijos.

Estes tres artigos (aliás axcellentes) constituem o principal do seu commercio entre as ilhas.

Não precisamos, pois, desembarcar, porque lá dentro, — pequeninas terras de campios e de pescadores — nada de notavel existe.

Basta-nos vêr de longe aquella enorme montanha, que rasga o ceu, e seguir, tomados de assombro e de encanto, com os olhos postos nella, até que aportamos á Horta, capital do Fayal, fronteira ao Pico.

\*  
\* \* \*

Logo o aspecto da cidade, num amphitheatro risonho, predispõe bem o espirito do viajero, que nella vae desembarcar.

Caiada de branco, a estreita fila da casaria, á beira mar, com suas persianas verdes, parece que tem um sorriso de boas-vindas para o forasteiro.

E o forasteiro, como nós, atravessando o canal entre o Fayal e o Pico, canal que mais parece um rio, pela pequena distancia das costas, sente o contagio daquelle riso, torna-se alegre tambem.

Aproamos á Horta. Entramos na vasta e abrigada bahia, depois no porto artificial, apenas defendido por um estreito molhe, que mais não é preciso, mercê das suas naturaes condições de segurança.

Desembarcamos E, uma vez em terra, vamos dar um passeio pela pequena cidade. Confraternisemos com os seus habitantes, vejamos a sua vida. Poucas ruas temos a correr, nenhuns edificios a admirar, a não ser, pela sua grandeza, esse antigo convento de jesuitas, hoje constituido pela igreja matriz e pelas repartições publicas.

A igreja é notavel pelos seus azulejos e velhos quadros, pela magestade das suas naves.

Toda a cidade, á beira mar, é orlada por um areial. Dá-lhe relativa importancia

o ser estação central do cabo submarino, imprimindo-lhe certa vida o elemento estrangeiro, empregado nas companhias ingleza, americana e allemã.

De resto, o commercio, tanto maritimo como terrestre, é pequeno, e a vida decorre ali serena e monotona, como n'uma grande aldeia.

O traço mais caracteristico da população, é o da intelligencia, dum certo grau relativo de instrucção, superior ao dos habitantes das outras terras açoreanas.

As pessoas mais bem cotadas da Horta,

leza, a grandesa phantastica do quadro, que a um tempo impressiona e encanta:

Para um e outro lado, muito em baixo, estendem-se duas vastas planicies, cujos campos, em verdes quadrados, que a brancura das cazas pica, a espaços, nos dão um bello aspecto de alegria e fartura.

Voltemo-nos para o mar: Surge, lá em baixo, a facha da cidade e o porto. Depois, o canal azul e vasto, e em frente o Pico, que, á medida que vamos subindo, mais alto e mais proximo nos parece, rasgando o azul com o seu cabeço agudo.



FAYAL — VISTA GERAL DA CIDADE DA HORTA

na intellectualidade, no commercio e no funcionalismo, findos, pela tarde, os seus labores, passam o tempo nos tres clubs da cidade, jogando, lendo, ou conversando, até ás 10 da noite, hora a que o pequeno movimento da Horta se extingue e tudo entra burguezmente na quietação e nõ repouso.

Eis a cidade. Agora, o campo.

Temos, logo aqui bem perto, abrigando a cidade, o dorso alto da Lomba, que num instante podemos galgar. Venha a carruagem, e subamos.

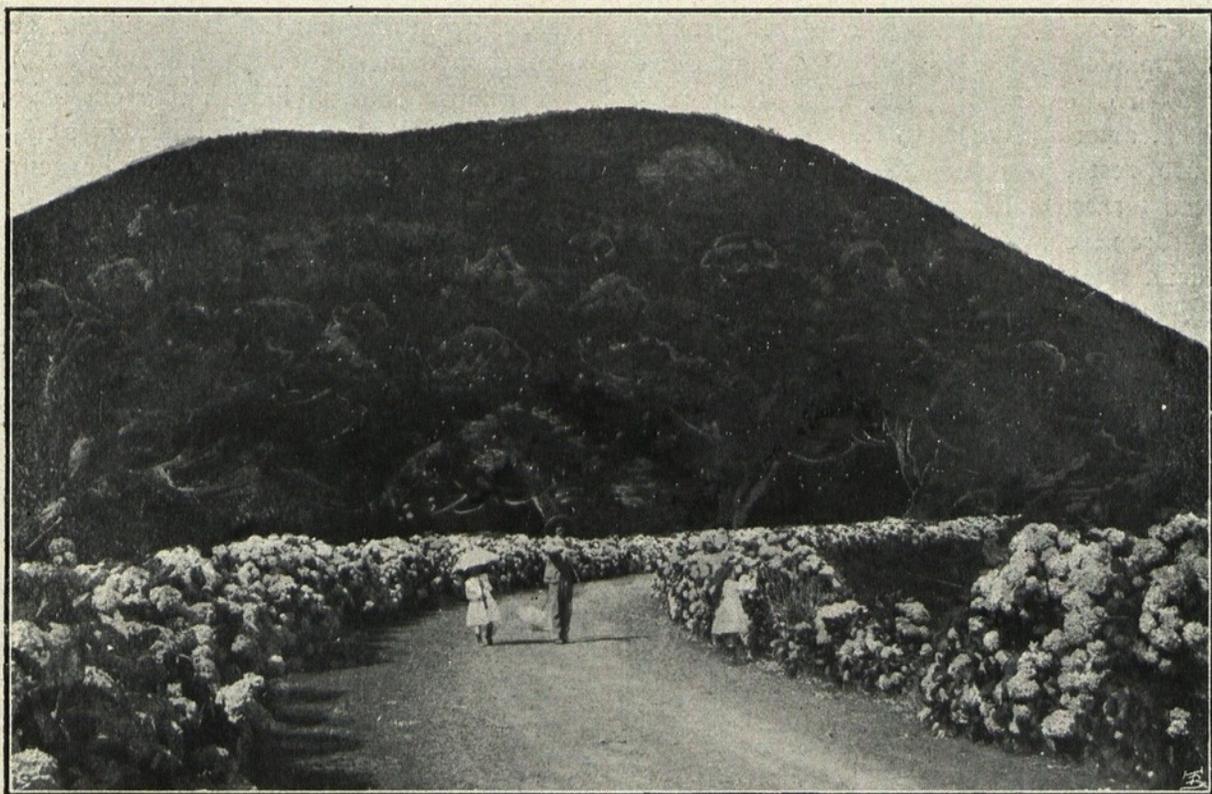
Chegados ao cimo da Lomba, que uma estrada pinturesca atravessa longitudinalmente, ficam nossos olhos inebriados ante a bel-

Por traz, estende-se S. Jorge, cujas cazas se veem bem nos dias claros, e ao fundo avista-se a massa escura da Graciosa.

Viram já mais surprehendente quadro? Desconfio bem que não.

Seguindo estrada acima, para o interior, e entrando por atalhos quasi intransitaveis, conduzem-nos as muares, praticas no caminho da serra, até á bocca da Caldeira, — cratera que se escancára no mais alto do matto, descampado e triste.

Sentamo-nos á sua borda. São 1:800 metros de circumferencia por 1:000 de profundidade, aproximadamente. Pelas encostas, vegetação rasteira, e, lá no fundo, a agua



FAYAL — ESTRADA DA PRAIA DO NORTE



FAYAL — ESTRADA DO RIBEIRO SECO

das lagoas brilhando ao sol. Em volta, pelas fragosidades da serra, silencio absoluto, desolação. Ao longe, o mar, as tres ilhas já vistas, e mais distante a Terceira, esfumada na curva longinqua do horisonte.

Na pequenina ermida, que ali se ergue, celebra-se pelo S. João uma alegre romaria, a que vae quasi toda a população da ilha. Pelo inverno, os gelos e os nevoeiros cer-

altas filas de hortensias, de cujo seio irrompem milhares de roseiras floridas.

E assim vamos caminhando por duas horas, até ao Capello, n'um encanto de sonho, na estrada plana e recta, por entre a musica vibrante das aves e o perfume inebriante das flores.

No emtanto, o arvoredado é escasso. Dum lado, o terreno desce em suave declive, até



FAYAL — LAVADEIRAS NA RIBEIRA

rados afugentam da serra toda a nota humana.

A desolação é completa.

Mas, deixemos esta paysagem, que impressiona pela grandeza e pelo mysterio; volte-mos á cidade e, tomando carruagem, marchemos para um passeio impressionante, tambem, mas pela alegria, apenas: — ao Capello.

A principio a estrada é banal, a vegetação insignificante; mas, percorrido meio caminho, a segunda metade é dum encanto innarravel.

Esta parte é toda plana e com poucas curvas. Caminhamos entre duas grossas e

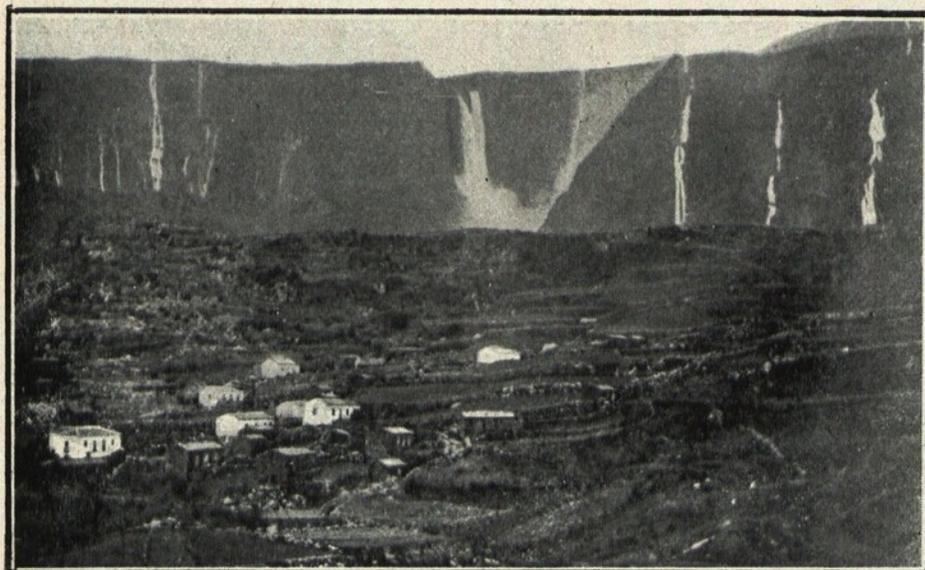
ao mar; do outro, erguem-se pequenos montes, de graciosos contornos, dum queimado negro ou rubro, denunciador da acção dos vulcões, que por ali se fizeram intensamente sentir.

Pelo Capello adentro, ainda as hortensias continuam a abrir alas. A freguezia é deveras pinturesca, como os Flamengos, como Castello Branco, e a Ribeirinha, como os Cedros, na parte norte, onde a vegetação manifesta maior pujança, tendo trêchos de estrada encantadores

Dito isto, e visto o principal, sigamos na nossa viagem, que está proxima do termo. O sonho vae continuar...



FLORES  
VILLA DE SANTA CRUZ



FLORES — CASCATA DA RIBEIRA GRANDE

A jornada é, agora, mais longa do que entre as ultimas ilhas. As Flores e Corvo ficam lá para o occidente, a cerca de 12 horas de marcha regular. Perdido de vista o dorso do Fayal e o cabeça altaneiro do Pico, começamos dahi a pouco a avistar pela prôa a pequena e linda ilha das Flores, penultima *étape* d'esta delicosa viagem, que tanto tem deleitado, impressionado, encantado o nosso espirito. Não é verdade?

Ilha das Flores! Nunca nome algum foi tão bem aplicado como este. De flores está coberta a ilha; e, á maneira que d'ella

mais nos aproximamos, mais temos a impressão de que vamos desembarcar em um jardim, que a natureza tivesse plantado ali, em pleno oceano.

Desembarcamos em Santa Cruz, a capital da ilha, que é onde o vapor aporta, quando o tempo lhe dá li-

cença para isso. Além d'esta villa tem as Flores ainda outra, a das Lagens, e as freguezias da Fajansinha, Fajã Grande, Mosteiro, Lagedo, Lomba, Caveira, Cedros e Ponta Delgada.

Por todas ellas, para qualquer lado que nos encaminhemos, a paysagem tem magnificos aspectos, a vegetação manifesta-se pujantemente, as flores irrompem por toda a parte, matizando a verdura do solo uber-rimo.

O terreno é accidentado, ravinoso; e aguas abundantissimas, despenhando-se de alturas de 300 metros, formam quedas magestosas e gigantescas, como essa da cascata da Ribeira Grande, e alastram-se em

ribeiros por toda a ilha, riscando-a de branco em todas as direcções.

Na ilha das Flores ha sete belas lagoas, uma das quaes é tão importante que a sua massa de agua tem 112 metros de profundidade.

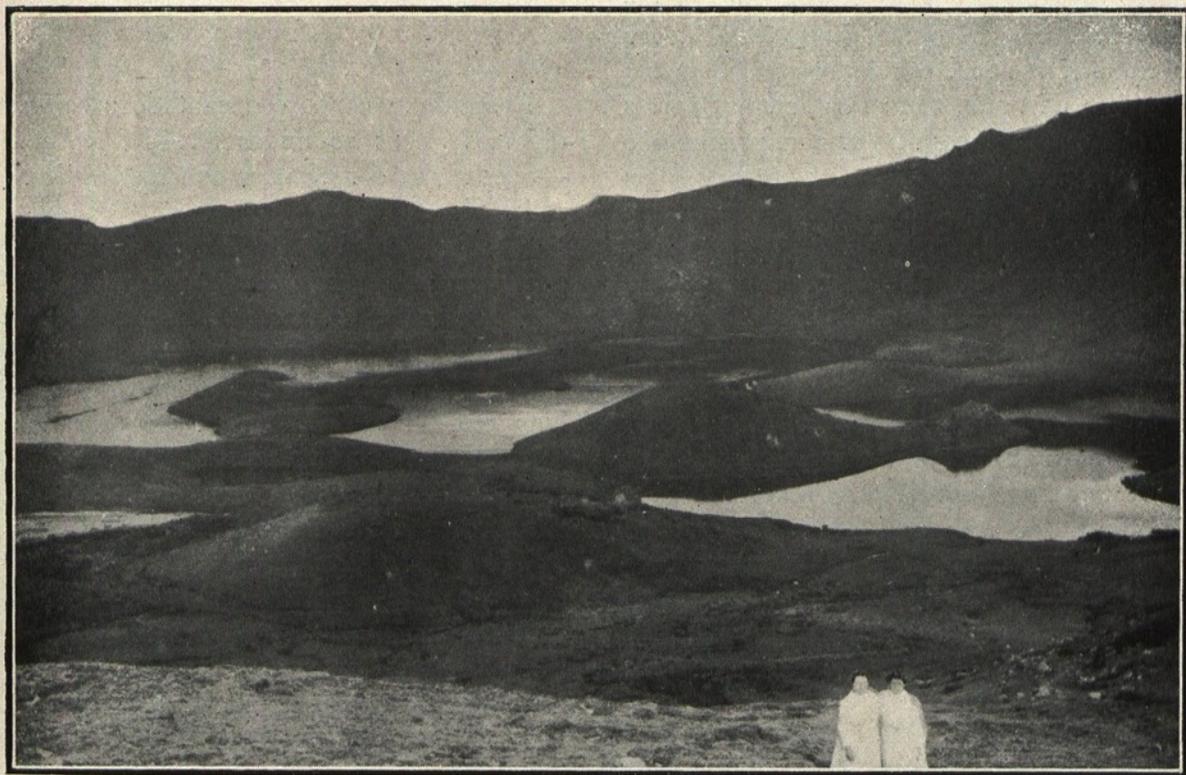
Por este tempo, em que a natureza mostra, em todo o seu esplendor, as galas de que se veste, as alcantiladas rochas da ilha cobrem-se totalmente de flores, por entre as quaes os regatos crystalinos serpenteiam, de queda em queda, despenhando-se

ilha das Flores a mais bela e interessante do archipelago dos Açores.

E agora, finda a visita, partamos, prôa ao norte, direitos ao Córvo. São apenas 5 horas de viagem.



O Córvo é a mais pequena de todas as ilhas dos Açores. A mais pequena e a mais curiosa na sua organização social.



CORVO — CALDEIRAS

no fundo dos vales ou no mar revolto, que de encontro aos rochedos basalticos quebra as suas ondas, desfazendo-as em espuma.

As communicações são dificeis, de maneira que só custosamente podemos ver todos estes aspectos curiosos da pequena ilha. A principal industria é a da manteiga, que se exporta para Lisboa e para as outras ilhas.

Onze a doze mil habitantes; pequenas industrias locais; trabalhos do campo; pesca da baleia; emigração para a America.

Nada mais.

A nós, o que nos interessa, porém, é essa paisagem grande e original, que torna a

Tem duas leguas de comprimento por uma de largo. Alta e defendida do mar por uma rocha basaltica de mais de 250 metros de altura, a ilha semelha uma verdadeira fortaleza.

Tem uma povoação unica: a Villa do Rosario, onde vivem, na santa paz do Senhor, virgens de ambições e limpas de maus instinctos, 800 pessoas.

Dizer da sua existencia é apresentar ao leitor uma pequena familia de socialistas, trabalhando comumente a terra e em comum dividindo os seus fructos.

Sequestradas do convivio do mundo, essas 800 pessoas só delle têm noticias quatro

vezes por anno, se o mar consentir, ainda assim, que em todas essas quatro vezes o vapor da carreira possa communicar com a terra. Ali não se rouba, não se mata, não se difama.

Rarissimo é que a justiça tenha de intervir em qualquer conflicto, e, neste caso, essa justiça é exercida pelas tres entidades superiores da ilha, que são o administrador do concelho, o padre e o regedor. São elles que dicidem da sorte do delinquente; e, se este tem que soffrer pena de reclusão, vae para uma cadeia, com porta aberta e sem guarda, d'onde pode fugir com a maior facilidade. Mas não o faz. Impõe-se o dever de cumprir a pena, e cumpre-a.

Mesmo de noite, não se trancam as portas das habitações. Ficam no trinco, porque não ha odios que justifiquem um attentado, nem necessidades ou instinctos que conduzam ao roubo.

A seguinte nota friza bem a honestidade daquelle bom povo: Sendo a santa do logar a que mais oiro possui nos Açores, a chave da igreja fica sempre n'um prego da porta da sacristia, pela parte de fóra. Quem quer, seja a que hora fôr, tira a chave, abre a porta, entra na igreja para rezar. E nunca á santa faltou nem uma só das suas joias! Num dos extremos da ilha ha um pedaço de rocha que semelha uma estatua grandiosa, voltada para a America, como que apontando aos navegantes o caminho do Novo Mundo.

Lisboa, julho de 1908.

Digna de vêr-se, tambem, é essa cratera enorme, no centro e no mais elevado da ilha, e que se denomina Caldeirão. Lá no fundo, a emergir das aguas, ha nove pequenas ilhotas, que a natureza caprichosa alli collocou, com a mesma forma e a mesma disposição das nove ilhas do archipelago, que nós acabamos de visitar, e cujas belezas, surprehendentes para ti, leitor amigo, e para mim sempre novas, passaram ante os nossos olhos, rapidamente e deslumbradoramente, como se as vissemos atravez um kaleidoscopio.

\*  
\* \* \*

Fatigado o corpo e encantado o espirito, digamos adeus ás lindas terras dos Açores — que assim o reclamam as necessidades da nossa vida.

E, agora de novo em Lisboa, finda a viagem que a empreza dos *Serões* te facultou por 200 réis, apenas, certamente que tu, meu companheiro, irás apregoar, por toda a parte em que te encontres, as maravilhas que teus olhos viram, em terra portugueza, de portuguezes tão ignorada — terra eleita e tão linda que, por si só, basta para constituir o orgulho d'uma nação.

Tão prodigo para Portugal, foi com certeza o ceo que ergueu, num gesto inspirado, o braço do infante de Sagres, e que abriu nas aguas o trilho luminoso que até aos Açores sulcou a nau gloriosa de Frei Gonçalo.

RAPOSO DE OLIVEIRA.



CORVO — UM ASPECTO DA ILHA

# Tolstoy octogenario



UANDO um homem attinge os oitenta annos, como succedeu ao conde Lyof Tolstoy a 28 de agosto, não deve ser julgado pelas suas incoherencias, ou pelos seus actos exceptionaes e porventura excentricos. Deve observar-se a sua vida na integra. Que grandes cousas conseguiu? Qual foi a sua influencia?

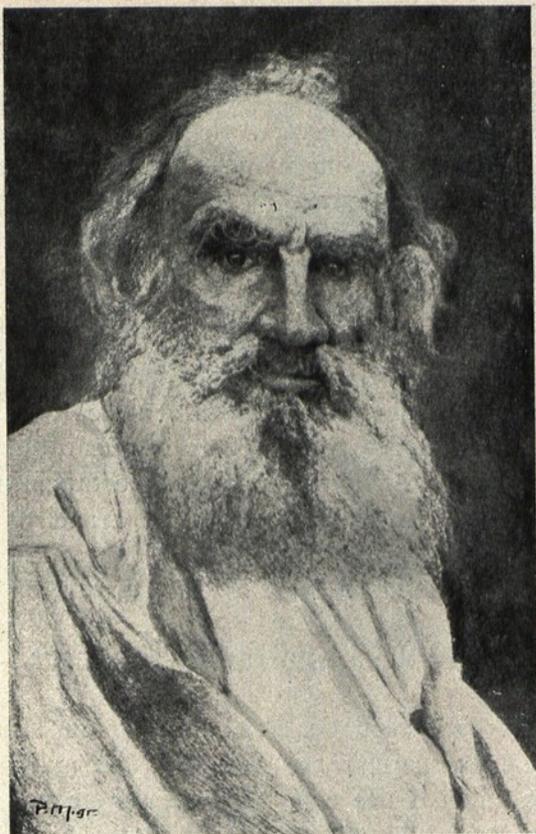
Tolstoy, cuja saude é ainda vigorosa, tem vivido muito, tem pensado muito, tem escripto muito. Seus compatriotas prestam-lhe calorosa homenagem e d'elle se ensoberbecem. Exemplo quasi unico na Russia, tem tido a faculdade de expressar sem temor os seus pensamentos, de revelar quanto lhe vae no espirito, de affrontar a egreja dominante, de criticar o czar, e de não ser apesar d'isso maltratado, nem sequer incommodado.

## A interpretação da obra de Tolstoy

A carreira de Tolstoy tem quatro periodos importantes. Quando moço, foi o homem do mundo alegre, amante dos prazeres, favorito na côrte, soldado, grande proprietario territorial. Depois applicou-se á litteratura, e escreveu livros que pela simplicidade e pelo vigor lhe grangearam o applauso do mundo. Foi este o periodo de *Guerra e Paz*, e terminou com a sua obra prima, *Anna Karenina*. Elle proprio assim fala das suas creações:

«Comecei a escrever por vaidade, por amor ao lucro, e por orgulho. Pagaram-me por isso. Vivi á grande, bem alimentado, bem installado, magnificamente acolhido, e alcancei fama. Segundo todas as apparencias, o que eu ensinava era optimo.»

N'esse tempo, era elle avido de elogios, e costumava escrever aos amigos a pedir-lhes o informassem do que diziam a seu respeito os que liam as suas obras. Comtudo, lá no seu intimo, nunca podia ter sido amante sincero da litteratura ou da arte. Apreciava o renome que essas obras lhe davam, mas manifestava sempre um certo desdem aristocratico pelos homens que escreviam. Talvez



O CONDE LYOF TOLSTOY

De uma gravura de Ivan de Bodijansky

existisse n'elle essa tintura de barbarie que parece occultar-se sempre nas profundezas do character russo. O que é certo é que dentro em pouco elle se desaveiu de todo com toda a litteratura, e não é facil citar grandes nomes que elle não conspurcasse com o fel do seu odio. A Goethe chamava «plagiario»; descrevia a poesia de Dante, Milton e Shakespeare como «grosseira, selvagem, e muitas vezes insensata.» A musica de Beethoven e de Wagner era para elle «calculada e artificiosa.» Causa extranha! da «Cabana do Pae Thomaz» é que elle declarava advir-lhe o maior deleite.

O mal que de facto affligia Tolstoy era o tedio do mundo. O segredo da genuina indole russa é a simplicidade; e por fim Tolstoy procurou regressar a uma fé simples assim como a uma vida simples. Tudo quanto pertencia á nossa complexa civilisação, capitulou elle de «existencia de manicomio.» As doutrinas de Christo, acceitas litteralmente, foram seu unico guia religioso. A cultura do solo era a unica occupação consentanea para um homem que conhecesse a verdade. Por conseguinte, esse homem genial voltou as costas ao esplendor das grandes capitães.

e foi-se metter na sua propriedade de Yasnaya Polyana, na Russia Meridional; e ahi vive hoje, quanto possivel, a vida de quem nada vê de bom em quanto não seja a essencia de simplicidade.

O conde teve desejos de se desfazer generosamente de toda a sua fortuna; sua mulher oppoz-se porém pelas vias legaes e tomou conta d'ella. Tolstoy não quiz nunca aproveitar-se dos seus direitos de auctor, e por isso os seus livros estão á mercê de todos os editores do mundo, sem que o autor receba um ceutil da enorme importancia da venda. O seu traje são pelles de carneiro ou fatos de lã grossa. Imagina elle viver como o mais humilde *moujik* da sua terra.

### Tolstoy será inteiramente sincero?

Verdade verdade, a simplicidade de Tolstoy é mais apparente que real. Sua mulher, que cuida d'elle com tanta ternura como se elle nunca houvesse declarado que o casamento era cousa vil, vigia para que o marido não seja privado de confortos. Por baixo das asperas vestiduras externas, usa elle o linho mais fino. Apesar de simples, a sua alimentação é da melhor especie, cozinhada com toda a pericia de um *chef* parisiense. Em vista da sua idade avançada, elle não percebe os ternos fingimentos de que o rodeiam. Costuma dizer:

— Sou pobre. Quasi que não tenho de meu um copeck. Nada posso dar á caridade.

Litteralmente, diz a verdade; mas na realidade existe uma fortuna nas mãos d'aquelles cujo prazer é prover ao seu conforto. Come em louça barata, e affirma:

— O meu alimento é simples como o de qualquer camponio.

Não percebe que esse alimento consiste em iguarias preparadas com requinte, acompanhadas de pecegos e outras fructas que fóra da estação propria nem sempre apparecem nas mezas mais opulentas.

De todas as partes do mundo concorrem homens e mulheres a visital-o. Para aquelles que o escutam com respeito tem elle sempre palavras benignas. A outros, que discutem as suas opiniões sobre a vida, não occulta uma brusca impaciencia. Não ha muito que o presidente de uma das primeiras universidades americanas lhe fez uma prolongada visita. Era homem de vasta erudição e de grande experiencia.

Quando se foi embora, perguntaram a Tolstoy:

— Que lhe parece este sabio americano?

— Não passa de um barbaro — retorquiu o Mestre.

É facil zombar das incongruencias da casa actual de Tolstoy, mas não deve esquecer-se que elle é terrivelmente sincero. Qualquer que seja o nosso pensar ácerca das suas crenças, devemos respeitar-lhe o forte empenho em prol da fé simples, da pureza e da verdade. O mundo conforme elle o quer sem duvida que nunca será; todavia a sua grandeza e o poder da sua doutrina teem acoroçoado aquelles que desesperam do que o mundo é na actualidade, e que alongam a vista para os ideaes de uma humanidade perfeita.

Descrevem-no muitos como socialista, mas na realidade, como todos os seus compatriotas, elle é em ultima analyse um fatalista. Mostra-o continuando de quando em quando a escrever para o publico, embora frequentemente diga que os livros e a leitura são apenas uma das fórmulas do mal. Quando lhe lançam em rosto esta incoherencia, elle responde, na conformidade do espirito fatalista:

— Ser-me-hia impossivel deixar de o fazer. É naturalmente que faço isto.

E no emtanto, depois de o ter feito, fica descontente, e prosegue no empenho de se levantar acima de si proprio e de alcançar a meta do absolutamente justo, sem embargo das hostilidades que provoca.





Historia de um assassino, contada segundo os jornaes  
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSIS. — Capítulos I a X: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite e acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer ve o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lel-o. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku. Prospero de Blondel, ex-policia ao serviço de Cavanagh, declara que a espera vêr durante a procissão do Corpo de Deus.

XI

A LUZ DA JANELLA

Deviam ser cêrca das quatro da tarde quando me encontrei a sós com Mr. Cava-

nagh. O moreno Blondel, singularmente calado durante o excellente almoço que comemos, gastou depois uma hora certa, a escrever n'uma mesa perto da janella, d'onde podia examinar tudo quanto occorresse na rua. De quando em quando, é verdade, fazia cer-

tas observações que eu não podia explicar nem comprehender. Notou, n'um intervallo de descanso, que a hypothese mais racional era que Dubarrac fugira para Inglaterra. Não entrára nenhum mensageiro, nem se recebera nenhuma carta. Se não era feiticeiro, não possuia melhores informações que eu, e o céo bem sabia, que as minhas pouco valiam.

O que me surprehendia acima de tudo, era a maneira como estes dois homens dominavam uma excitação que não podiam occultar completamente. As suas palavras eram raras. Quando lhes indiquei a presença, na rua d'essa mademoiselle Mamavieff, que vinham procurar a Antuerpia, nem por um instante a descoberta desviou a corrente dos seus pensamentos, ou provocou qualquer manifestação. Sentámo-nos a almoçar como pessoas que assistiram a um desastre, mas que não o desejam discutir. A confusão que reinava lá em baixo não significava nada para nós. Os soldados galopavam, a officialidade superintendia nos seus movimentos, a policia corria atraz dos homens que tinham fugido e isso nada nos importava. O mais absoluto silencio, ou phrases sem sentido, a contrastar com o semblante pendido de Mr. Cavanagh e com os olhos inquietos do mudo Blondel. Não era possivel que estes homens tivessem vindo a Antuerpia melhor informados que os demais. Ver-se-ha como me enganava redondamente.

A's quatro horas Blondel sahiu e pouco depois Mr. Cavanagh propoz-me para darmos uma volta por Antuerpia antes de jantar. Agradou-me a proposta e durante duas horas ou mais demos um delicioso passeio. Se elle parecia não se lembrar dos acontecimentos da manhan, certifiquei-me afinal que não os esquecerá de todo. Em seguida a visitarmos a famosa egreja de S. Paulo, com o seu grotesco purgatorio no portico, perguntou-me se tencionava escrever alguma coisa ácerca do que vira na Praça Verde.

— Vale a pena — disse — narrar a occorrença. Conte em Inglaterra como por causa das suas leis morrem mulheres e creanças. E' uma racional sequencia do seu estudo sobre *A loucura do individualismo*. Justifique as medidas de força tanto quanto possa, Ingersoll. Afigura-me que todos tomarão em consideração esse trabalho; pode

fazer muito por aquelles que acreditam na repressão, como eu acredito na efficacia da guerra sem treguas, sem mercê, contra essas creaturas. Escreva alguma coisa além; existe demasiada liberdade no seu paiz e no meu.

Respondi-lhe que desejaria fazer como me indicava, mas que achava a tarefa difficil.

— Affirme que a nação tem por dever defender-se, o que é certo. E' uma affronta para a humanidade considerar esta gente como tendo juizo. Pregue o exterminio como antidoto á mania homicida, faça com que esses altruistas se mexam. O senhor previu isso.

Não respondi.

— Tambem eu o previ, Ingersoll. O seu paiz protege essa gente com medo d'ella.

— Não creio, Mr. Cavanagh.

— Meu caro amigo, que direito tem o senhor para crêr ou descrever. Não recebeu hoje a sua primeira lição? Seja estudante ainda por um pouco e diga-me o que é crença e incredulidade. Ha de vir tempo que não haja mais vigoroso campeão que Bruce Ingersoll. Conheci isso desde o principio e cada vez me convenço mais d'essa verdade.

Mudou de assumpto repentinamente e começou a falar da indesculpavel indifferença das grandes cidades por aquillo que mais de perto as interessam.

— Depois da batalha de Sedan os campos continuaram a ser cultivados; aqui nem os homens nem as mulheres modificam as suas lides quotidianas na coisa mais insignificante por causa do incidente da Praça Verde. Não é nada para elles. Mesmo que alguns dos seus filhos fossem victimas do attentado, não o sendo elles, encolhem os hombros e proseguem no seu caminho. Devemos ensinar o povo a olhar pelos seus interesses, Ingersoll, mostrar-lhe o que devem á familia. E' essa a minha missão, de que não me descuidarei. Ensinar ao povo o que isto significa para elle... o que isso significa para mim.

Falava com ardor, e entusiasmava-se com as proprias palavras. Durante um momento pareceu soffrer como eu o vira soffrer no hotel de Londres.

O accesso diminuiu com a mesma vehemencia com que crescera, e encontrei-o quasi alegre ao jantar, com o seu habitual feitio um tudonada sardonico.

— Blondel prepara-nos uma pequena surpresa, — exclamou mysteriosamente quando voltávamos do restaurante para casa — não o devemos fazer esperar, Ingersoll. Estava na rua dos Ingleses, penso, ás nove horas. Quer vir commigo, ou tem receio? E' dever meu prevenil-o que corre ali algum risco. Não estaremos precisamente em Waterbeach nos nossos commodos aposentos. Quer vir commigo, apesar d'isso, Ingersoll?

Respondi que o acompanharia fosse qual fosse o risco. A minha hesitação em acceitar as suas opiniões pessimistas ácerca do povo não era o bastante para me julgar covarde.

— Sinto grande prazer em ir comsigo Mr. Cavanagh, — adduzi, pois era verdade.

Pareceu ficar satisfeito, penso, e immediatamente ordenou ao seu creado Edward:

— Mr. Ingersoll e eu vamos onde não gostam de ver fatos apurados, Edward, — disse; — traze-nos qualquer coisa com que nos disfarçemos e depressa. . . O sr. Blondel espera-nos.

Foi obedecido sem um murmurio e, decorridos dez minutos sahiamos da Praça Verde com duas características blusas azues como muitas que andavam n'aquella noite em Antuerpia. Creio que nem o meu melhor amigo me reconheceria, embora me encontrasse hombro a hombro com elle e me examinasse dos pés á cabeça. Mr. Cavanagh apparentava ser um gordo operario que gastára improficuamente a noite no café e que voltava para casa a instancias do filho. Porque era necessario este disfarce, que significava? Conhecia-o tanto como á morte. Comtudo não pude deixar de formular uma pergunta que surpreendeu immenso o meu companheiro.

— Espera prender mademoiselle Mamevieff esta noite, Mr. Cavanagh?

Girou sobre os calcanhares e olhou-me de frente em quanto eu falava.

— O que o leva a pensar isso, Ingersoll?

— Oh! como Blondel me recommendou que diligenciasse descobri-la. . .

— Explicou-lhe o motivo?

— Disse-me o que pensava.

— E o que eu tenciono fazer?

— A esse respeito nada disse.

— Fez bem; vamos, Ingersoll.

Considerarei a resposta singular e o tom em que foi pronunciada não presagiava nada

bom para a mísera rapariga em qualquer parte onde a encontrasse. O nosso passeio levou-nos até o Scheldt, seguimos pela margem do rio por meio de caes e docas e vultos caprichosos de navios phantasmas.

Uma vez, em pequeno, demorára-me alguns dias no Hotel Inglez no caes, e lembrei-me do sitio quando passei, mas o nosso destino não era ali, e sim n'uma pequena e estreita rua, um quarto de milha mais além. Ahí voltámos a esquina deliberadamente e paramos com toda a naturalidade deante da porta de uma casa, do lado esquerdo da viela. Mr. Cavanagh tirou uma chave do trinco da algibeira e entrámos.

Imaginem esta rua, correndo em angulos rectos, em direcção da cathedral e do coração da cidade. As casas, — ainda as mesmas de quando os hespanhoes deitaram fogo a Antuerpia, — são immensamente altas, algumas de madeira, com pavimentos salientes, velhissimas, cheias de fendas através das quaes assobia o vento. O chão é de lages gastas pelos seculos e pelos tamancos de muitas gerações, quasi razas com o solo que lhes fica por baixo. Os que as percorrem são ordinariamente marinheiros de calças largas ou mulheres pintadas, da peor especie que uma cidade continental pode abrigar. E' este o aspecto geral da rua, e a casa para a qual entramos não se me afigurou melhor que as outras. A velhissima escada tremia debaixo dos nossos pés quando subiamos. No segundo andar, onde paramos, não havia tres vidros inteiros na janella. Não vi nem homem, nem mulher, nem creança; não ouvi uma unica voz em todo o predio. Parecia estar ao abandono desde que o duque de Alva occupara Antuerpia. Quando Mr. Cavanagh me declarou que a casa era sua, então, na verdade, achei a affirmativa um tanto singular.

— Sua, esta casa?! Não comprehendo.

— E' minha, Ingersoll; vamos cear aqui. Não, por favor, não accenda a luz. Devemos arranjar olhos de gato para esta noite; olhos de gato e linguas de velludo. Agora venha commigo para não esbarrar em nada. Ha cadeiras na janella; não recebo os meus convidados de pé, Ingersoll.

Atravessámos a casa, com a maxima cautela. Havia duas cadeiras no vão da janella. Quando os meus olhos se habituaram um pouco á escuridão, divisei uma mesa ao pé

das cadeiras e os indecisos vultos de garrafas e copos.

— Schnapps, Ingersoll — murmurou — elogie os holandezes mesmo quando esteja em Flandres; não ha melhor bebida em todos os Paizes-Baixos que o Schnapps. Quando quizer fumar conserve o charuto abaixo da janella. E não accenda luz aqui, se quer saber quem reside no predio fronteiro e o que fazem ali.

Olhei para defronte e vi uma luz na moradia opposta, tão proxima da nossa que qualquer pessoa que estendesse o braço lhe tocava. O pavimento, saliente, formava como uma ponte sobre a rua, os vigamentos acercavam-se de tal modo que alguém que não sentisse vertigens saltaria de uma janella para a outra com o mesmo risco que uma creança que se empoleira em cima de uma porta. O facto era tão patente que não me poderia escapar em tal momento. Um primeiro relancear de vista para esse predio convenceu-me que era habitado; o segundo esclareceu-me que os homens que o occupavam estavam não menos sobresaltados, não menos vigilantes, não menos atemorizados.

Existiam cinco ao todo n'esse aposento; tres jogavam o dominó n'uma mesa ao centro; um dormia n'um sofá decrépito, o terceiro escrevia á luz d'um candieiro. As janellas tinham as cortinas collocadas ao lado e a do centro nem isso apresentava, pois fôra-lhe arrancada. Os homens pertenciam a diversas nações — um russo, um hespanhol e tres allemães — foi assim que a minha insufficiente experiencia os classificou. Que receavam ser espiados, tornava-se evidente pelos seus rapidos movimentas e frequentes perguntas. Não decorriam dois minutos sem que um ou outro abrisse o postigo e observasse cautelosamente o que se passava na rua. Pasmava que Mr. Cavanagh viesse a semelhante espelunca; não comprehendia nada.

— A minha casa, Ingersoll — disse baixinho quando me conduziu para a janella, mas não tão proximo que houvesse perigo de nos descobrirem — comprei-a logo que aquelles cavalheiros honraram esta rua com a sua presença. Não conhece Jean Ferrers, fabricante de velas, e seu filho Miguel? São aquelles dois. Nem mesmo os seus amigos saberão tão cedo do seu paradeiro. Vamos lá a experimentar um pouco de Schnapps

antes que a humidade nos entre nos ossos. Beba, Ingersoll; confesse que conserva o seu espirito lucido e que se sente tanto á vontade aqui como nos nossos pequenos e commodos quartos da Praça Verde.

Era estranho ouvil-o falar n'esse tom, mas attribui isso a qualquer excitação natural produzida pela situação e tambem não duvidava que a garrafa do Schnapps pertencera realmente ao velho operario a quem o seu agente comprara a casa. Escusado será dizer-se que não bebi, nem sequer tentei beber. Nem era tão insensato que me lembrasse de fumar, mas occulto com a escuridão, observava os homens como elle e esperava não sei bem o quê. Se qualquer perigo nos ameaçava não dei pela sua presença. O mysterio da casa lia-se claramente nas physionomias d'esses homens. Tudo isso, a nossa situação, a anciosa singularidade do caso, attrahia-me como um espectáculo. Porque me tinham trazido aqui e para quê? Para que recebesse uma segunda lição? Na verdade parecia-o.

Acceitara esta versão quando me dispuz a observar os visinhos, e diligenciar, no meu intimo, encontrar qualquer resposta que me orientasse em tal perplexidade. Que esse bando se relacionava de qualquer maneira com o attentado que eu presenceara na Praça Verde, não havia duvida. Accudiu-me até que um d'elles seria o celebre terrorista Dubarrac, e esta convicção enraizou-se a ponto de perguntar sem rodeios a Mr. Cavanagh.

— Qual d'elles é Dubarrac? — inquiri, sahindo-me a pergunta quasi sem querer.

Era evidente que a interrogação lhe agradara.

— Ah! vae aprendendo, vejo-o! — exclamou. — Dubarrac é o que escreve aos seus amigos de Hespanha, narrando-lhe o acontecimento d'esta manhan.

— Porque não previne a policia de que elle está aqui?

— Porque a policia não é sufficiente habil para o prender; ou se o prendesse não lograria fazel-o condemnar.

— Espera então ser mais feliz?

Não me respondeu. Dubarrac cessara de escrever, applicava intensamente o ouvido ao echo das passadas que resoavam na rua. Depois encaminhou-se para a janella e perscrutou as sombras. Em seguida assobiou de-

vagarinho; respondeu-lhe outro assobio do andar superior ao nosso.

Esta descoberta surprehendeu-me. Julgava que estavamos completamente sós em casa, e é facil de imaginar o que me custou a reprimir uma exclamação. Não eramos nós os unicos de vigia, deviam estar tambem os amigos de Dubarrac, desde que respondiam ao seu signal.

A descoberta, declaro, alvoroçou-me o sangue como se recebesse uma pancada. Senti uma especie de panico que me incitava a fugir de casa a todo o custo, a buscar a luz e a vida das ruas, sentia-me em face do perigo e desfallecia. Salvou-me d'esta covardia Mr. Cavanagh. Não me cruzava o cerebro um único pensamento que o seu admiravel espirito não o adivinhasse.

— E' o assobio de Blondel, Ingersoll.

— Então Blondel respondeu-lhes? Que louco fui!

— Não pensou n'isso, é o que é. Blondel assobia muito bem, ao que parece, mas as suas notas não agradam aos nossos amigos defronte. Observo que não estão muito á sua vontade. Repare em Dubarrac, esquece-se de acabar a sua interessante carta e carrega uma pistola de repetição.

Assim acontecia. Deslisara pela rua um murmurio de alarme e toda essa gente se puzera de subito de atalaia. Os dominós foram arrecadados, o candieiro apagado. Contemplei a instantanea visão de cinco rostos contrahidos pelo terror e depois o quadro occultou-se-me completamente.

— Para trás, Ingersoll, para trás? — segredou-me Mr. Cavanagh. — Já não estamos protegidos pela sua luz. Conserva a pistola que Edward lhe entregou? Muito bem; talvez precise d'ella agora. Espere e observe.

Puxou-me para o sitio mais ás escuras e collocou-se a meu lado na espectactiva. Não posso narrar exactamente o que succedia na rua, mas ouvi a bulha de muitos pés, e de chofre, sem nenhum aviso prévio, um enorme estrépido como se aglomerasse debaixo das nossas janellas numerosa multidão reclamando um prêso. Este temeroso brado, semelhante ao uivo de centenas de lobos humanos, era de uma ferocidade inexprimivel. Quedei-me aterrorisado, com medo até do som da minha voz.

— Ouve, Ingersoll? Os bons burguezes de Antuerpia veem saber o motivo porque Du-

barrac matou as suas mulheres e filhos? São bons burguezes, alguns d'elles teem já estado na cadeia. Se o nosso amigo além lhes cae nas mãos paga dente por dente e olho por olho. Não sei ao certo quanto o nosso amigo Blondel lhes pagou, mas deve ser uma somma consideravel, e justos céos, que vezes que elles teem!

O seu tom escarnekedor não se harmonisava com o fim que tinha em vista. Por baixo das nossas janellas rugia a gentilha alvoroçada que vinha vingar as pobres creaturas assassinadas na Praça Verde essa manhan. Esse momento produziu em mim uma excitação indescriptivel. A verdade patenteou-se-me com toda a evidencia. Estávamos ali, não para prender esses homens, mas para os matar; não em nome da justiça legal, mas servindo-nos de uma turba paga para manifestar a sua ferocidade, o seu prazer pelo sangue. O facto era tão indisputavel como terrivel.

Os meus amigos teem-me perguntado muita vez como pude presencear tal scena em silencio; porque não protestei nem accusei Mr. Cavanagh de proceder commigo incorrectamente. A resposta contém-se, talvez, na justiça absoluta do que fez, e a minha convicção, então indefenida, mas latente no meu espirito, é que elle actuava no interesse da humanidade e por esse modo deve ser julgado pelos seus semelhantes.

Se não era assim, se a determinante era a covardia, a covardia e a curiosidade, receio d'elle e receio meu, permanecemos onde estávamos sem que nada nos arrancasse a immobilidade. Como poderia intervir? Que poderia ter feito? Fechados entre quatro paredes, completamente ás escuras, no meio dos uivos e apupos que estrondeavam na rua, a minha firme convicção é que os agentes de Cavanagh se encontravam n'essa mesma casa de atalaia e de observação e que se consideravam sufficientemente fortes para salvar o assassino e fazer com que o respeitassem a elles. Como é que um homem desarmado se poderia impôr a um exercito, obrigar um hercules a curvar-se ante uma creança, fazer com que um humilde soldado não obedecesse á ordem do seu general?

A verdade é que me conservei mudo como qualquer outra pessoa nas minhas circumstancias. A repentina transformação de scena

despertou em mim uma tão intensa curiosidade que não houve argumento que a banissem. Ouvi esses temerosos gritos na rua com tão angustiada ansiedade que não a posso definir. Os meus olhos pareciam grudados á escuridão da janella fronteira. Não me era possível nem por um segundo desviar a vista.

Que succedia lá dentro? Tinham os homens conseguido fugir, visto não dar signal de si? Tinham-se frustrado todos os nossos ardis e estratagemas? Responderia affirmativamente, fiado nas apparencias, mas no mesmo instante, sem que o esperasse, surgiu um d'elles no parapeito da janella para onde eu olhava. Via-o tão distinctamente como qualquer actor no palco de um theatro. Era medonho ouvir os rugidos da multidão quando o divisaram ali; no seu rosto estampou-se a mais horrenda expressão quando num relancear veloz de pupillas olhou primeiro para baixo, depois para cima e em seguida para a casa onde nos achávamos. Compreendia qual era o seu plano; uma creança o adivinharia. Pensava em atravessar por cima de uma viga e fugir para o predio em que nos encontrávamos. Denunciava o seu intento o demorado exame que fez, a promptidão com que buscou um pedaço de madeira para o lançar para o nosso lado e a furia com que o arrastou. Respondendo á turba com uma imprecação de desafio, vi-o tirar um revólver da algibeira e desfechar resolutamente contra o ajuntamento. Tres vezes disparou antes de se dispôr a atravessar a improvisada ponte, e depois arremessou a arma para traz de si, para que os outros que ficavam tivessem qualquer coisa com que se defendessem. Então a imaginação suggeriu-me o que eu não podia vêr, mas ouvia os brados da plebe trovejando á porta da casa fronteira e o estrondo das pancadas com que a arrombavam. Quando, porfim, elle se aventurou a atravessar, conheci que os amotinados tinham invadido a casa e que estavam prestes a captural-o.

O homem achava-se ali. Deitou a mão á fragil grade da nossa janella e preparava-se para saltar para a casa onde permaneciamos. Pelo meu lado não me senti com animo nem de lhe mexer com um dedo. Um toque do braço de Mr. Cavanagh no meu fez com que o meu coração batesse e todos

os meus nervos vibrassem. O terrorista estava em cima do parapeito; erguia a mão para se segurar, ia para entrar. Mas não o conseguiu por uma razão que eu não podia ver; estacou, soltou um grito cavo e implorou aos que se encontravam á sua retaguarda que lhe valessem.

Se os meus olhos não me mentiram a janella cerrara-se e recusara accesso ao intruso. Fôra de proposito ou um mero accidente? Não o sei ainda hoje. Imaginem alguém n'aquella posição, na impossibilidade como estava de empurrar a janella, na impossibilidade de recuar, com a turba a berrar por baixo d'elle, com os companheiros a apressal-o, com a porta da casa nas suas costas feita em estilhas, cedendo ás formidaveis bordoadas que lhe despediam. Era essa a sua situação; o epílogo não se podia demorar. Largou o apoio a que se segurava e cahiu. Os uivos da multidão cessaram immediatamente e seguiu-se-lhe um silencio de morte.

Não tive coragem para me assomar á janella, nem Mr. Cavanagh m'o consentia. O sussurro lugubre que actualmente subia até nós era o de cães humanos luctando por causa de um osso. Ouvi na casa fronteira um medonho alvoroço, o detonar de revólveres, a bulha de pesadas pancadas, o estralejar de uma terrivel briga corpo a corpo. Alguns dos vultos, vi-os distinctamente, foram arremessados pela janella á gentalha da rua. Quem eram não posso dizer. Mr. Cavanagh conduziu-me para fóra de casa, desci a quatro e quatro por uma escada que parecia quebrar-se a cada momento e encontrei-me n'um becco na estremidade do qual se me deparou o rio. Havia policia ali, mas não nos prestou a mínima attenção. O nosso disfarce era completo e consideraram-nos dois simples operarios que voltavam para os seus lares. Regressamos em silencio á nossa morada na Praça Verde, e ali Mr. Cavanagh deixou-me só.

## XII

### AINDA PAULINA MAMAVIEFF

Foi Mr. Cavanagh quem primeiro me falou n'um contracto regular, no fim do mez de junho, approximadamente tres semanas depois de eu ter ido para a sua casa em Huntingdon.

Sahiramos de Antuerpia na manhan seguinte á da festa do Corpo de Deus, e fomos para Paris onde nos demoramos cinco dias no Hotel Ritz. Durante esse tempo encontrei tal mudança no meu chefe que difficilmente reconheceria n'elle o Jehan Cavanagh de Waterbeach e nunca o singular proprietario da casa da rua dos Inglezes. Tudo quanto succedera parecia ter-se sumido completamente no seu espirito. Vivia como os outros homens, gostava de se distrahir e frequentava as diversões mais triviaes.

Em Paris poderiam julgar-nos dois jovens condiscipulos de Cambridge, que tinham resolvido effectuar uma grande viagem. Jantares em Armenonville, jantares nas ilhas do Bois, passeios pelos estabelecimentos, de tarde, viagens rapidas a Chartres, a Beauvais ou a qualquer outro sitio que possuísse attractivos dignos de visita, transformamo-nos em dois viajantes que não pensavam n'outra coisa senão no pleno gozo da sua mais ampla liberdade. Nunca encontrei guia semelhante para distrações nem ninguem que tanto me deliciasasse. Achei Paris uma terra encantadora e sahi da cidade com fundas saudades.

Regressamos a Londres e ficamos uma noite em Carlton, pois raramente Mr. Cavanagh se hospedava no mesmo hotel. No dia

immediato levou-me a um escriptorio em Victoria Street, ostensivamente propriedade de um tal Bertrand & Companhia, agentes de emigração, mas na realidade labutando n'outras especialidades, como vamos vêr. Este activo industrial occupava uma installação consideravel, e depressa me convenci que a parte mais importante do estabelecimento,

no primeiro andar, estava reservada completamente para o meu chefe. Aqui, como em toda a parte, a mobilia era luxuosa e tudo revelava a maior opulencia e conforto. Jehan Cavanagh aproveitava-se como ninguem das commodidades que o dinheiro proporciona.

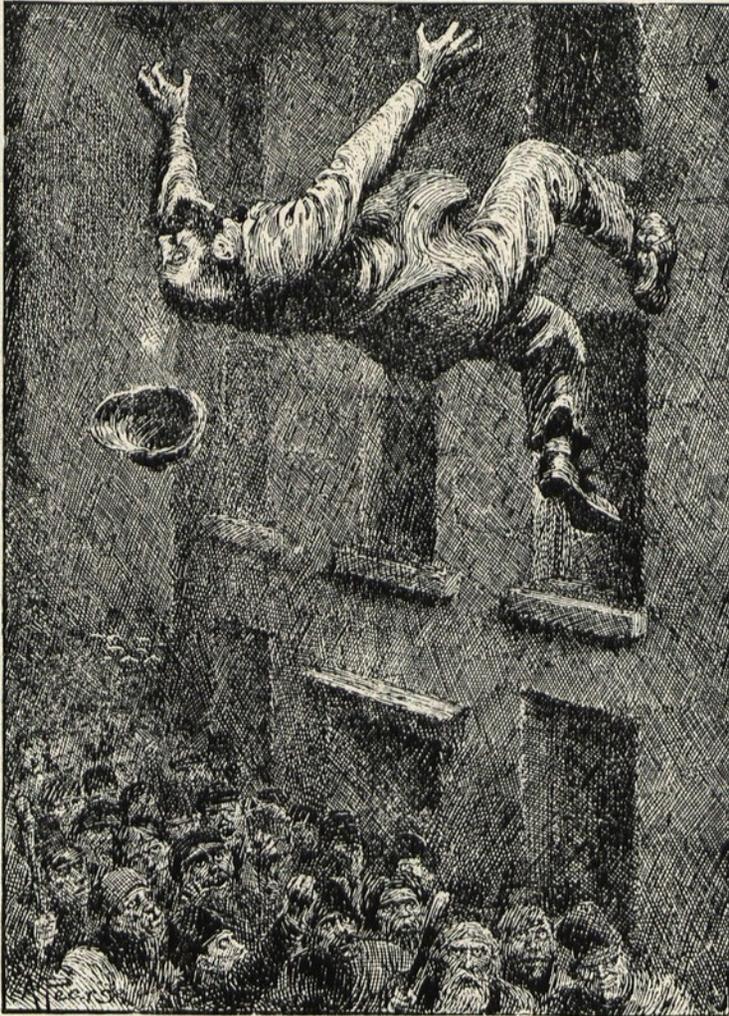
Era uma ampla sala, mobilada com quasi feminina profusão. Só Mr. Cavanagh tinha a chave d'este aposento, e reconheci que o representante da firma o recebia com manifestações de pro-

fundo respeito e rasgados cumprimentos.

Qual era a sua acção no escriptorio ainda o não sabia, mas breve principiei o meu trabalho escrevendo alguns documentos sem importancia; entregava-me a esse labor quando me interrompeu para conversar comigo ácerca dos meus honorarios.

— A proposito, Ingersoll, quanto lhe devo pagar?

Presumo que olhei para elle com toda a vivacidade, como em geral succede quando nos falam em dinheiro.



LARGOU O APOIO A QUE SE SEGURAVA E CAIU

— Nunca pensei n'isso, Mr. Cavanagh.

— Ora! meu amigo! Não espera que eu acredite tal. Deve ter pensado n'isso quasi todos os dias desde o começo. «Quanto me dará elle?» Perguntou muitas vezes a si proprio, e devia ter monologado: «Creio que é um embusteiro porque não fala em semelhante coisa.»

— Oh! não, não levei tão longe as minhas suspeitas.

— Mas lá chegaria. Ora vamos, um homem não vive de promessas, nem pode estar ás sopas de outro. Tem que pensar no seu futuro, é esse o meu parecer, Ingersoll, de encarar o porvir. Supponha que eu lhe dou mil libras por anno até se casar.

— Mil libras por anno...

— Exactamente. Mil libras por anno até se casar, e depois conversaremos. Tem de fazer por mim tudo quanto possa; sublinho estas palavras, Ingersoll, *tudo quanto possa*; dar-lhe-hei mil libras por anno. Não é necessario accrescentar que é um negocio fechado.

— Mas, Mr. Cavanagh eu nunca serei capaz de ganhar mil libras por anno!

— E eu penso que sim... no meu ponto de vista. Vejamos, não pode escrever hoje o artigo ácerca do caso de Antuerpia, refiro-me ao incidente da Praça Verde? Lance mãos á obra e tente explicar ao povo inglez o que succedeu. Não atteneue os factos nem os exaggerare. Nem uma nem outra coisa serviria aos nossos fins. Desejo que profunde mais, que vá além de uma simples descripção que só agrade aos frivolos; deve estabelecer a velha questão, se assiste ao individuo o direito de actuar quando o Estado se declara impotente. Até onde pode ir o individualismo? Quaes são as minhas prerogativas quando a lei é deficiente ou medrosa? Devo deixar esses doidos assassinar meus filhos, ou dispondo de influencia bastante, pegar em armas contra elles? Não formule o problema tão explicitamente que se torne indiscreto. Mas anime a idéa da iniciativa privada; propague-a de modo que a discutam. E' o que eu necessito para começar, e o meu amigo conhece isso melhor que ninguem.

Reflecti no assumpto durante um momento, e não hesitei em exprimir a minha difficuldade, como já a exprimira em Antuerpia.

— Encontro obstaculos de ordem altruistica, — declarei porfim — não posso glorifi-

car a lei de Lynch em paizes civilisados, Mr. Cavanagh. Não posso outorgar aos homens, poderosos como são, o direito de serem simultaneamente juizes e executores. Seria este o parecer do povo inglez, tenho a certeza. Mas penso que podemos muito bem exigir medidas drasticas sobre uma parte da lei e reclamar o direito individual quando não sejamos attendidos.

— Exactamente, Ingersoll; ha muito tempo que se exige isso, e nada se consegue. Que auctoridade é a sua contra o homem que se defronta com a lei e diz: «Eu posso realizar o que os codigos não são capazes, eu subjulgarei essas creaturas, devotarei a minha vida e a minha riqueza a esse fim, salvarei os vossos filhos dos seus attentados? Deve pôr o preto no branco, sabe, não como um facto mas como uma supposição. Pergunte o que é que o Estado responderia a um tal homem. Atire com a idéa para o publico e deixe-a germinar.

Prometti-lhe que me dedicaria a esse trabalho da melhor vontade e que o elaboraria com a maior logica e brilho que pudesse. Precisava de dois ou tres dias para consultar algumas auctoridades e especialmente rebustecer essa fundamental base tanto quanto a hypothese o permittisse. Cavanagh lêra muito sobre o assumpto; as suas sagazes observações depressa me convenceram. O evangelho da retaliação tornara-se o evangelho da sua vida. Quando consentia em o esquecer, fazia-o apenas por um grande esforço da vontade que com frequencia era seguida por uma reacção perigosa. Não devo omitir, aqui, e n'este momento, que quando a salvação de qualquer pessoa abandonada dependia de certo modo dos seus principios, procedia com uma coragem inexcedivel.

A justificação d'esta corajosa qualidade tem de ser addida para outro ensejo. Devo registrar que Mr. Cavanagh concedia audiencias nos escriptorios de Victoria Street a gente muito curiosa e que tomava nota do que ella dizia. Muitas d'estas informações envolvem um character confidencial e não as posso divulgar. Mas comprehendi nitidamente que os homens que nos procuravam trabalhavam em muitas cidades, principalmente nas cidades do sul. Vinham de Odessa, de Napoles, de Barcelona, de Genova emissarios com os seus relatorios, planos e contra planos obtidos em reuniões secretas de noite

e em longas fadigas de dia. Mr. Cavanagh ouvia-os com paciente atenção, tomando apontamentos eguaes aos que eu colhia e enriquecia-os frequentemente com algumas críticas sensatas. Este labor tomara-me toda a manhan e o meu chefe acabava de suggerir que era tempo de lanchar quando nos appareceu o trigueiro Blondel, que se interpoz entre nós e nos declarou, sem mais preambulos que trazia noticias da maior importancia.

— Meus senhores — disse — puxando uma cadeira para a meza e falando tão rapidamente em francez que eu tinha a maior difficuldade em lhe apanhar o sentido — prenderam a tal mulher e está na cadeia de Bruges. Leia este telegramma que lhe é dirigido. Foi presa no café Americano ás dez da noite de hontem pelo meu agente, Sen-nival. Será accusada de cumplicidade no attentado de 14 de junho. Se quizermos, não pode haver duvida ácerca das provas, mas fal-o-hemos? Depende de sua resolução, senhor; não mandei instrucções até saber o que resolve. Vae para a prisão belga ou enviarmol-a para os seus amigos de Baku. Hão-de ficar muito contentes em a vêr ali; o chefe da policia d'essa cidade participou-me que reservava ahi um bello logar para ella. Deseja que vá ou fique? Vim cá de comboio e embarcado para que delibere sobre este ponto. E' uma grande noticia Mr. Cavanagh; a maior que a minha boa fortuna lhe poderia trazer.

Compreendi que Blondel fôra indiscreto e

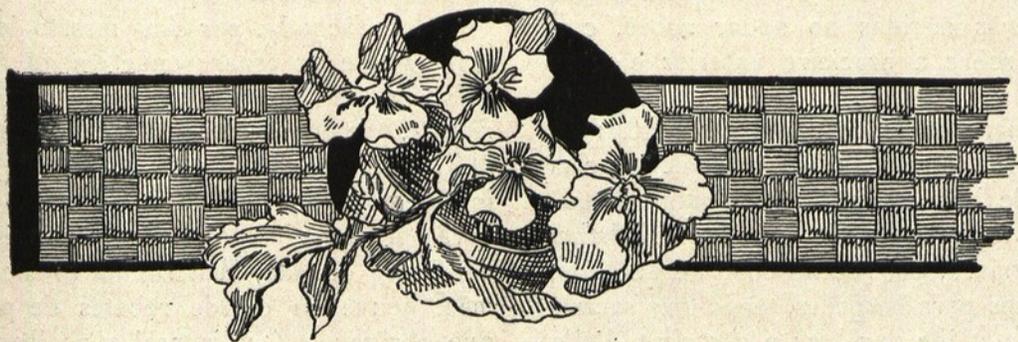
(Continúa.)

um relancear de olhos de Mr. Cavanagh confirmou esta minha opinião. Não devia ter fallado deante de mim; ou melhor, era ainda cedo de mais para isso. Mas as palavras tinham sido proferidas, o caso relatado e ninguem podia duvidar do seu significado. A criminosa rapariga, que matara o pae de Jehan Cavanagh, jazia na cadeia de Bruges e seria julgada brevemente. O meu chefe dispunha de sufficiente influencia sobre a policia de Bruxellas para assegurar a sua extradição para a Russia, onde o mais horrivel destino que se pode imaginar a esperava. E essa pessoa era a joven e sympathica escolar que eu vira na Praça Verde; os seus olhos, os mesmos que me tinham fitado tão suggestivamente quando eu contemplara o seu retrato.

Não acreditei então que fosse criminosa, não o acreditava agora. A historia da sua captura parecia-me terrivel. Mas como a podia eu remediar? Lera na phisionomia de Mr. Cavanagh a profunda satisfação com que ouvia as noticias de Blondel e o seu implacavel desejo de vingança. Essa rapariga, nova como era, causara-lhe o maior desgosto da sua vida. Essa joven, embora collegial, armara contra elle o universo dos revolucionarios. Encontrava-se actualmente sob a alçada da justiça, expiaria o seu crime.

— Mande-a para a Russia, Blondel! — respondeu Mr. Cavanagh, quasi reverentemente — os seus compatriotas que a julguem, elles que a punam.

Traducção de EDUARDO DE NORONHA.



# Em Alvito

## O Castello



ALVITO—EGREJA PAROCHIAL E ESCOLA PUBLICA PRIMARIA

### Morrinha economica do Alemtejo—Florestas e culturas —Avistada das chans, rodeira ao povo.

#### II



is a sumaria descripção dos aposentos principais do castello, com a sequencia relativa ás duas frontarias (1). *Frontaria principal*, na linha poente-sul, comprehendida entre o torreão do Sino e o da Fonte. Da esquerda para a direita: capella do castello, a seguir tribuna, logo a sala de jantar pequena ou *casa do lustre*, quartos diversos, e a camara do actual sr. marquez. Todas estas peças metidas no andar nobre, com janellas sobre a bracieira exterior e sobre o pateo.

A camara do sr. marquez sita no torreão da Fonte: tem janella de columnellos com sacada de ferro, sobre a rua, e outra, amou-riscada tambem, dando prá Horta. Abaixo d'esta camara, em rez do chão de piso alto, ha quartos para hospedes, tendo uma sacada penultima a lhe dar luz; e por cima d'ella (da camara) outra antiga salinha circular, abrindo no torreão por uma janella coeva, de peitoril.

*Frontaria da Horta*, na linha sul-nas-

cente, comprehendida entre o torreão da Fonte, e o que deita sobre o rocio de S. Sebastião. Da esquerda para a direita: sala grande de jantar, sala dos veados, camara de D. Pedro V ou sala quadrada de visitas (*sala estucada*), e salinha redonda d'abobada, já praticada na torre do nascente, e com uma janella sobre a Horta.

Os aposentos da frontaria principal, quasi tudo são peças reformadas ao tempo da reconstrucção pombalina, com tectos de fassquia ou taboas, paredes caiadas, e soalhos de taboado ou estreito adobe.

N'esta fachada, por cima mesmo da porta principal, e no espaço onde em 34 fizeram dois quartos, ficava a chamada *camara da rainha*, aposento onde em novembro de 1513, D. Catarina, mulher de D. João III, pariu um infante, que se chamou D. Manoel, e foi o varão primogenito do casal. Os reis estavam em Evora quando, já a rainha prestes a ser mãe, houve na cidade rebates de peste, o que obrigou a familia real a acolher-se ás povoações ruraes da cercania. Este principito morreu cedo, e foi pelos auspicios do seu almejado nascimento, diz Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*, que D. João III

mandou aos frades jeronymos de Cintra o magnifico retabulo de jaspe que ainda hoje se admira na capella do castello da Pena. Longos annos manteve a *camara da rainha* o mobiliario e armação de quando a habitára a soberana: as paredes colgadas d'arrazes, um grande leito d'estrado e docel occupando o fundo, alguns tamborettes e canteis, algum bufete ou cofre, com algum painel ou estatuetta de santo alumiado a lampadas ou tochas...

Vieram as dissensões de D. Miguel e D. Pedro, em que os marqueses-barões seguiram a causa do primeiro, e victimas da sua fidelidade ao rei destituído, viram em 34 a canalha saquear-lhe o castello, fazer mão baixa nas pratas, trazendo para o terreiro a mobilia, onde lhe deitou fogo alegremente.

As malsinações chegaram a ponto do proprio governo liberal disputar aos marqueses-barões o direito de posse sobre a propria morada historica dos seus, que andava na familia ha quatro seculos: e disputar-lh'a sob pretexto dos senhores d'Alvito não terem titulo provante de lhe pertencer ligitimamente o edificio; pelo que passou elle para a posse do Estado, tendo o antigo proprietario de o receber de renda, por uma quantia annual que importa pouco. Deve-se aqui escrever que por aquelle tempo o desmazello das gentes do castello era tão grande, que a

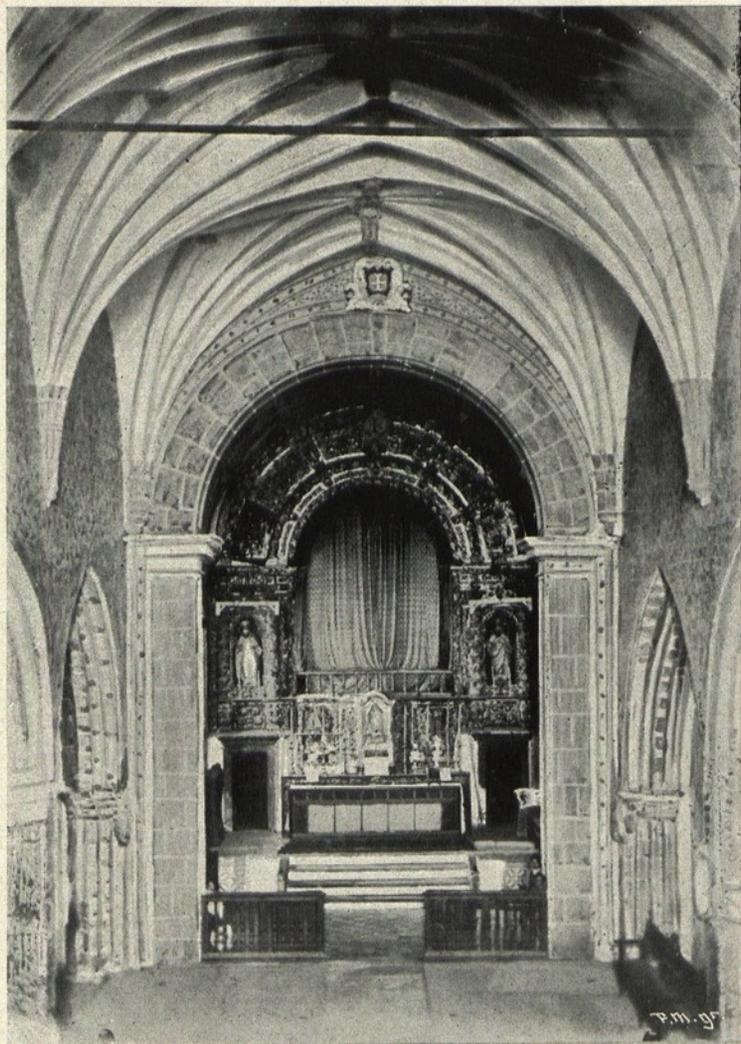
ninguem occorreu, n'aquella hora afrontosa, buscar no archivo papeis que solidarisassem indissolvelmente a posse do palacio solar, com o destino adverso ou brilhante dos moradores; coisa facilima (pois esses titulos são chusma) a qualquer procurador ou scriba medianamente atreito a folhear traslados d'escripturas. Emfim, á força de roerem hu-

milhações, lá descobriram sobre a porta d'entrada, coberta de rebo-co; a inscrição citada logo no principio d'este estudo, graças á qual o governo liberalão se humanisou, volvendo o solar novamente á posse pacifica dos seus donos.

Pela honra de haver nascido principe em Alvito, concedeu D. João III aos marqueses-barões a mercê de poderem pôr sobre o portal d'entrada do castello, a corôa regia: coisas estas com o prestigio que n'aquellas epochas lhes dava a crença fanatica de serem

os reis, eleitos de Deus e participes d'uma excepcionalidade inherente á sua ascendencia inviolavel e divina.

Quanto aos pannos d'Arras da camara da rainha, cuido que não soffreriam muito com o saque, pois dou noticia d'ainda servirem nos theatros da praça, muitos annos, té que acabaram cobrindo o toldo d'um carro de canudo onde o pae do actual senhor marquez girava pelas tortuosas estradas, caminho dos seus montes de herdade, em faina agricola.



EGREJA DO ALVITO -- NAVE CENTRAL E CAPELLA-MÓR

Na frontaria da Horta, a sala grande de jantar é uma peça ampla, tendo sobre o cercado chamado Horta, e que antigamente o haveria sido, uma janella antiga de peitos, e sua chaminé de resalto (das duas que conta a fachada da caza, d'este lado), e

sobre o pateo, uma janella antiga de sacada, mas sem varanda saliente, como de resto todas as que dão para este sitio. Sobre o panno da chaminé, d'alvenaria e vasta como a de qualquer cosinha rural alemtejana, vê-se — detalhe rapido — uma porção de cabeças recortadas em sombrinha, de personagens que acompanhavam os reis D. Luiz e D. Carlos, nas suas varias visitas ao solar. Allí estão D. Luiz e D. Carlos, a D. Amelia e os infantes D. Augusto e D. Afonso, personagens da côrte, recordações de noites bocejadas em que a camarilha por distrahir-se ia dos bailaricos terrenos ás adivinhações de pulhas e charadas. Por baixo do andar nobre, furaram-se em epochas varias, quando já não havia que reear ataques d'inimigos, janellas rectangulares, sem symetria marcada, e destinadas a arejar diversas repartições do rez do chão.

D'este piso vae uma escada de tijolo, exterior, abrir na horta, e para o pateo



EGREJA DO ALVITO — NAVE LATERAL

elle lança algumas portas e buracos, remodelações espurias, claro, turbando a severidade hirsuta do edificio. *Sala dos veados*: é verdadeiramente a sala de honra do castello, quadrilonga, e a mais vasta, caiada, com tectos de caixão já despregados, tendo na taboa do centro pintado o braço dos Lobos da Silveira. Em roda dos muros corre uma successão de craneos de veado, com

armações frondosas e mui altas. E' acessivel pela escadaria de honra do pateo, sobre que deitam duas janellas antigas de sacada, tendo opostas a estas, outras duas de peitos, abertas para a Horta, e uma chaminé mui tosca, baixa e sem lareira, quazi um buraco, que fazia a tiragem do brazeiro d'inverno, nas noites de serão, ou serenim.

Quando estive de visita ao castello, n'esta sala haviam os artifices da villa composto, sobre um tablado de pinho, um theatrinho para re-

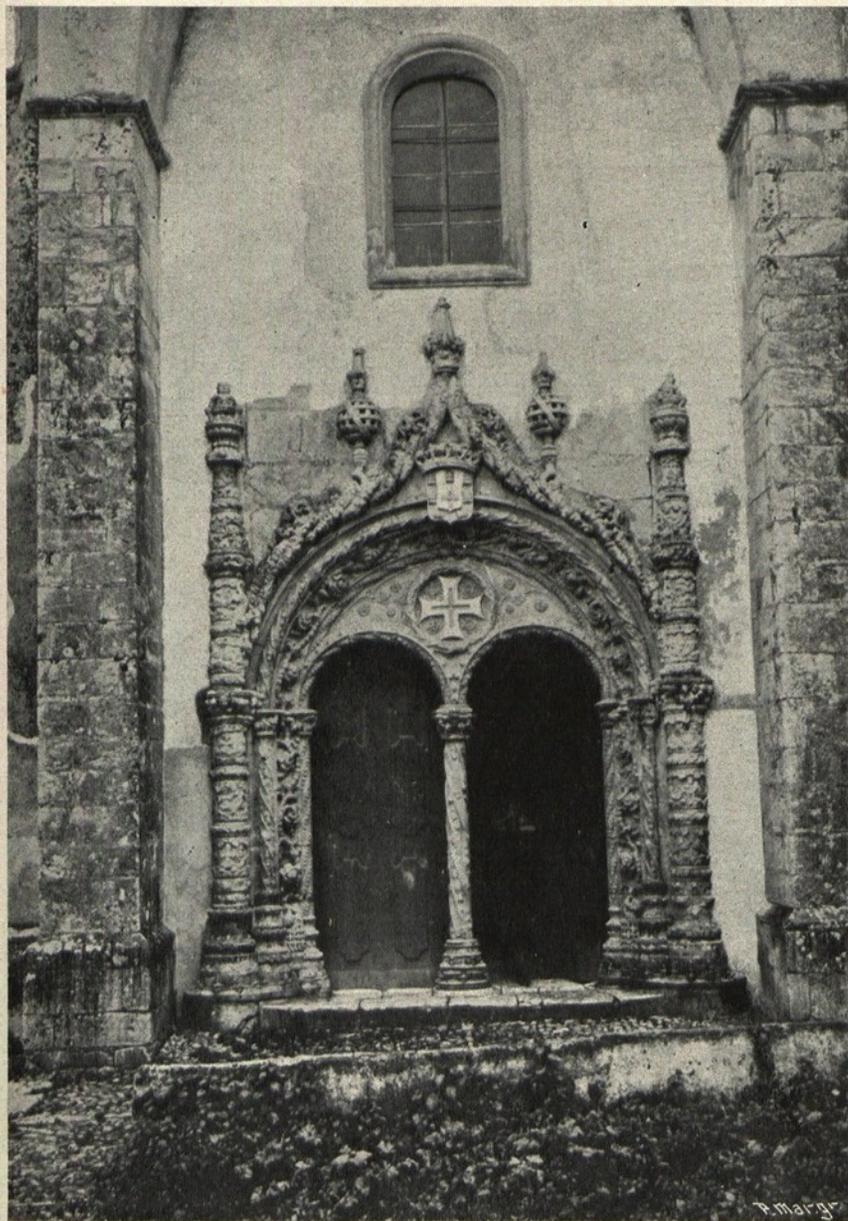
citadas. A vista era um biombo imenso de laca negra, borboleteado d'oiro, e muito velho, que fazia o hemi-cyclo do palco. No espaço destinado á platéa, havia em fiadas eguaes, cadeiras d'Evora, e d'um velho movel indiano, que já digo, tinham os amadores feito tribuna, provavelmente destinada ao castellão, ou gente sua.

O movel a que alludo, primitivamente estava na capella, guardando paramentos e alfaias do culto. E' uma especie de grande

comoda baixa, em madeira clara, com embutidos d'uma substancia que ou é laca ou madeira negra, e gavetões oblongos, e assente pelos cantos sobre especies de monstros rudimentarmente esculpidos e mordidos a fogo. Sobre o prato superior, uma especie d'ar-

não sei quantos in-folios manuscriptos, com encadernações de bezerro e fechos de bronze, para onde uma marqueira d'Alvito, D. Maria Barbara de Menezes e Rappach, administradora dos bens do primogenito, menor, D. José Antonio Placido Lobo da Silveira Quaresma, fez trasladar da Torre do Tombo, todos quantos documentos de doação, privilegios e posse de haveres, diziam respeito á casa d'Alvito. A copia é de 1788, em admiravel caligrafia pombalina, e não já completa a serie, pois nos gavetões do cartorio erravam pastas de coiro, sem folhas, de volumes que mão sacrilega fôra rasgando—sabe Deus pra que destinos solitarios.

Esta famosa sala de honra do castello, ensejo tive de a tornar a vêr desobstruida das pranchas do theatro, reposta na dignidade severa e fria do seu ambito. E' uma imensa e alta e veneravel peça quincentista, comprida como uma nave, d'altos tectos de tumba, e lançada de lado a lado, a toda a largura da ala nascente-sul da construção. Portinhas baixas, profundas e macissas a continuam com outras camaras e salas do palacio. As quatro janellas que a iluminam pelas duas frontarias do pateo e da Horta, quando os batentes rusticos se abrem, e entram feixes de sol cortados pelo columnello gracil do centro; os poucos moveis hirtos, perfilando-se ao rez dos muros como a assistencia muda d'um conclave; a tampa do tecto, lugubre, de taboado grosseiro, pintada a branco, onde no *lienço* centrico um brazão formidavel se pintalga; tudo isto, mau grado a nudez hirsuta dos muros—por causa d'ella talvez—tem o sobreceño espectral d'uma vista de theatro, subido o



VIANNA DO ALEMTEJO — FACHADA PRINCIPAL DA EGREJA

*Na base dos intercolumnios da porta, os camaroeiros da rainha D. Leonor, provavelmente restauradora ou bemfeitora do templo*

mação de camarim, formada por columnas de canto ligadas entre si por tympanos ou regoas recortadas e ornadas a fogo, e deixando entender a possibilidade de se lhe correr por dentro uma sanefa. Chamam-lhe no castello, o *Cartorio*, e conta nos gavetões os restos do archivo, venho a dizer alguns minguidos massos de documentos, e

panno para esse primeiro acto terrivel do *Frei Luiz*. . . Com algum largo rodapé d'azulejo, a verde e branco, de reflexos metallicos, continuando em bordadura de bicos, como no palacio de Cintra, á volta das janellas e das portas: com alguns luctuosos trastes quinhentistas, alguns paineis de frades e guerreiros, alguns pannos muraes chagados de figuras, e aos pés do estrado o brazeiro, fumando, em volutas lithurgicas, aromas leves de styrax e d'incenso, seria uma verdadeira nave de tragedia, propicia a ressurreições de saraus e de cortejos, e como nenhuma outra na sua magnificencia barbara exprimindo as synergias asperas d'uma raça coacta entre as ferocidades da acção e o sentimento.

Apezar da caiadura pobre dos muros, do tijolo delido do chão, dos tectos mal pregados e sumarios, a sugestão das janellas gothicas é tanta, que pôdem remendos e cróstas revestir a sala d'indigencia: continuamente a evocação das hieraticas epochas resalta, e com ella a ideia de que estão cavalleiros e damas sentados nos poialitos de pedra das sacadas, e présto vão entrar pelas portetas macissas, lebreus da Argelia e pagens mandaletes, trazendo em gomis e salvas, merendas de bolo-pedre e vinho travado d'especies olorantes.

Este castello d'Alvito é hoje typo unico em terra portugueza, pela manutenção quasi integral da fórma priméva, combalida o menos possivel pelas construções ruins que lhe agregaram, e que em nada perturbam de resto a reconstituição que qualquer visitante *in mente* ouse fazer. E' uma montanha de alvenaria em tudo typica, cuja mascara constricta diverge das dos castellos e solares chegados até nós.

D'estes colossos, os exemplares que ainda levam de pé sua decrepitude historica e esquecida, quasi tudo são construções de pedra, d'uma fase architectonica complexa ou mais rica (ex.: *o palacio da Sempre Noiva*), ou agregados de muralhões e cazarões de tal maneira corrompidos e deturpados, que a magestade se foi das suas torres, a graça dos seus porticos, a fisionomia dos grandes lenços e fachadas; e fantasmões caricatos, só esperam que a demolição venha apeal-os da mascarada vil que representam.

Alvito está, se pôde dizer, nas suas grandes linhas, intacto, e esta integridade se

deve em primeiro logar a ter estado sempre em mãos de familia poderosa que n'elle houve casa desde a origem, e em segundo talvez a ser d'alvenaria em vez de pedra, o que despertaria menos colera e cubiça por banda da plebe destruidora, como desgraçadamente não succedeu com Villa Ruiva, Vidigueira, Portel, etc., cujos palacios-fortalezas, alguns de pictoresca traça e altivo cenho, foram preza da selvageria dos rusticos, que para construir seus antros derribaram fabricas preciosas (2).

\*  
\* \*

Por uma pequena porta, d'um manuelino sumario, vae-se da sala dos veados á salinha quadrada, chamada tambem sala estucada; ou camara de D. Pedro V, por ahi ter dormido o rei d'aquelle nome, as noites que passou no castello, em 1859 ou 1860, pouco tempo antes de morrer.

Esta sala tem nas paredes e tecto, estuques brancos modernos, e soalhos de madeira, que necessariamente se fizeram para tornar gazalavel aos reis aquella estancia de somno, antes inhospita. Na parede da direita da entrada, janella sobre a horta; na da esquerda, portêta para o balcão-terminus do adarve da chamada muralha dos quintaes; janella em frente, mourisca e como as outras bi-partida, e posta ao canto que faz a torre nascente com a prolongação vertical d'aquelle muralha; finalmente na intercessão da camara com a torre, portêta baixa promovendo a junção das duas peças, camara Pedro V e cubiculo redondo da torre — guarda-roupa ou lavabo d'aquelle, e onde uma janella de ferradura simples abre prá horta, sexta e ultima da serie gothica que os torreões do nascente e fonte ladeam e delimitam. De dentro d'esta salinha redonda da torre, um escadóz de tijollo leva ao eirado, d'onde se atalaya um vasto panorama.

A sala tod'em redor caiada e muito clara, o pavéz d'adobe estreito, envernizado, a abobada grosseira co'as duas tiras de pedra resahindo em cruz, dos cheios da alvenaria, a amouriscada janella de columnitas de pedra perfilando-se sob a ferradura de renda de tijolo, e seus assentos de lage a cada banda, tudo isto tem um sabor archaico que faz fundo, e medievalisa as ideias do meu cerebro, e coage o meu gesto a ser

do tempo, de sorte a me tornar, de chronista chilro de hoje, n'um senhor *bachilér* do seculo xv, trajando pellote e saio, marido d'uma Mór Leitôa ou d'uma Sentil Esteves, poeta do Cancioneiro e contador d'*estoreas* singulares. . .

Estas *estoreas*, quem podesse arrancar-as ás vetustas salas e poiâres, e dos eirados

leito regio, pois João Fernandes da Silveira, primeiro barão d'Alvito, fidalgo dos conselhos d'Affonso V, D. João II e D. Manoel, escrivão da puridade, chanceller-mór de D. João II, vedor da fazenda, regedor da casa da supplicação, e dez vezes embaixador de Portugal, era nada menos do que o quarto neto d'Affonso III, por derivança do abraço



CASA DA QUINTA DE AGUA DOS PEIXES, SOLARENGA DA CASA CADAVAL

*Vê-se a escadaria e a porta de entrada, e uma dupla janella gothico-mourisca no angulo solido do edificio*

ouvir, pela boca dos creneis, lembranças tantas do vasto mundo illustre e plebeu que aqui passou, no derrocar de cinco seculos, agora que a sombria morada se propõe findar sua odyssea, pois se extingue no actual senhor marquez a casa historica, volvendo o castello á posse dos reis, que o mesmo significa ficar prá qui no burgo ao desamparo! . . .

Desde os primeiros reis barbões da dynastia dos Affonsos que tanto Silveiras como Lobos se começaram a contar na sociedade e côrte portuguezas. Vinham os Silveiras de

de D. Affonso Diniz, filho legitimo d'aquelle rei, e irmão de D. Diniz, em D. Maria Paes Ribeiro, a *Ribeirinha*, neta de D. João de Portel, trovador e valido d'Affonso III, e talvez o homem mais rico de Portugal n'aquella epocha. Eram os Lobos nobreza rural e provincial de boa stirpe, pois desde D. Diniz se lhe encontram os nomes na historia da administração publica e resenhas de batalhas, sabendo-se mais que como oiparos morgados recebiam os reis quando vinham da caça ás provincias sul dos seus estados.

Estas incursões venatorias dos príncipes na comarca d'Antre Tejo e Odiana começaram logo que as brenhas alemtejanas foram acabando de ser varridas de mouros, para entrarem a povoal-as bestas feras e alimarias mais ou menos daninhas e ferozes. No paço episcopal de Beja ha um painel trazido de não sei que mosteiro do districto (reproducção talvez d'algum voto ou feito relacionado com o museu milagreiro do convento) onde se vê D. Diniz atacado por um javali (3). E' uma memoria do bom rei lavrador que pelo menos confirma (eu não vi a pintura) a sua tradição de monteiro indomito da stépa trastagana. Que elle alguma vez caçasse no *soveral d'Alvito* e coutos cerce, ia jurar. Ao tempo a terra pertencia ao seu chanceller Esteveannes, colaço de D. Afonso III, que impulsou o primeiro nucleo de casas da villa, e levou o monarcha irmão a dar-lhe foral.

Affonso IV, Pedro I, D. Fernando e o Mestre d'Aviz... quaes, vindo ao sul, acceitaram a hospitalidade dos Lobos, e perseguiram na Coutada do Monte do Coelho as alimárias *que os fidalgos guardavam para os Rex*? Já na casa d'Aviz, mormente quando por conveniencias politicas d'alguns reinados, sitava a côrte em Evora, alguns monarchas vieram espairecer e folgar n'estes contornos.

Com a frequencia da peste bubonica n'aquelles tempos de guerras e imundicie, mal o rebate soava na cidade, logo a familia real fugia a sete pés; e assim se explicam as visitas de D. João II, D. Manoel e D. João III, com registro nas chronicas coevas. Mencionadamente a de D. João II é sugestiva. Vem no livro de Garcia de Rezende, e refere por palavras sumarias e juizos timidos as disenções entre D. João II e a piedosa seresma em cheiro de santidade na historia, té o senhor Bramcamp Freire lhe organizar o cadastro d'um cumplice provavel no envenenamento do marido (4).

Conta o moço da escrevaninha de D. João II que estando o rei, com a rainha D. Leonor, e a côrte, e o duque (D. Manoel), e o senhor D. Jorge (filho natural de D. João II) em Evora, houve peste, sahindo logo a familia real com pequeno sequito, para as Alcaçovas.

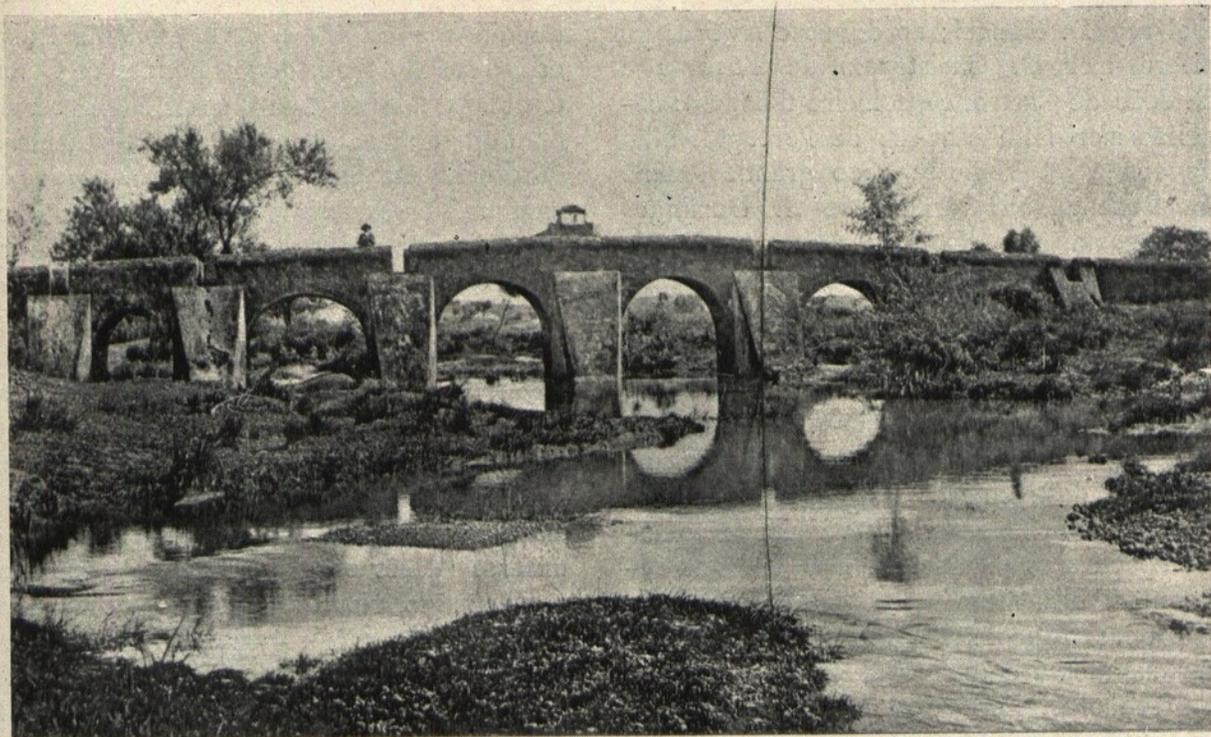
Ahi o rei, que já vinha indisposto, teve os primeiros rebates da doença fatal; e

aconselhavam uns os banhos de Monchique, e outros os de Obidos (Caldas da Rainha). Era em Setembro. N'um d'esses dias (já andava turbada a paz entre os esposos, por a rainha querer de successor á corôa, o duque seu irmão, e querer o rei fosse o bastardo D. Jorge), o chronista deixa entrevêr no casal fortes disputas, a ponto de bruscamente os reis se separarem. «El-rei foi a folgar a Villa Nova d'Alvito (da Baronia), e a rainha no mesmo dia se foy vêr com a Infanta sua mãy, e com a Duqueza sua irmã a Viana, as quaes por comprazerem a el-rey trabalhavão com ella que quizesse vêr o senhor dom Jorge, e servir-se delle, que per o a Raynha o não querer foy el-Rey ally nas Alcaçovas em grande desavença com ella, e esperou-se que da vinda da Raynha ás Alcaçovas, a que logo el-Rey e ella vierão, o senhor dom Jorge saysse a recebel-a, e beijar-lhe as mãos, mas não fez, *porque ouve para isso dilação para se tornar concrusão.*» (5).

Porque se decidiria D. João II por Villa Nova, sem aceitar hospitalidade dos senhores d'Alvito na propria villa cabeça dos seus estados? A casa de Villa Nova seria dos Lobos? O castello d'Alvito que ainda em tempos de D. Manoel (1496) se não completára, tam pouco estaria habitavel a quando D. João II enfermo sahiu d'Evora? O rei, empenhado em bater os privilegios e abusos politicos dos senhores, teria algum resentimento ou razão contra os d'Alvito? (6).

\*  
\*  
\*

A tres leguas d'Alvito, em Cuba, ha tradição d'um celebre *paço dos infantes*, casa de campo ou pavilhão de caça, de que hoje na terra restam apenas algumas vergas e silhares metidos em construções rasteiras e modernas. Que infantes eram aquelles? Em livros d'archeologia e historia portugueza, quando se escreve simplesmente *os infantes* sem outra designação de nomes ou parentes, costuma-se entender que é referencia aos filhos de Ignez de Castro. Mas não é certamente d'estes que se trata, pois leio n'uma copia manuscripta das *Memorias historicas do lugar da Cuba*, escriptas em 1742 por Fr. Francisco d'Oliveira (Pinho Leal chama-lhe Domingos), da ordem dos



PONTE VELHA, DE ALICERCES ROMANOS, SOBRE A RIBEIRA DO ALVITO OU DE ODIVELLAS  
*Nas proximidades de Villa Ruiva*

prégadores, e cujo original inedito se encontra no codice 104 da Biblioteca municipal do Porto, que o infante D. Luiz, duque de Beja (pae do estouvado e infeliz Prior do Crato), «edificou uma bôa casa de campo para vir acomodar-se com os seus creados quando vinhão caçar ao Matto do Seixal».

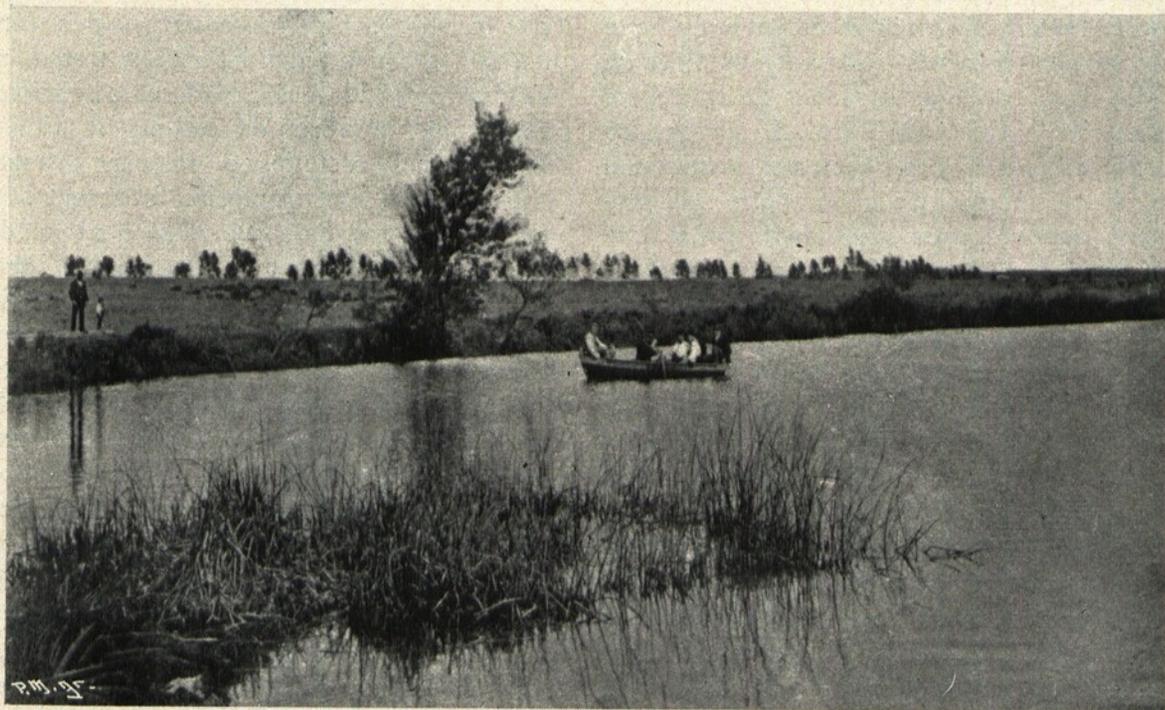
Matto do Seixal chama-se hoje na Cuba ao baldio ou charneca d'esteva e tojo que vae entre os farejaes e olivae dos sitios de Valle da Cuba, e as herdades de D. Pedro, Sesmarias e Horta do Paral. E' um pedaço de terra de dois ou tres hectares, constituindo os restos infimos d'um territorio infinitamente maior e mais acidentado, sobre que pelos seculos afôra se foi talvez cortando o ambito das herdades que hoje se vêem entre o aro da pequena cultura rodeira a Beja, e os aros culturaes de Cuba, Villa de Frades, Vidigueira, e quem sabe se mesmo Selmes e Baleizão. O baldio chamado *Soveral d'Alvito*, que ia desde os campos cultivados da Villa, té para além de Vianna de Focim (do Alemtejo), Villa Nova, Villa Ruiva, Oriolla, etc., devia continuar-se em extensão com o Matto do Seixal, abrangendo tudo uma floresta temerosa de muitas leguas, interrompida apenas peio circulo exiguo da pequena propriedade das povoações que lhe ficavam dentro. Não admira pois que esses

terrenos immensos, cobertos de matagal tamanho de homens, retalhados de barrancos e fojos onde ferviam as alimarias montezas, e cujas rochas dramaticas e mamelões de colinas coroaavam sinistramente os dolmens celticos: não admira que esses infimos plainos, dizia, onde os bamburraes crepusculavam da inextricavel noite das florestas d'azinho e sobro, propicia á nupcia das fêras e á eclosão das vidas inferiores, fossem um chamariz de fidalgos caçadores e reis Nemrods, que ao abrir da estação se vinham instalar nos castellos e palacios visinhos, para gastar em montarias sangrentas os extras de ferocidade que lhes sobravam das batalhas. «Sabemos que o edificio foi nobre, continúa Fr. Francisco d'Oliveira, referindo-se ao *Paço dos Infantes*, e com bastante comodo para uma pessoa real. N'elle jantou El-rey D. Sebastião em sabado 3 de janeiro de 1573. Havia partido de Evora na sexta feira que veio dormir a Vianna, no sabado estava n'esta terra (Cuba), e n'este mesmo dia foi dormir a Beja, onde no domingo vio na Praça Combate de touros, que foram os primeiros depois da sua prohibição, em que o Papa mandava que se corressem com as duas clausulas: na presença d'el-rey, ou com as pontas cerradas. Trazia o Monarcha na sua companhia ao senhor D. Duarte, neto

d'el-rey D. Manoel; ao duque d'Aveiro; ao alferes-mór D. Christovam de Tavora; a D. João de Castro, conselheiro d'Estado; capellão-mór D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso; e ao grande André de Rezende, da ordem de S. Domingos (e que na sua mocidade fôra parochio da pequena Villa d'Aguiar), etc... e indo todos á Matriz de S. Vicente, mostrou a El-rey e mais fidalgos a sepultura do romano Terencio Chrysogono, cuja antigualha se perdeu, e nós a fizemos restaurar...» (7).

Está-se a vêr pela narrativa de Fr. Francisco e destribuição dos palacios-solares d'estes contornos, como alternariam n'aquellas epochas as partidas de caça e festas derivantes, ora n'um paço, ora n'outro, segundo as manchas de coiza viva signalada por zagalos e couteiros, e *afição* respectiva dos senhores. Em Alvito estava o solar dos condes barões; em Villa Ruiva o castello dos Cadavaes, que n'elle alternavam residencia co'a não menos solareiga mansão d'Agua dos Peixes; logo na Vidigueira os Gamas; e muita e muita vêz algum Bragança deixaria Villa Viçosa pelo palacio que os duques tinham mandado edificar na fortaleza de Portel. «Com motivo de caça ao Matto do Seixal, segue a *Memoria*, vieram depois pouçar n'este paço os marqueses de Ferreira, depois duques do Cadaval,

que viviam no seu castello de Villa Ruiva; os barões d'Alvito, depois condes de Oriola, e outros fidalgos, cuja assistencia servindo d'opressão ao povo, fizeram representação do detrimento que lhes causava, do que foram prohibidos para vir; mas fazendo replica, lhes foi concedido que podessem citar só tres dias, o que se prova do primeiro livro da Odiana, folhas 53.» Em geral, cada fidalgo que se deslocava das suas terras levava consigo uma chusma de pagens, caçadores e creados de falcoaria e de canil, e esta canalha de servos por via de regra aboletava-se pelas moradas dos vassallos; e porque as viajatas e estadas eram frequentes, exauriam ellas os miseros ruraes com toda a sorte d'exigencia e d'estorsão. No cartorio de muitos municipios que poderam salvar o antigo archivo, ha documentos d'estas explorações desaforadas dos pobres, em detrimento da moralidade domestica e da ordem, que a creadagem forasteira caprichava em poluir e perturbar. «Como este palacio se não habitou, cahio, segue a dizer Fr. d'Oliveira no seu destrinço ao destino do *Paço dos Infantes*, e a sua pedra por ordem dos Filippes que então governavam o Reyno, foi levada para a nova cadêa que se fez na praça de Beja, e da restante se aproveitarão os moradores da Cuba, e ainda hoje vemos na porta da ermida de S. Braz, mas quem fizer reflexão



RIBEIRA DO ALVITO — NO INVERNO, MAIS PROPRIAMENTE CHAMADA DE ODIVELLAS

verá que cada pedra é de diverso lavor, e a razão é porque como cada um escolhia o que melhor lhe parecia, já se não aquella com que fazia correspondencia (*sic*). Na rua direita, na janella do capitão-mór Braz Fernandes Coutinho, na da Igreja, e nas portas de meu primo o juiz Domingos Coelho da Roza, e as seis columnas que fez levar o

secretario do Santo Officio, padre Manoel de Moraes, que estão na varanda, no cimo da Rua da Lama, tudo foi d'este palacio, e nos informarão que o relógio que está na Misericórdia também a elle pertencia. A Rua do Paço, que foi a sexta que se construiu no lugar da Cuba, diz a *Memoria*, deveu o nome a estar fronteira ao Paço dos Infantes (8).

## NOTAS

(1) Ahi vae noticia de mais casas que, umas ao certo foram, e outras poderiam ter sido, rezidencia dos barões d'Alvito nas cidades d'Evora, Santarem e Lisboa, por onde a côrte andou com os reis d'Aviz, té se fixar de todo na capital d'á beira Tejo.

1.<sup>a</sup> D. Diogo Lobo, segundo barão, filho de João Fernandes da Silveira, e vedor da fazenda de D. Manoel, vivia em Evora com sua mulher D. Joanna de Noronha, da casa de Faro do Alemtejo. Elle fez venda em janeiro de 1501, ao senhor D. Alvaro, filho do duque, «meu muito amado e prezado primo», escreve D. Manoel nas cartas de confirmação — por 250,000 réis, «de toda a jurisdição e direitos e senhorio, e todo o al, que elle Barão tem e lhe pertença, e pôde por qualquer maneira que seja na Quinta d'Agua dos Peixes, e nas acenhas e moinhos e erdades que os ditos D. Alvaro e sua mulher teem no termo d'Alvito, com as erdades dos Agudos e dos Calvinos, e com a Horta de Vasco de Moura, e as terras em que elle lavra, e acenha de D. Izabel da Silva com seu resso, e a courella da erdade que se méte antre as ditas erdades que o senhor D. Alvaro e sua mulher teem, e foram do Conde d'Olivença, seu pay, a saber, a do Cervado, a erdade em que vivia o Castanho, e a do Cavalleiro.»

Assignaram-se as escripturas nas casas de D. Alvaro, sobre cuja personalidade vem interessantes datas e detalhes nos livros *Lisbôa Antiga e Ribeira de Lisbôa*. D. Alvaro é o primeiro avoengo da casa Cadaval: filho do segundo duque de Bragança D. Fernando I, e irmão do duque D. Fernando II, justicado em Evora á ordem de D. João II. Cazára com D. Filippa de Menezes, filha do conde d'Olivença, governador de Tanger (1479), e incluído no odio de D. João II aos Braganças, teve de se desterrar para Cas-

tella, onde permanece até que D. Manoel, seu successor, o faz chamar. A casa de D. Alvaro sitava na parochia de Santiago, jacente ao mosteiro de Santo Eloy, onde o fidalgo morreu muito mais tarde, tendo o seu primogenito os titulos de primeiro conde de Tentugal e primeiro marquez de Ferreira.

Da leitura d'algumas laudas do contracto (*Collecção de certidões extrahidas do Real Archivo da Torre do Tombo, a requerimento, etc.*, citada) deduzo que o Barão d'Alvito não teria em Lisboa ao tempo, casa propria, pois uma ou duas vêzes se diz «nas pousadas do dito Barão».

Como a jurisdição, direitos e bens que o d'Alvito vendia, eram bens vinculados, haveria de supril-os no morgado, conforme a lei, por outros de valor igual ou superior; e esses da substituição, constam «d'am assentamento de casas que foram esnôga dos judeus que estam na cidade d'Evora, d'onde foi judaria», mais «um cham adeante das ditas casas d'esnôga, e mais umas casas terreas que estam hy junto, que depois também comprou a lediça judia», e suas arvores, cisterna e poço, etc., que D. Diogo comprou por 310,000 réis a D. Diogo Ortis de Villegas, bispo de Ceuta e prior do mosteiro de S. Vicente de Fóra. Nas escripturas assigna como curador e tutor dos filhos menores do Barão d'Alvito, um Affonso Martins, «nosso feitor que fostes em Frandes».

2.<sup>a</sup> D. João II dera ao prior do Crato, D. Diogo d'Almeida, e ao «comendador mór» seu irmão, em vida d'ambos, umas casas sitas na Rua de Marvilla, em Santarem, partindo com outras que foram do Conde d'Abrantes, pae dos dois. Aquellas casas haviam pertencido a João Gonçalves, cavalleiro, a quem o rei as descontou n'uma divida de rendas, descurada. Em 1499 D. Manoel, a requerimento do

segundo barão d'Alvito, D. Diogo Lobo, e de sua mulher, deu-lhes posse do predio, e fica no morgado. (*Collecção, etc.*)

3.<sup>a</sup> Em 1501 D. Manoel aforou ao mesmo barão d'Alvito o lanço da cerca de Lisboa que «está junto com as duas portas da Ribeira, que chamam da Erva (Ribeiro, Terreiro da Herva) e dos Remendões». Que portas seriam? Castilho não falla. O lanço comprehende «dês o começo de muro que está das casas de Gonçallo Matheus até á dita porta da Erva, e da outra banda d'ella até á Escada da Siza das Carnes, e da porta do Açougue da Carne até á porta dos ditos Remendões. E d'ella da outra banda até ao canto que vae contra a Fonte; e isto para na grossura do dito muro sómente cavar e fazer as Boticas (lojas) que houverem por preço e fôro de cem réis cada anno» — «os quaes lhe logo mandamos tirar d'uma tença



CARRO ALEMTEJANO, OU DE CANUDO

obrigatoria que de Nós tem» diz o alvará. E mais além acrescenta «sobrevindo em algum tempo tal necessidade que para defensão de Lisboa cumpra se taparem as ditas Boticas, que elle seja obrigado de as tapar á sua custa» (*Collecção, etc.*). Aqui não houve residencia; era uma construção para rendimento. Só traslado a noticia para que os eruditos fixem no perimetro da Cerca lisbonense, a posição das duas portas.

4.<sup>a</sup> Contracto da venda feita pelos vereadores da Camara de Lisboa, e referendado por D. Manoel, em 1513, ao segundo barão d'Alvito D. Diogo, d'um terreno junto ás casas de Henrique de Figueiredo, contra a porta do Terreiro do Trigo, por 30,000 réis em dinheiro, «para ajuda dos canos da agoa de Andaluzes (Andaluz)». Illicida o traslado que «o dito chão é de comprido quatro braças de cravêra, e dous palmos e meio de largo, e tres braças outrosy de cravêra esquerdando-se com a esquina das casas de Amrique de Figueiredo contra a porta do Terreiro do Trigo, ficando antre as ditas casas do dito Amrique, e o dito chão, uma braça de cravêra á rua, e assy ficará outra rua d'outra braça de cravêra antre as casas que foram d'Alvoro Botelho e o dito chão...»

Deve ter sido terreno para arredondar propriedade ou casa possuida no sitio, porque diz a escriptura (*Collecção, etc.*) «e as paredes e obra se faram dentro dos limites da dita medida e nam sahirá mais». Os trinta mil réis da compra sahiram de dinheiros escambados do morgado, e o chão portanto adquirido, e mais as bemeitorias de 20,000 réis que o pedreiro Pedro Luiz levou pelas obras, (*Collecção, etc.*) no vinculo entraram, supondo eu que além houvesse sido a primeira, senão uma das primeiras moradias fixas dos barões na capital.

5.<sup>a</sup> N'um dos livros do Archivo (*Traslado autentico dos documentos antigos e modernos do Cartorio da ex.<sup>ma</sup> casa de Alvito — Tomo III*) achei uma copia da meação de D. Filippa Pessanha, viuva de Manoel Quaresma Barreto «por se perder na batalha d'Alcacere em companhia del-rey D. Sebastião que em gloria está, morador que foi na sua quinta de Santa Clara da freguezia de Santa Engracia de Lisbôa. Tem data de 18 d'Agosto de 1589. Com Manoel Quaresma, personagem opulento do conselho de D. Sebastião e vedor mór da sua fazenda, morreram tambem o seu unico filho, já cavalleiro, que o acompanhára á expedição, e bem assim João Quaresma, seu primo, Antonio Lobo, alcaide de Monsaraz, e enfim o barão d'Alvito, D. João Lobo, o qual, diz Jeronymo de Mendonça na *Jornada d'Africa*, «tomando um barrete vermelho nos dentes, quasi significando que o tempo era mais de obras que de palavras, se lançou entre a multidão de seus inimigos, onde acabou valorosamente depois que por largo espaço á custa de muitas vidas lhes deu a entender a tenção de sua empreza». Fez-se inventario, diz o traslado da meação, por ficar uma filha menor. O senhor visconde de Castilho na *Ribeira de Lisbôa* falla do palacio que Manoel Quaresma edificou na Horta da Bica do Sapato, em sitio alto e sobranceiro, e em cujas ruinas o sr. José Patha Blanco construiu o palacete em que por muito tempo morou, ao Alto de Santa Apollonia, onde se instala hoje o Instituto Central de Hygiene. Quaresma Barreto era riquissimo; tinha duas filhas, acrescenta o sr. visconde de Castilho: uma (D. Ignacia) que casou em Castella, outra, D. Barbara Quaresma (a menor do traslado), esposa do quinto barão d'Alvito D. Rodrigo, e herdeira de toda a

casa do pae em Portugal. A menção sumaria de por morte de Manoel Quaresma ter ficado ao casal uma filha menor, não exclue que houvesse outra, das duas que menciona a *Ribeira de Lisbôa*. A quinta de Santa Clara, na freguezia de Santa Engracia, sem duvida diz co'a Horta da Bica do Sapato, de sorte ao palacio d'esta dever ter sido o d'aquella onde residia a viuva, por morte de Manoel Quaresma. Assim a casa passou para os Alvitos, que n'ella tiveram moradia por algum tempo, acabando por a vender a Palma Blanco. A meação de D. Filippa Pessanha é consideravel, e o traslado um dos mais bellos testigos do mobiliario, ucharia, alfaias, joias e mais miolo cazeiro d'uma grande familia portugueza seiscentista.

6.<sup>a</sup> No reinado de D. João V (14 d'Agosto de 1748) morre a condessa-baroneza d'Alvito D. Ignez Margarida de Lencastre, filha de D. Christovam d'Almada e viuva do Conde-barão D. Vasco Lobo. Do leito resultaram tres filhos: D. José Lobo da Silveira Quaresma, o primogenito, que succedeu nos morgados e titulos da casa; D. Josefa Gabriella de Lencastre, e um D. Francisco Lobo, que casou na India, e pouco depois morreu deixando um filho chamado D. Vasco José Lobo.

Todos estes pimpolhos foram herdeiros nos bens dos paes, mas pelo testamento da baroneza-condessa infiro que D. Josefa Gabriella cedeu sob certas condições, a favor do irmão D. José, a sua parte da herança materna, e que o neto D. Vasco receberia tambem a sua, se bem que no decurso da ação se não volte a fallar n'elle. A morte do conde-barão D. Vasco deixara os tres filhos menores entregues á tutela da mãe, que foi durante vinte e cinco annos tutora e administradora do casal, e em Outubro de 1747 fez testamento para dispôr da meação. D. Ignez Margarida foi sepultada no convento de S. Pedro d'Alcantara e nomeia testamenteiros o filho e o neto.

Do monte de bens que por morte do marido lhe pertencem, somados d'aquelles que formam seu dote e arrhas, faz tres partes: duas para o filho e para a filha, e enfim uma terceira, vinculada em morgado, que tudo afinal passa ás mãos do primogenito, visto a parte da irmã ter sido tambem cedida a D. José Lobo da Silveira. Entre os bens da terça vinculada figuram a quinta de Telheiras, nos subúrbios de Lisboa, varias propriedades em Alvito e Ouriolla, e o palacio da Bôa Vista, residencia da familia desde muito. (*Livro II da reforma dos documentos que se produziram, dos que existem no cartório da ex.<sup>ma</sup> casa d'Alvito, etc.*).



AGUADEIRO: ALEMTEJANO

Nos autos cita-se entre as verbas destinadas a prefazer o total do vínculo que D. Ignez institue, uma, curiosa, assim descripta: «por cinco contos de réis que haverá por um quarto das casas do Palacio á Bôa Vista, que he o antigo da banda do nascente, que segundo o estado em que se acha com alguma danificação foi avaliado pelo mestre da cidade, José Freire, como conta da sua certidam...»

Não esquecer este paragrafo, e vamos agora á Boa-Vista examinar os dois palacios pégados que lá citam, cotejando-os com o nome de *Largo do Conde Barão*, escripto ás esquinas. No que torneja para a Rua dos Mástros, e tem a grande altura o andar nobre, viveu e morreu D. Vasco Lobo, 9.º barão d'Alvito e 2.º conde da Oriolla (Conde-Barão portanto), marido de D. Ignez Margarida de Lencastre (*Ribeira de Lisbôa*, pag. 552, 1.ª edição). Tenho ideia de lèr em papeis da casa d'Alvito, ha annos, uma escriptura de doação, ou que seja, que explica a existencia d'este cazarão na posse dos Lobos, e ao mesmo tempo a intrusão d'um apellido novo, do seculo xvii para cá, na firma do ramo primogenito. Infelizmente não pude reencontrar o papel na nova busca, e por isso apenas citei de memoria que um certo padre, d'apellido Quaresma, aparentado co's Lobos pelo cazamento do 5.º barão D. Rodrigo com a filha de Manoel Quaresma Barreto, legou aos condes-barões o seu palacio da Bôa-Vista, mais um lote de herdades, sob condição dos primogenitos da stirpe, que até alli assignavam «Lobos da Silveira», passarem a assignar-se «Lobos da Silveira Quaresma». Quanto ao palacio que torneja para a Rua das Gaivotas, declara o Sr. V. de Castilho (*Ribeira de Lisbôa*, pag. citada) que elle estava de longa data na posse dos Almadás, provedores da Casa da India, e que ahi vivia D. Christovam de Moura, senhor de Ihavo e Carvalhaes, pae da condessa-baroneza D. Ignez Margarida. Eram ambos de procedencia e fabrico antigos, segundo se pôde vêr pela altura das cantarias e arrogancia da estatura, e sofreram nos seculos xviii e xix restaurações que os embellezaram e deturparam. Suponho que este palacio dos Almadás entrasse nos bens dotaes de D. Ignez Margarida, e que o testamento d'esta senhora e escripturas de partilhas que citando venho do Livro II da reforma de documentos, etc., ao escreverem sumariamente «Palacio da Bôa Vista», se refiram outrossim ás duas casas conjunctas, a do padre Quaresma e a dos Almadás; e suponho mais que o paragrafo dos autos, transcripto acima, fallando n'um quarto do palacio arruinado — da banda do nascente — se refira á casa de D. Christovam d'Almada, que D. Ignez Margarida por orgulho de haver n'ella nascido, cuidasse de a vincular intransmissivelmente ao fastigio do filho primogenito. Em 1820, diz a *Ribeira de Lisbôa* (pag. citadas) ainda ahi vivia um Alvito, o provedor da Casa da India, D. José Maria d'Almada e Castro de Noronha Lobo.

Nada sei da disposição e decoraçáo do palacio Quaresma, que pela carranca de fóra caretêa suspeitas de haver sofrido transformações absolutas. Tem pela banda de traz um quintalejo ou quinteiro circumscripito pelas casôcas da Rua dos Mástros e Poço dos Negros, e separado dos quintaes e jardins do palacio anexo por um alto muro que D. Ignez Margarida talvez houvesse na menoridade do filho D. José Lobo, suprimido. Já se me não faz tão grande ignorancia quanto ao palacio dos Almadás, d'onde ha 37 annos sahi collegial, depois d'uma permanencia de cinco, e que depois d'isso já por outras vicissitudes passou, bem mais doridas. Ha trinta e dois para trinta e quatro annos ainda lá estava o *Collegio Europeu*, internato de mocinhos mui preferido dos lavradores do Alemtejo, e que com a *Escola Academica*, o *Collegio Garcez*, o *Collegio Villar*, etc., competiam na industria d'educar e amollecere filhos familias. Sucedeu-lhe depois o *Lyceu Herculano*, collegio inda

peor, de pouca dura, e de cuja directoria participava o latinista e escriptor Santos Valente; e veio por fim a *Companhia Nacional Editora*, que suponho terá estragado o edificio, espuriando-o com divisões e construções officinaes do seu mister.

No meu tempo, o edificio do *Collegio Europeu* (Conde Barão, 50) era um macisso predio de dois solidos e mages-tosos pisos de sacadas, cujo altissimo rodapé de silharia deixava vêr que só modernamente (Como hoje no palacio Foz-Castello Melhor, á Avenida) se haviam n'elle roto janellas de sobre-loja e portas rueiras. Entrava-se por uma vasta porta brazonada, seguia logo uma rampa de cotovello que ia a um claustro d'arcarias, de volta abatida, firmadas sobre columnas redondas, com mui breves capiteis historiados. A *Ribeira de Lisbôa* põe a architettura d'este claustro Renascença ahi pelos fins do seculo xvi, e possivel era que por cima d'estes arcos corressem galerias abertas, nos dois pisos, pois a escada d'acesso ao predio, e corredores em que ella abôca, tudo parece ter sido objecto de remodelações ultra-modernas.

Ao fundo do claustro, pela face do quadrilongo oposta á rampa, abria-se a escada nobre, de descansados patamares, que logo se bifurcava para topar galerias derodeando o pateo, e dando ingresso ás melhores camaras e salões do segundo piso. Nos tempos do collegio o claustro tinha, a cada banda da escada, uma pimenteira imensa e digitada em ramarias fluctuantes, que fazia por deante do arco d'acesso, como os fuzis d'um store japonês... A aula de musica era em saletas cujas janellas cahiam logo por cima da arcaria. Ao anoitecer, co'a sombra das pimenteiros, o claustro tinha uma soturnidade de jazigo, e a sua estreita boca geometrizava no ceu como um gargalo de cisterna, por onde os rumores da Lisbôa cançada desciam, em verberações periclitantes, em moïnhas confusas, como essas que nas solitarias estradas se escutam pondo o ouvido aos postes telegraficos. Alguma fórma de collegial, com blusa de trintanario, obliquava sombras na escada, esgueirava-se nos longos corredores: e n'esse funebre trapismo, implacavelmente, das janellas da aula de musica cahia a miseria das escalas de piano, e a voz zangada do professor exercitando dedos emperrados. — E' como, bons quarenta annos volvidos, me aparece ainda hoje, na sua fórma d'acesso, a melancholia pessimista.

Da casa dos Almadás, o primeiro andar ficava ao nivel do chão do claustro de columnas. Toda a fileira de sacadas sobre a rua fazia parte, segundo o uso das casas portuguezas, d'aposentos e salas de parada, onde decoraçáo de tectos, desenho de lambris, tudo pertence ao seculo xviii, epocha em que o filho ou netos de D. Ignez Margarida reformaram o palacio, que já nos autos do inventario se dizia estar danificado. Ao tempo das restaurações, a enfiada de salas era de quatro, que o director do *Europeu* fundira em duas, para fazer aulas grandes, sem prejuizo das decorações subsistentes. Estas, que ainda existem, consistiam em tectos e lambris d'azulejo interessantes. Os tectos eram de *lienzo*, em grandes figuras mythologicas e allegoricas, pintadas geralmente a claro-escuro, ou n'algum tom de sanguina ou sépia, n'essa excellente e papuda *tournure* desoistista que tanto amimou os entalhadores de capellas e pintores de casas de gente rica e affdalgada. Em Portugal restam ainda numerosissimos exemplares d'essa escola abundante d'escultores de madeira e pintores decoradores, que talvez moderno algum atinja, mau grado o Estado e particulares gastarem em subsidios e pensões, largo dinheiro. Quanto aos rodapés de fayança, de metro e quarenta d'alto, ou metro e meio, tinham scenas de caçadas, merendas e serenins em parques e relvados — azul em fundo branco — e de roda molduras de cartucho, rocálha, a dois tons d'amarello

e d'azul (se bem me lembro), com algum roza secca aqui e além.

Por sua anchura e aparato maximo de salas, o segundo andar é que parecia o andar nobre. Pelas sete sacadas da frente abriam sobre o largo dois salões de festas, com tetos de madeira, de pyramide truncada, mui altos e mui anchos, tendo nas faces almofadões de relevo, de muitos fasciculos e reprêgos, e nos pannos horisontaes ou *lienços*, grupos d'alegorias pintadas como disse. Eram vastas estancias de luz torrentuaria, entrando pelas sete gigantescas sacadas do Largo, mais duas janellas de peitos que tinha o salão maior d'esquina, sobre a archi-velha Rua das Gai-votas. As portas que comunicavam as grandes salas de todo este andar, são de batentes, reentrando na parede, e escancarando arcos magnificos por onde a enfiada de peças se aprecia.

Certa vespera de férias, o nosso professor de literatura (portuguez do 3.º anno, dizia-se então), um senhor excelente, Goulard da Silveira de Macedo, deixára-nos para thema a descripção d'uma das grandes salas do collegio, e esta prova de genio pictórico devia ser lida no primeiro dia de lição. Eu cahira doente, e na enfermaria, fallando á enfermeira, do thema, ella, que era cunhada do director, já velha; e deve de estar no ceu por sua bondade ultra-divina, me começou a contar de como o palacio era, quando o collegio se fundára... fallou-me de velludo branco, pintado de flores e de figuras, forrando os muros dos dois salões de cima, fallou-me em lustres velhos e placas — damascos, sedas de ramos cobrindo os muros das salas de baixo, uma debandada de farrapos, douraduras, sumptuosos destroços que aproveitei para o furor da minha descripção, que teve premio; e d'ahi recordarem-me ainda estas insignificancias de que o leitor se está a rir, mui pela certa.

N'este piso nobre, com fachada oposta á rua, abrindo sobre o quinteiro-jardim ou horta dependente, havia vestigios tambem de salões e casas de grande pé direito, se bem que já destituídas d'adorno, e aos tempos do collegio caiadas de branco e aproveitadas para dormitorios. Lembro-me d'uma sala chamada «quarto dos espelhos» que ainda o director recebera (segundo versão da D. Luiza) coberta de molduras de talha, partidas, com pedaços de espelho esverdinhado; e a esta se seguia o «quarto das lampadas», que era um vastissimo salão de quatro ou cinco sacadas para a horta, e talvez n'outros tempos servisse de casa de jantar.

O quinteiro-jardim era um mui vasto quadrilongo, devido em dois pisos: o superior fazendo esplanada á fachada trazeira, regular, do cazarão: o inferior, mais vasto, separado do primeiro por uma grade que passava em pilas-trilhas de pedra, adornadas d'estatuas e jarrões, tendo nos extremos, kiosques ou belvedéres de cantaria e azulejo, cobertos d'uma armação metalica para trepadeiras. Bancos de pedra mui largos, da epocha joanina ou pombalina, rodeavam profusamente o terreno de cima, coberto d'arvores, e onde podia manobrar um batalhão, e havia ao fundo um jogo de bola, imenso, com rodapé d'azulejo e balisas de pedra, que parecia do tempo, e onde muitas vezes esmurrei as ventas e me tatuei de contusões. Na quadra de baixo continuavam vestigios do velho jardim senhorialmente esplendido dos Almadas ou dos Lobos: uma cascata ao fundo, n'um arco enxadrezado de pedras de côres, conchas, fayanças, com sua bacia de golfinhos, seu hemi-cyclo de bancos tendo nas costas, canteiros d'azulejo, intervalados d'estatuas e jarrões. A meio da quadra, um lago, com seu alto repuxo, n'uma clareira de bancos eguaes aos da cascata, estatuas eguaes: e pelos meandros da horta, em ruas sinuosas, que uma velha nora regava, restos de charcas, kiosques azulejados, devastados, cobertos pelas fron-

des d'uma ou outra arvore que pela corpulencia parecia recordar as grandezas da casa e fazer figas ás vicissitudes dos homens e das coizas.

(2) *Castello de Villa Ruiva*.—Entre a massa de casas e a igreja, ha uma especie de pequeno outeiro ou podim de terra, coberto de herva, e cuja fórma e destroços podem ao forasteiro passar despercebidos. Observando porém o monticulo de mais perto, depara-se-nos uma especie de polyedro de base rectangular, rampado nas faces, e com especies de dilatações conico-truncadas nos cantos. E' o miolo ou enchimento macisso das esplanadas e torres do antigo castello de Villa Ruiva, que as pilhagens vandalicas e desmazelos dos seculos pouco a pouco foram esfolando da sua nobre armadura de cantarias architectonicas.

Pela configuração das terras e restos vários de silharia permitindo seguir bocados da muralha, vê-se que pelo menos era uma esplanada vasta, ou praça d'armas, sobranceira á parochia, e atalayando em roda a veiga agricola, delimitada por muros ameados e rampados, e com quatro torres conicas, rampadas e não mui grossas, sobre que daria um palacio ou cazona gothica, que pelos restos das pedras devia ter sido construcção de rica traça e maravilhoso lavor, como talvez não houvesse outra igual pelo districto. Em muitas casas miserimas de Villa Ruiva podiam vêr-se ha quinze annos, e ver-se-hão ainda, pedaços de pedras aparelhadas e lavradas, do marmore intensamente branco e rijo que ha no sitio, e perdura eterno, pela rizeja do bago, guardando intacta sempre a alvinitencia. A' soleira de certas casinhólas de taipa, muitos poios de pedra são misulas gothicas, correcta e elegantemente lavradas de cintas e decorativas folhagens, que os camponezes chamaram a si, quando as não fazem escavar para salgadeiras de toucinho e bebedouros de gallinhas. Ao presente não ha da construcção desaparecida, sequer trexo perfeito, mas nos fragmentos esparsos tudo revela a sumptuosidade dos materiaes e a perfeição e correção das esculpturas, capazes de caracterisar um amo rico, e um architecto educado já nas magnificencias do gothico composito.

Villa Ruiva foi das terras que D. João I dera a Nun'Alvares, depois d'Aljubarrota, e este galardouo com ella, e Vil'Alva, os serviços do seu companheiro d'armas Rodrigo Affonso de Coimbra. D'alli a nada o Mestre arrendia-se, pois dando tudo, ficava como D. João II, «monarcha apenas das estradas», e Villa Ruiva volveu com outras terras fortes, para a Corôa, o que ia motivando a deserção de Nun'Alvares para Castella (*Ch. do Condestabre*, edição do Porto, 1848, pag. 205 e seguintes), exactamente como hoje sucede com qualquer desinteressado progressista a quem o sr. José Luciano expurgasse das postas gordas, passando a ser por esse facto, um desinteressado regenerador ou impoluto republicano. Por ultimo, o senhorio de Villa Ruiva quedou definitivamente nos marquezes de Ferreira, depois duques do Cadaval, que rezidiam no solar parte do anno, alli dando festas e caçadas. Pinho Leal diz no artigo *Villa Ruiva* do seu livro, e por informação particular de pouca fé, que a villa fôra cercada toda de muralha, e com alteroso castello, sobre cuja porta d'entrada se viam as armas dos Cadavaes. Acrescenta que ainda em 1850 esse Castello tinha peças. Deve salvar-se o exagero. Do que lá resta agora, com todos os rasgos de certeza, fica informado o leitor, de visu proprio.

*Castello da Vidigueira*.—N'uma pequena colina á entrada da villa, sobranceira aos terrenos da feira, e para a esquerda da estrada que vae de Villa de Frades a Portel, vê-se ainda um resto de parede grossissima, fazendo canto, e partindo com várias linhas de fortes alicerces que ainda riscam o platô por varios sitios. E' o que resta do paço dos Gamas, e dentro em pouco nem esse triste pedaço de

muralha restará. Ignoro se existe desenho ou gravura representativos do castello-solar que nos ocupa. A casa de Niza, que teve o senhorio da Vidigueira, des'que vendeu terras e fôros, deixou desbaratar miseravelmente os restos do palacio, que ainda ha cem annos, no dizer dos velhos vidigueirenses, mantinha torres, janellas esculpadas, e enfiadas de camaras com fogões de pedra e alguns terrassos. Teixeira d'Aragão no seu livro *Vasco da Gama e a Vidigueira* refere sumariamente que «ainda se admiram restos d'um castello, que possuia, nas fortes muralhas, tres torres redondas e uma quadrada, e cujas ruinas atestam magestosa fabrica». A semsaboria do costume. Acrescenta que a construção é attribuida a D. Fernando, duque de Bragança (Vidigueira era feudo da casa, e só em 1519 passou aos Gamas), e não a Vasco da Gama, como erradamente o vulgo diz. A este caracteristico edificio, como a tantos outros colossos que despertaram a cubiça e o odio

igreja de Santa Maria da Alagoa. Santa Maria da Alagoa é ainda agora orago da freguezia, mas a actual igreja não vae além do seculo xvii ou xviii. Teria a primitiva sido erguida intra-muros da praça forte? De Nun'Alvares passou o senhorio de Portel para os Braganças, que alli fundaram, dentro do castello, um grande palacio. Diz que ha ruinas... Effectivamente ainda ha 15 annos eu lá vi os quatro fortes muros d'um cazarão esburacado á volta, de janellas d'ogiva, já sem as molduras de pedra, nem aboboda ou telhado que ajudasse a destrinçar-lhe a epocha e o destino. Era o palacio? Eram ruinas d'aquella Santa Maria da Alagôa de Nun'Alvares? Diga quem saiba.

(3) Ha outro painel do mesmo assumpto na igreja de S. Pedro de Pomares, que a tradição diz fundada por D. Diniz, o constructor das torres de Portel, de Beja e paço annexo, onde consta rezidiu por temporadas. S. Pedro de Poma-



CUCARIA, OU ACAMPAMENTO DE TIRADORES DE CORTIÇA  
sob uma sobreira frondosa, no montado

da rusticidade bossal dos camponeses, aconteceu que diminuía á proporção que os casebres da Vidigueira iam augmentando. Durante muito tempo, quem queria materiaes de construção, demolia paredes do castello, quebrando e desfazendo, sem que os municipios ou os feitores da casa de Niza quizessem ou soubessem pôr cobro a uma tal selvageria. O que hoje resta do paço dos Gamas é o pedaço de muro que já disse, e uma janella manuelina ou da renascença portugueza, embutida na parede do jardim da casa que foi do conselheiro Bayão Matoso, em Villa de Frades. Por ella vemos que seria sumptuoso o castello-solar da Vidigueira, e a escultura das pedras, se bem que um pouco grossa, pertencendo ao final do seculo xv ou começos do xvi.

*Castello de Portel.* — Do palacio dos duques de Bragança, na cerca fortificada de Portel, é que não sei. Foi primeiro senhor de Portel, D. João d'Aboim, *o de Portel*, o mais rico magnate do reinado d'Affonso III, e que na herdade de *Valle de Buim*, entre Portel e a Vera Cruz, teve granja e palacio com sua torre mui alta e muito forte, de que subsistem restos formidaveis. Mais tarde está o senhorio de Portel na casa do Condestavel, que alli fundou a

res é um antigo curato que Pinho Leal diz ter tido 280 fogos em 1757, e hoje decahiu sensivelmente. Fica junto á carreira de Selmes para Baleizão, districto de Beja, em terras da quinta de S. Pedro, pertencente ao morgado de Ferreira. E' versão correnteia que n'um barranco proximo á igreja de S. Pedro, o rei D. Diniz, andando á caça, foi atacado por um urso que o derribou do cavallo, e n'este transe, invocára S. Luiz, bispo de Tolosa, advogado contra mordeduras d'animaes. Ha uma capella de S. Luiz nas terras da herdade da Rabadôa, jacente á freguezia de Pomares. O quadro aludido tem, me disseram, sua legenda comemorativa do milagre. Eu não pude vêr nenhum dos dois paines, não podendo portanto dizer se comemoram o mesmo, se milagres diferentes, e se a féra que invêste o rei, n'um quadro é um urso, e n'outro um javali, ou se em ambos o mesmo porco montez, cuja representação grosseira se tenha prestado a confusões.

(4) Artigos com o titulo *A Rainha D. Leonor*, firmados por *Silex*. Cinco. No *Jornal do Commercio*, de 7 de Setembro de 1901, a 26 d'Outubro

(5) Ha tradição em Villa Nova d'essa residencia de el-rei D. João II, vindo já muito doente das Alcaçovas, n'uma

casa ao sitio da *Cerca*, cujos ultimos restos ha annos foram demolidos, construindo sobre o antigo chão o sr. Fernando Fialho, proprietario, a casa onde actualmente reside. Junto a essa casa subsistem ainda ruinas de capella, que não pude verificar fossem do tempo. A pessoa que me informa, falla n'um recinto pequeno d'abobada, com vagas pinturas de santos, que hoje lhe serve de caça de despejos. Tambem é tradição que a igreja parochial, que tem sobre a porta uma data do seculo 17, não podendo o informador dizer se essa data celebra a fundação ou restauração, fôra construida co'as pedras d'um castello ou torre erguida outr'ora no sitio da villa ainda hoje chamado do *Castello*. (*Comunicação do sr. Francisco Manoel Fialho, de Villa Nova da Baronía*).

(6) Na conspiração do duque de Vizeu contra D. João II figura entre os partidarios do duque, um Fernão da Silveira, filho do primeiro barão d'Alvito. João Fernandes da Silveira cazara duas vezes, a ultima com D. Maria Lopes Lobo, filha do Luiz Lopes, d'Alvito.

Este conspirador Fernão da Silveira é do primeiro leito ou do segundo? O certo foi que na noite do dia terrivel em que D. João II assassinou o cunhado na guarda-roupa das casas de Nuno da Cunha, em Setubal, Fernão da Silveira não poude ser prezo, por mais que o procurassem, e diz-se viveu muito tempo nas covas da serra da Arrabida, graças á fidelidade d'um servo que lhe levava de comer, e jámais o quiz atraiçoar. Lá conseguiu fugir para Castella, mas, diz P. Chagas na *Historia de Portugal*, D. João II fez da extradição do seu inimigo, negocio diplomatico, a ponto do infeliz se homisiar para Avignon, onde um conde Palhais Catalan lhe deu morte, comprado, dizem, pelo implacavel rei portuguez, que não deixava afronta por punir. Esta differença entre D. João II e o nome dos Silveiras seria talvez a causa provavel e principal do desconfiado rei se esquivar á hospitalidade do castello.

(7) Fr. Francisco d'Oliveira relata a estada de D. Sebastião na Cuba sem conjecturar os motivos d'esta especie de trabalhosa peregrinação do rei pelo Alemtejo. Mas na *Revista das Sciencias Militares*, volumes III, IV, V e VI, vem uma *chronica* de João Gascão (transcripta da Cella M. manuscripto n.º 1104 do R. A. da Torre do Tombo) onde se pormenorisa a viagem com transparencia dos fins politicos da mesma. A chronica de Gascão põe o dia 2 de janeiro de 1576 como data da sabida da comitiva real, d'Evora, o que briga com a de fr. Francisco d'Oliveira respeito á era em que D. Sebastião jantou na Cuba, a qual foi a 3 de janeiro de 1573. Ha erro d'anno, e este certo pertence á chronica de Gascão, por defeito de cópia, ou equivoco pessoal do chronista. A data de 1753, de fr. Francisco, é que é a verdadeira da jornada real ao Alemtejo, e pelo simples motivo de que sendo o infante D. Duarte companheiro do rei n'esta viagem, e tendo fallecido em Evora em 1575, não podia fazer digressões depois de morto. No mais, as duas datas afinam e são coherentes, pois D. Sebastião sahindo d'Evora a cavallo, a 2 de janeiro, por Vianna, chegaria á Cuba a 3, onde jantou. O jantar na Cuba é pois étape da jornada que Gascão transcreve com tanta minucia e pittoresco dom d'alviçareiro, no manuscripto da *Revista das Sciencias Militares*, que nos vae servir para esclarecimento historico dos tempos. Esta viagem far-se-hia algum tempo antes da primeira ida de D. Sebastião á Africa, e teria decorrido entre Evora e o Algarve, por Vianna, Cuba, Beja, Mertola, Faro, Tavira, Lagos e Silves; e do Algarve a Evora, por Elvas e Villa Viçosa, onde os duques de Bragança receberam o rei com estupendo luxo e opipara fartura.

Seu fim politico seria fazer uma especie de reconhecimento ao sul do reino, visitando nos seus burgos, nobres e fidalgos, mostrando-se ao povo em cavalgada brilhante,

para lhes dar uma ideia esplendente do prestigio régio, e ao mesmo tempo avaliar dos recursos e forças dispostos, antes de lhes ser lançada a contribuição de dinheiro e sangue com que todos deviam ajudar a invasão projectada de Marrocos, ideia fixa do megalomano mystico e autocratico que empunhava as redeas do governo. D. Sebastião havia muito intentava passar o Estreito, ir-se á moirama, e largos annos malucou na empreza esteril, nos intervallos de montar furiosamente, com o fim, dizia, de ganhar destreza para o grande dia da victoria. Esta jornada que João Gascão relata, dá uma completa ideia da miseria exhausta do reino, que fez tudo sempre sem dinheiro, ao bamburrio da sorte, vivendo por milagre uma vida herói-comica, cujos successos, como agora, a escacez de recursos continuamente affligia e punha em risco. O rei sahia e entrava nas povoações com uma especie de pompa do theatro. «As trombetas, atabáes, charamélas deante, escreve J. Gascão, fazendo seu officio, até sahir um pedaço fóra da cidade. De traz, el-rei; logo pegado com elle, o guião, redondo, com a cruz de Christo, e não farpado como os dos bergantins, e que levava um moço fidalgo chamado D. Alvaro, filho mais moço de D. Aleixo. As bestas dos atabáes paramentadas com gualdrapa, cabeçadas e retrancas de panno das côres del-rey, e brosladas de branco e verde, não eram máchos gordos, mas antes de aluguel, e fracos, e da propria maneira os sendeiros de cêla das trombetas e charamélas que tambem iam d'insignias de verde e branco». Em sendeiros d'aluguel! A gente recorda insensivelmente os antigos bandos dos toiros, percorrendo a cidade em vespuras de corrida. «El-rey ia entre o Snr. D. Duarte (filho do infante D. Duarte, sobrinho do cardeal D. Henrique, primo portanto do rei), e o duque d'Aveiro, e cada um vestido de sua côr. El-rey levava gabão, roupeta e calças de vaxa côr de rosmaninho, e chapeu alto pardo. D. Duarte, gabão, capotilho e calças de vaxa verde de mescara côr nova, e muito galante, chapeu alto de mescara da mesma côr da vaxa. O duque levava jubão, roupeta e calças de vaxa de côr de pinhã, e manto verde, e chapeu alto da mesma côr, com trança d'oiro de martello, e uma coura de cordovão muito bem feita, e aberta pela ilharga sobre a roupeta.» Cada qual d'estes senhores traz seu sequito de fidalgos, cortezãos e servidores, mais de sessenta figuras, que é impossivel aqui especialisar; e no do rei figuram D. Jeronymo e D. Rodrigo Lobo, da casa d'Alvito, mais dois seus parentes, que são D. João da Silveira, e Manoel Quaresma Barreto, nascido em Serpa. As gentes do infante e as gentes do duque, egualam, senão excedem as do rei, em especificação e numero de mistéres e de serviços: é uma tropa de funcionarios complicadissima, camareiros, veadores, trinchantes, secretarios, escritvães da fazenda, pagens, moços de camara, moços d'estribeira, reposteiros e cozinheiros, tudo mostrando o cerimonial artificioso d'esses grandes senhores do tempo antigo, e o como seria difficil installar e mover tamanha léva de disfructadores ociosos, atravez charnecas despovoadas e nem ás vezes providas talvez do stritamente preciso á vida charra dos rusticos.

Com D. Sebastião vae João Gonçalves da Camara, irmão d'aquelle Luiz Gonçalves «mestre del-rey», e d'aquel'outro astuto e dulceroso Martim Gonçalves, «doutor em theologia e sacerdote de familia nobre», que era o favorito, e «do qual el-rey tudo fiava, diz Fr. Bernardo da Cruz, para ficar mais solto em suas fragueirices».

Gascão não faz senão gabar o espirito amavel, fidalgo e generoso do duque d'Aveiro, de quem parece ser familiar ou servidor. «Dá mêza a muitos fidalgos, escreve, e com os fidalgos que tambem cômem á sua mêza, e sempre de uns e de outros tem hospedes ao jantar e á cêa; vem-lhe da cosinha todas as eguarias cortadas; a elle lhe chega as eguarias

Ruy Corrêa, seu trinchante, e está pegado com elle, sempre descarrapuçado, emquanto come, e o veador cuberto, e Antonio de Vasconcellos, seu pagem, lhe dá de beber, e aos fidalgos que com elle comem servem os moços da camara, assi de agua para beber, como de chegar ás eguarias, como de agua ás mãos, os quaes levam assentados á mēza, e o Duque não faz nenhuma differença de si aos outros no assento, porque se assentam aonde se acerta. Faz a todos muita cortezia: aos condes falla por senhoria, e aos fidalgos diz «beijo as mãos de V. mercê» — e d'esta maneira os trata nos recados, pelo que todos são muito seus amigos, e lhe vão muitas vezes a caza, na qual ha o mais do tempo jogo; manda cobrir os moços da camara del-rey e do Snr. D. Duarte, e tira o barrete até aos moços d'esporas».

No mesmo dia da partida d'Evora, cerca das 4 horas da tarde, chegou D. Sebastião a Vianna, e foi recebido por juizes, vereadores, alguma gente de cavallo, ordenanças a pé, e duas danças: «uma a módo de ciganas, e uma folia, e assi o levarão até á igreja matriz, e d'alli a sua casa, durando as folias quazi toda a noite». De Vianna foi D. Duarte a Agua dos Peixes, vêr familia sua, «visitar o conde (Tentugal) e a Sr.<sup>a</sup> D. Catarina d'Eça, que o recebeu com grande alvoroço, e a Sr.<sup>a</sup> D. Izabel (mãe de D. Duarte), e trouxeram-lhe sobre que bebesse um pucaro d'agua, o que ainda não acabava de fazer quando entrou o conde de Vimioso e seu filho mais moço, que vinhão visitar estes senhores.

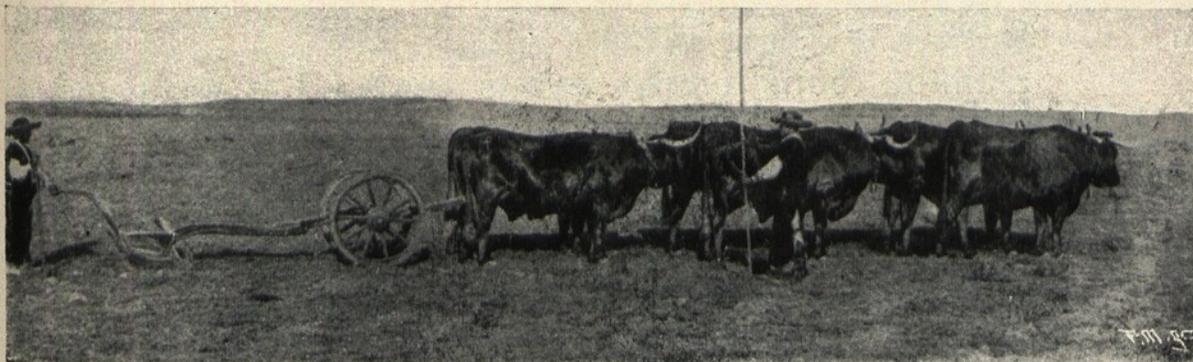
O conde, depois de fallar ao senhor D. Duarte, se foi a D. Catharina e lhe pediu a mão, e fez querença de a tomar, e o Snr. D. Duarte se deteve mais um pouco por amor do conde de Vimioso, e depois de com elle vêr algumas casas do aposento do conde, e uma varanda muy grande e muy fermosa que cae sobre o tanque grande dos peixes (ainda existe), se pôz a cavallo, e foram vêr o pomar, o que visto, se vieram para a Villa (Vianna), e o conde e o senhor D. Rodrigo acompanharão o Snr. D. Duarte um grande pedaço de caminho...»

Segue mais adeante o chronista «... sabado, 3 de janeiro, partiu el-rey de Vianna, depois de ouvir missa, e foy jantar á Cuba, e ahi achou o conde da Vidigueira que veio para o acompanhar, como faz, n'esta jornada, com 4 caçadores, 4 moços de caça, e 2 escudeiros, veador e estribeiro, traz 8 aves (7 falcões e um gavião), e dá mēza e jogo em casa todo o tempo que se não caminha. O duque d'Aveiro e seu irmão, e o filho mais velho do conde de Vimioso, se apartarão del-rey em Agua dos Peixes, indo S. Alteza para a Cuba, e foram visitar o conde (Tentugal) e seus filhos. O Snr. D. Duarte não seguiu a ordem del-rey, ouviu missa em Vianna sem elle, e almoçou, pôz-se a cavallo, e partiu caminho da Cuba, e mandou a Alvito visitar o Barão e a Baroneza, e o mesmo fez passando por Villa Ruiva a D. Alvaro de Mello, irmão do conde (Tentugal); e uma le-

goa antes de chegar o Snr. D. Duarte á Cuba, andou á caça das lebres, matou duas, cada uma com um galgo.

Na Cuba receberam el-rey com danças e folias, gente de cavallo e ordenanças de pé; e o Snr. D. Duarte chegou a tempo que el-rey se punha a cavallo para ir caminho de Beja, acompanhou el-rey até fóra do lugar, e porque se lhe rasgou uma calça, se veio descer ao lugar, a uma palçada (pousada?) que tinha préstes, e tomou umas sobrecalças, e pôz-se a cavallo e veio alcançar el-rey pela porta ao caminho de Beja; e meia legoa antes de chegarem a Beja, vierão da cidade o alcayde-mór D. Luiz de Sousa, e os freires, e outros fidalgos, e muitos homens a cavallo, e muitos d'elles com lanças e adargas; e vieram escaramuçando todo o caminho até chegarem as danças, as quaes eram tres, e uma folia, todas de homens, e uma de homens em trajos de mulheres, e cinco bandeiras de soldados feitas em um esquadrao, e todos passando el-rey fizeram grande grita e dispararam todos os arcabuzes; e a torre de Beja, machina muy soberba e fermóza, e de muito grande altura, estava muito enbandeirada, e tambem disparou muitas camaras de berço, e muitos arcabuzes. Com esta grande festa chegou el-rey á porta principal de Beja, que estava armada o melhor que lhe foi possivel, e um clerigo em um pulpito, o qual lhe fez uma fálta de pouca sciencia e muita rethórica, e de remate lhe meteu nas unhas a Azia conquistada em menos tempo do que eu o escrevo... D. Luiz de Souza, alcayde-mór, levou a el-rey pela redea do cavallo, e ia á mão direita, e o estribeiro-mór á esquerda: a rua por onde el-rey veio até á Igreja Matriz (Santa Maria Maior), aonde desceu, estava armada, mas mais me satisfaz o concerto das de Lisboa. El-rey se foy com todas estas festas, da Igreja para as casas da Infanta, que são pegadas com o mosteiro da Conceição (ha poucos annos demolidas), aonde havia de pousar. Nas casas da Infanta esteve o que restou do dia em conversação com os marmanjos (gente rustica, do povo) e como ceou, se lançou na cama...»

(8) Isto nos permittirá fixar a area em que citaria a residencia, e deve ser approximadamente a que hoje occupam o tribunal e cadêas comarcãs, visto a tendencia dos municipios pobres d'aproveitar para o lançamento das obras novas, os alicerces das velhas construcções, reconhecidos solidos e fortes. Restos da cantaria de Paço dos Infantes ainda se pódem vêr na Cadêa Velha de Beja (Praça de D. Manoel), onde ha janellas e silhares que das ruinas da Cuba foram, e em casas várias d'esta ultima terra, mencionadamente soleiras e portaes grossos em miseraveis cazebres da Rua dos Jasmims, cunhaes em alguns lagares d'azeite e portas carreiteiras por várias outras ruas, e finalmente toda a moldura lavrada da porta principal da Igreja da Conceição (a mesma talvez que fr. d'Oliveira diz que fazia a entrada da ermida de S. Braz), e ainda certa pequena janella gothica na pare-



CHARRUA ANTIGA, A TRES JUNTAS

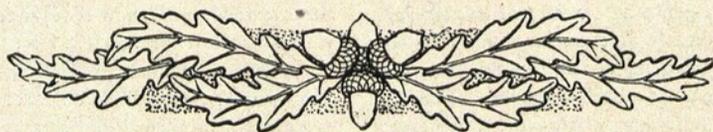
de d'um sobrado que o proprietario Fonseca apeou e demoliu vae em dois annos, na R. Direita.

Por alguma d'essa cantaria do Paço dos Infantes lhe poderemos tambem fixar a architettura, como a d'uma casa-palacio da Renascença portugueza, grosseiramente lavrada, e que pela menção aas columnas que fr. Francisco d'Oliveira pôe na varanda da Rua da Lama, teria tido seu claustro interior ou pateo arcado, e cujas janellas, de modelos differentes, mostram o desconcerto heterogeneo da fabrica, naturalmente entregue a canteiros e alvanéos regionaes, mui pouco artistas. De feito, emquanto a janelluca da R. Direita

mantém a ogiva florida de sumarias chicorias, apoiando-se em columnitas assentes em misulas retorsas, e coroadas por pinaculos conicos, frisados, o portal da Igreja da Conceição (que teria sido no Paço alguma das janellas principaes) mostra-nos já a sua franca moldura retangular, e a toda a largura d'ella, e recortes curvos da verga superior, uma silva de troncos de romanzeira correndo em zig-zagues de romãs abertas, trabalho d'alto relevo tosco, modelo decorativo que ficaria corriqueiro no sul, supponho, pois vejo o reproduzido em muitos porticos d'Alemtejo e Algarve, ex: nos das igrejas de Monchique, Vianna do Alemtejo, etc.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.



## RELIQUIA

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Elisa M.

O pequenino livro de leitura  
que foi teu companheiro de creança,  
perdido o antigo lustre e formosura,  
ocioso, agora em minhas mãos descança.

Ao vê-lo, a ideia, erguendo vôo, alcança  
momentos que hoje em dia em vão procura:  
descuidosas manhans cheias de esp'rança;  
todo um poema de paz e de ventura...

E emquanto abro este livro singular  
e beijo as letras que o teu claro olhar  
alumiou (bons tempos que lá vão!)

eu penso e sinto bem quanto lhe devo:  
nelle aprendeste a ler o que te escrevo  
e a escrever-me o que diz teu coração...

M. Cardoso Martha.

# Uma revelação literária



EM tudo é miséria e vileza neste mísero globo sublunar; nem tudo é prosa e comércio nos caminhos da vida: há de haver sempre o espiritual prazer, instilado nas almas sans pela varinha mágica do genio, pelos divinos filtros da arte.

Cabe, por sem duvida, á poesia a faculdade de sobredeirar o mundo com os esplendores de um paraíso, e de se desatar em perfumes, que espancam as mefíticas exalações dos marnéis sociaes.

Bendita seja a poesia!

Se a providencia ou as boas fadas nos deparam *mente, ás musas dada*, e criadora de harmonias que irresistivelmente nos encantam, instintivamente erguemos as mãos, jubilosos e agradecidos.

E o que succedeu desta feita. Um amigo do nosso confrade Candido de Figueiredo apresentou-lhe um manuscrito e pediu-lhe que o lesse, a ver se aquilo merecia publicação. E acrescentava:

— São versos de uma senhora, desconhecida nas letras, e parenta minha. Nunca publicou versos nem prosa; arreceia-se da publicidade. Veja isso, e diga-me o que lhe parece.

Com a sua habitual complacencia, mesclada de natural receio, o nosso collega aceitou a incumbencia, sob a condição de só dar conta dela quando as suas instantes obrigações lhe deixassem alguns lazeres. Semanas depois, lançou indiferentemente a vista para meia duzia de linhas daquele manuscrito, mas não pôde conter a surpresa que elas lhe produziram: aquilo não era o que vulgarmente e depreciativamente se diz *versos de senhora*; era poesia a valer, opulenta de imagens felizes e afestoada de linguagem tersa, em que se aliava a sobriedade com o brilho.

E leu mais, leu tudo. Quando a si voltou da gratissima surpresa, brindou-nos,



D. MARIA DA CUNHA

devidamente autorizado, com os versos que abaixo reproduzimos, convencido de que era justiça inteira que por mais tempo não ficasse desconhecido o nome da modestissima autora, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Cunha, cujo retrato estampamos, em homenagem aos seus altos méritos de poetisa.

## Meio-dia

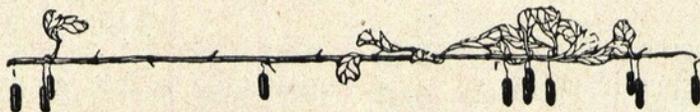
*O sol subiu... Agora é quasi a prumo!  
Hora da sesta, abençoada e santa!  
Sai dos casaes, prometedor, o fumo,  
Os gados dormem, a cigarra canta.*

*A' luz do sol, a rosa brava deita  
Um cheiro forte, que entontece a gente;  
Nos milharaes, a cotovia espreita,  
A arvêloa saltá na agua transparente.*

*E no silencio, que se fez, profundo,  
Ouvem-se as folhas a cair no chão,  
E o palpitar do insecto moribundo.*

*Dormita á sombra o lavrador aldeão,  
Emquanto o sol, progenitor do mundo,  
Aloira os trigos e amadura o pão.*

MARIA DA CUNHA.



# CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

**AGOSTO DE 1808**

**Dia 1**

O general inglez sir Arthur Wellesley, tendo sabido que a guarnição franceza de Lisboa, seu principal objectivo, estava desfalcada em seis ou sete mil homens, por causa da partida das forças com que Loison foi submeter a insurreição do Alemtejo, dá ordem para que principie a effectuar-se o desembarque das suas tropas na praia de **Lavos**, perto da Figueira da Foz. A operação offerece difficuldade, porque sopra com força o vento de oeste, fazendo com que o mar, em vagalhões, rebente violentamente na praia, a qual tem perto encostas escarpadas e parceis, onde o desembarque é impossivel.

A intenção de Wellesley é marchar logo contra a capital, esperando ter sobre as tropas de Junot boa superioridade numerica, tanto mais se se lhe juntarem os reforços que o seu governo lhe prometteu, mas que ainda não desembarcaram.

Os expedicionarios britannicos são recebidos entusiasticamente pelos portuguezes, que os olham como seus libertadores.

O governador de Pombal escreve a Wellesley offerecendo-lhe, em nome dos moradores do districto, o seu dinheiro, os seus fructos, os meios de transporte de que dispõem e até as suas proprias pessoas, a bem da causa commum.

O porta-estandarte Joaquim Miguel de Andrade, de accordo com o sargento Francisco Eliziario de Carvalho e outros officiaes inferiores da Guarda Real de Policia de Lisboa, conseguem reunir na parte occidental do **Campo Grande**, muitos soldados e cavallos de aquelle corpo, que estava ao serviço dos francezes, e logram a seu salvo fugir rapidamente para Coimbra, onde tencionam reunir-se com o exercito nacional que intenta sacudir o jugo do invasor.

Marcham 130 homens.

**Dia 2**

Loison, vindo de Evora, entra em **Extremoz**, d'onde recebera, estando ainda n'aquella cidade, deputados que foram cumprimental-o e pedir-lhe perdão de se haver sublevado a

villa. Não faz violencias e até manda pagar tudo o que as suas tropas gastam e



MANUEL JORGE GOMES SEPULVEDA

dá liberdade a alguns dos prisioneiros que trazia de Evora.

O emissario que lhe falou em Evora, aproximou-se-lhe com o braço direito levantado e uma toalha branca na mão, para que ficasse bem patente a sua qualidade de parlamentar.

### Dia 3

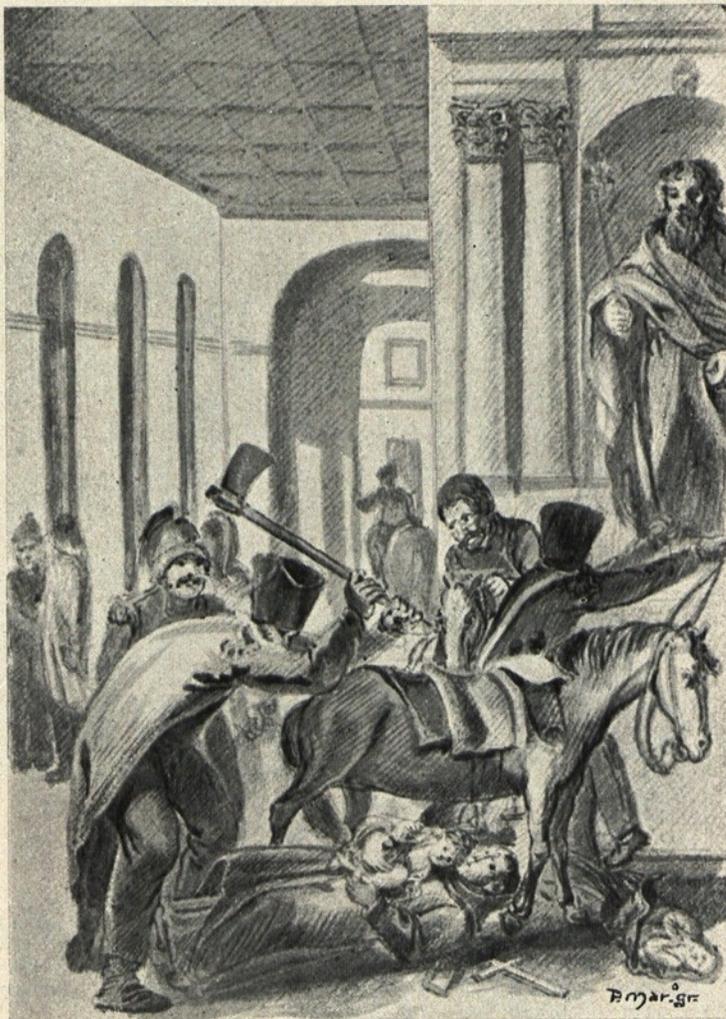
Loison manda fuzilar em **Elvas** dois soldados suissos, que trouxera prisioneiros; commuta a pena ultima na de galés por cinco annos a outros quatro, e solta os seis restantes. Os hespanhoes, que tambem tinha prisioneiros, são encerrados na peor masmorra do forte da Graça, com excepção de D. Antonio Maria Gallego, que é transferido para a cadeia publica.

(Alguns patriotas libertaram-n'o depois, comprando o carcereiro. Este, havendo posto a familia em Badajoz, soltou Gallego e os demais presos e fugiu com elles. Gallego desceu da muralha por uma corda atada á bocca de uma peça, mas foi presentido, o que fez com que os francezes da praça, tendo-se dado o alarme, disparassem muitos tiros para o fosso e fizessem muitas buscas, que o escuro da noite frustrou, succedendo o mesmo ás que se passaram no dia seguinte.)

A favor do tenente-coronel Domingos Franco, que devia soffrer a pena de morte por decisão de Loison e que estava preso em **Elvas**, intercede o bispo da diocese, o cabido, ministros e outras pessoas notaveis da praça raiana. O general francez protesta o seu muito respeito ao bispo, mas conserva-se inflexivel. Então o prelado exclama que, visto que não se lhe faz aquelle favor, roga outro, que é o de se lhe dar a mesma sorte, pois que tem horror á vida, já que não pode resgatar a de um infeliz. Loison cede, e Franco não é executado.

Este caso e o resultado favoravel que teve em Evora a intercessão do arcebispo Cena-

culo mostram que Loison, ou não era tão feio como o pintavam, ou seguia os dictames do seu compatriota, o rei Luiz XI, tambem despota impiedoso, na sympathia pelas gentes da Egreja. Verdade é que o destruidor do



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

*Pertencente á Bibliotheca Nacional de Lisboa*

*Tem a seguinte epigraphe:*

Profanadores dos Templos — Os abominaveis soldados de Napoleão manchão sacrilegamente os templos de Deos: com execraveis insultos desprezão as santas imagens, partem-nas e as lanção no fogo e...

A Religião de vossos Paes a mesma que todos professamos... sera protejada (sic) e socorrida pela mesma vontade. Junot. Edital 1 de Fevereiro de 1808. Grande socorio e protecção (?) para a Religião! lançarem as Imagens sagradas nõo fogo. Bella fraze.

feudalismo em França deixou morrer o cardeal Ballue dentro de uma gaiola de ferro.

### Dia 4

Excita o mais vivo entusiasmo em **Coimbra** a chegada dos 130 homens da Guarda Real da Policia, que tinham fugido de



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

*Pertencente à Bibliotheca Nacional de Lisboa*

*Tem a seguinte epigraphe:*

As Aguias e os Gallos de França trespassados com as setas da Bretanha: a serenidade voltando (?) ao nosso Emispherio; a Lusitania levantada por Inglaterra. A tranquillid. abund. tornando a nós.

Lusitania socorrida no seu Letargo pello vallyoroso Hercules da Bertanha (sic). Torna a reinar a Paz. Animaivos Portuguezes. Paz aos bons e tambem aos maos. Conde da Ega. Proclamação 1 de agosto de 1808.

Lisboa. Esta força, constitue um importante auxilio para as tropas portuguezas que tinham pouquissima cavallaria. Forma-se com ella um esquadrão com duas companhias, uma das quaes é commandada por Francisco Elisiario de Carvalho e a outra por Joaquim Miguel de Andrade, ambos promovidos a tenentes.

### Dia 5

Acaba o desembarque em **Lavos**, das tropas de Wellesley.

Entra em **Coimbra**, no meio do maior entusiasmo o general Bernardim Freire

de Andrade, que consegue ali juntar 7:618 homens de tropa de 1.<sup>a</sup> linha, dos quaes 1:500 são de cavallaria (só 500 estavam montados), e os restantes de infantaria; 10:000 de milicias, e 15:000 de ordenanças. Esta força tinha sido organizada nas provincias do norte, sob os auspicios da junta do Porto, havendo dirigido immediatamente os trabalhos aquelle general e D. Miguel Pereira Forjaz, que tão importante papel depois desempenhou como secretario da regencia e ministro da guerra.

### Dia 6

Loison entra em **Portalegre**, que fôra abandonada pelo bispo e pelas pessoas mais notorias da cidade; deixa ali commetter muitos roubos e violencias e lança a contribuição de cem mil cruzados, que deve ser paga immediatamente.

### Dia 7

As tropas inglezas começam a atravessar o Mondego.

N'este dia os generaes portuguezes Bernardim Freire de Andrade e Manoel Pinto Bacellar vão a **Montemór-o-Novo** conferenciar com sir Arthur Wellesley. Querem elles que o theatro das operações seja levado para o interior da Beira, porque n'esta provincia abundam os mantimentos e porque assim Loison, que se acha no Ribatejo, terá que approximar-se de Lisboa, ficando limpo de francezes o terreno á retaguarda. Wellesley discorda, allegando não poder apartar-se da costa, porque do mar espera soccorros e viveres, e para lá conta retirar-se em caso de desastre. Dá a Bernardim Freire 5:000 espingardas e as competentes munições, para armar outros tantos homens, que do Porto tinham vindo apenas munidos de chuços, fouces e paus.

### Dia 10

Avança das margens do **Mondego** em direcção a Pombal a vanguarda do exercito

britannico, tendo antes Wellesley escripto a sir Harry Burrard participando-lhe o que se passava. A Burrard competiria o commando em segundo logar, e a sir Hew Dalrymple, em primeiro, attendendo n'esta determinação o governo inglez ao principio da antiguidade. Wellesley commandava por estarem ausentes aquelles dois tenentes generaes.

A divisão do general Bernardim Freire marcha de Coimbra para operar de combinação com os inglezes.

O conde de Castro Marim, tendo entregado ao bispo do Algarve a presidencia da junta de **Faro** e o governo das armas do Algarve, sae d'aquella cidade á frente de uma columna de tropas portuguezas, a caminho de Mertola, devendo seguir ao longo do Guadiana. Outra columna de tropas levantadas na mesma provincia, seguiu sob as ordens do coronel Antonio Hypolito, pela estrada de Almodovar. Devem as duas columnas reunir-se em Beja, aonde irão ter 1:300 hespanhoes commandados por D. Jayme Moreno.

#### Dia 11

Reunem-se em **Pombal** os diversos corpos do exercito britannico, que marcha sobre Lisboa.

#### Dia 12

O exercito britannico chega a **Leiria** e junta-se com as forças de Bernardim Freire de Andrade. O general portuguez tem novas contestações com Wellesley, porque este não condescende em fornecer-lhe biscouto para as suas tropas, allegando que era a Portugal que competia sustentar o exercito que vinha libertal-o, e não a Inglaterra que devia fornecer a alimentação para aquellas forças. Sabedores d'esta discordancia, os nossos soldados exclamam; «Pois bem! Brigaremos sem pão!». Freire dizia que se achava na impossibilidade de manter as suas tropas em razão de se ter afastado da Beira, ao contrario do que propuzera. Tambem entre o general britannico e o portuguez houve acerba discussão relativamente á co-operação que as nossas forças dariam ás do alliado. Wellesley afinal pediu a Freire que lhe cedesse apenas uma parte das suas tropas, que hão de enumerar-se quando se falar do combate da Roliça. Desejava espe-

cialmente cavallaria, que tinha em pequeno numero.

#### Dia 14

Os inglezes, tendo partido de Leiria na vespera, e passado pela Calvaria, chegam a **Alcobaça**, onde recebem pão e forragens, desembarcados na praia da Nazareth. A fim de conservar sempre communicação com a esquadra britannica, d'onde recebera os reforços que esperava, e mantimentos, e para

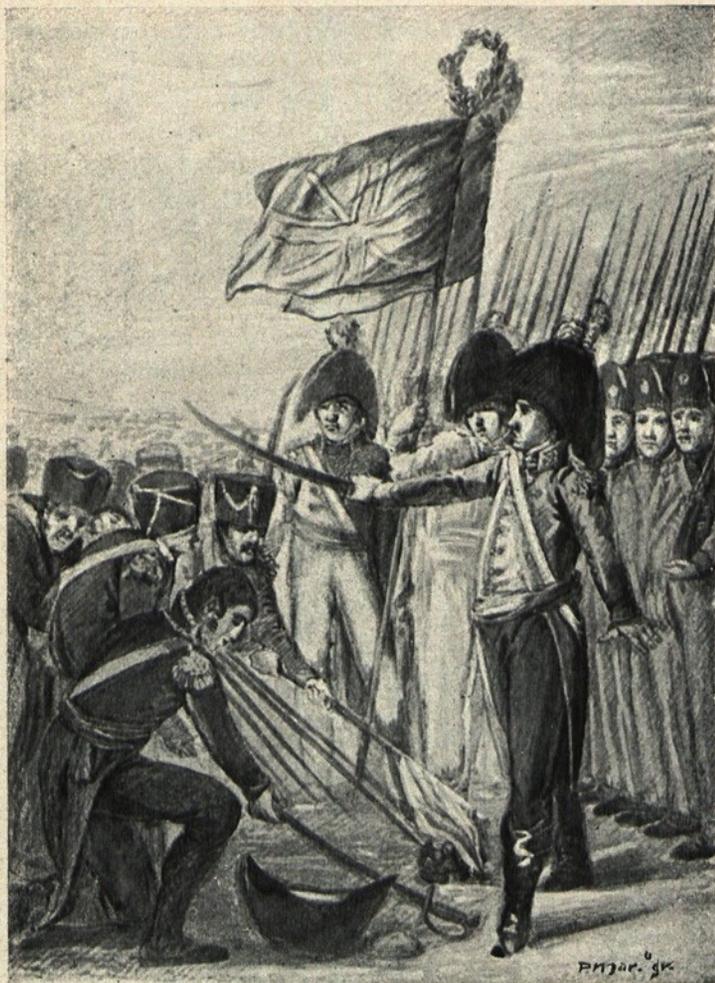


FRANCISCO DE PAULA LEITE

não ter que destacar forças para guarda dos armazens que se estabelecessem á beira-mar, no caso de ser a marcha muito para o interior das terras, Wellesley deliberou seguir perto do litoral. Com as suas tropas todas reunidas iria dar combate ao inimigo muito perto de Lisboa.

Desde a chegada dos inglezes a Alcobaça ficam cortadas as communicações entre os generaes francezes Delaborde e Loison.

Os membros da junta de Evora, que Loison tinha nomeado, sem se exceptuar o seu presidente, o arcebispo D. Frei Manoel do



AGUARELLA INEDITA DO TEMPO

Pertencente à Bibliotheca Nacional de Lisboa

Tem a seguinte epigraphe:

Habatimento dos barbaros Francezes pellas triumphantes Tropas Britannicas na Batalha de Vimeiro. Ex-aqui os Gallos de Italia tornados em Gallinhas em Portugal. Cante agora o seu Poeta.

Os generaes inglezes concedem a vida aos vencidos traidores. Deponde as Armas. Junot. Decreto 26 de Junho de 1808. Os Britannicos Não tem desejo algum de vingança. Junot 12 de Maio, Decreto de 1808.

Cenaculo Vilias Boas, são levados para **Beja**, por ordem da junta d'esta cidade, onde ficaram presos em logares correspondentes ás suas categorias sociaes, cessando portanto o domínio francez na mais importante das povoações alemtejanas.

### Dia 15

Os inglezes para reconhecer as posições do general Delaborde avançam até um moinho situado a meia legua para a frente da **Roliça**, e que estava occupado peia vanguarda franceza, composta de 2 companhias

de infantaria ligeira, 2 do regimento 70 e 2 do batalhão suiso.

O ataque, apesar de energico, é repellido ao cabo de meia hora de renhido combate. Os defensores pertencem ás forças do citado general que chegaram ali na vespera, tendo vindo de Alcobaça por Obidos.

Estando Junot no theatro de S. Carlos, onde se festejava o 39.º anniversario de Napoleão, recebe noticia das criticas circumstancias em que se achava o general Delaborde e resolve sahir de **Lisboa**, a fim de, explica elle, «averiguar pessoalmente o que vinha a ser o preconisado embarque dos inglezes, que nada tinha adeantado apesar de se haver effectuado quinze dias antes».

### Dia 16

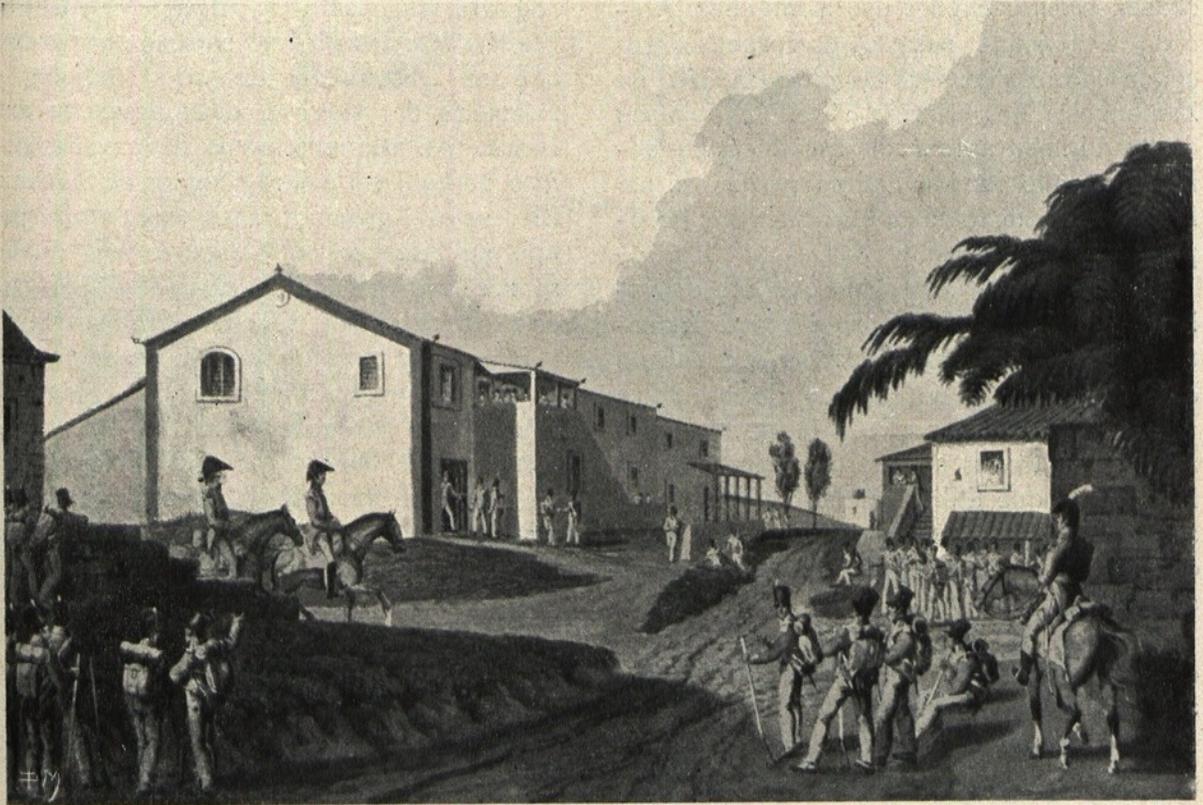
A's quatro horas e tres quartos da madrugada Junot sae de **Lisboa**, acompanhado por uma força de reserva, composta de 2:000 homens de infantaria, 600 cavallos, 10 peças de artilheria e um parque de munições. A bordo da nau *Vasco da Gama* fica depositada a maior parte dos valores que nos foram roubados. Nem as proprias escrevaninhas de prata da junta de fazenda da marinha e do conselho do almirantado, escapam. A prata das egrejas tinha sido fundida em barras,

e do deposito publico retiraram-se com antecipação 225:000 cruzados. Antes da partida, ha em Lisboa uma confusão enorme. Nas hospedarias e casas particulares onde estão aboletados, os officiaes francezes fazem precipitadamente os preparativos para a marcha, mettendo para as malas tudo o que, bem ou mal adquirido, possuem. A proclamação, que o Duque de Abrantes publicou antes da marcha, regorgita de ameaças: «o ferro, o fogo e todos os males da guerra» cairão sobre Lisboa, se o seu exercito tiver que voltar a ella por meio da força.

Felizmente acabava de vez na bella cidade do Tejo o dominio de Napoleão, cujas tropas nunca mais conseguiram aqui penetrar, a despeito dos raivosos protestos do soldado corso guindado a imperador.

O exercito britannico chega ás **Caldas da Rainha** e faz alto n'esta povoação, para receber mais viveres, que tinham desembarcado na Nazareth. Não pôde Wellesley começar tão cedo as operações como desejava,

com 5 peças de artilheria, pretende oppôr-se, em frente do lugar da **Roliça**, á marcha das forças de Wellesley, que avançam sobre Lisboa. A posição que toma é n'uma eminencia, para a frente da qual se abre um valle. Nas collinas que este ladeiam ficam os postos francezes, cobrindo as passagens que ha para as montanhas situadas á retaguarda. Wellesley divide a sua vanguarda em tres columnas, de que fazem parte uma brigada de peças de calibre 9 e



QUARTEL GENERAL DE SIR ARTHUR WELLESLEY, NO VIMEIRO

*Segundo uma estampa do tempo*

por ter falta de cavallaria, e tambem porque Bernardim Freire resiste a acompanhá-lo com as suas tropas, tanto que ainda permanece em Leiria.

A marcha dos inglezes é, desde a Figueira, saudada entusiasticamente pelo povo portuguez, que em toda a parte lhes sae ao encontro, vendo n'elles quem o ha de libertar do jugo napoleonico.

### Dia 17

O general francez Delaborde, com 6:000 homens, dos quaes 500 são de cavallaria, e

outra de calibre 6. Na da direita, estão 1:000 portuguezes, com 50 cavallos. E' commandada por Nicolau Trant e recebe a incumbencia de tornear a esquerda dos francezes. A columna do centro, commandada pelo proprio Wellesley, e em que entra o resto da força portugueza, deve atacar de frente a posição da Roliça. A da esquerda, em que estão 20 cavallos portuguezes e que é commandada por Fergusson, deve tornear a direita dos inglezes.

A's sete horas da manhã as columnas avançam por veredas e caminhos intransitaveis, e conseguem forçar os postos dos

francezes, recuperando successivamente a ordem que a aspereza do terreno não cessa de transtornar.

Uma das brigadas do centro dos alliados logra formar-se em frente dos francezes, e duas outras avançam para a Roliça, estando já a nossa infantaria no lugar de S. Mamede, á esquerda, e os caçadores de uma das brigadas nas collinas da direita.

Delaborde manda abandonar a posição principal da Roliça e marchar para a da Columbeira. A retirada faz-se em muito boa ordem, pelos caminhos das montanhas. Atacada a segunda posição, os francezes recuam e vão occupar terceira posição, na Zambugeira dos Carros. Repellidos tambem d'esta ultima, apesar da sua energica defesa, e tendo havido muitas perdas de um lado e outro, acabam os atacantes por occupar os cimos das montanhas.

Esta primeira victoria do exercito anglo-luso é tambem o primeiro combate importante da Guerra Peninsular em que entram os nossos soldados, a quem tão glorioso nome vae resultar d'esta porfiada lucta. Mais numerosas as tropas de que dispunha Wellesley que as que tinha Delaborde, não houve ainda assim desproporção entre as forças que de um e outro lado se empenharam na acção.

Tiveram os francezes 600 mortos e feridos, contando-se entre estes Delaborde; nos alliados houve 479.

Os vencidos perderam tambem as bagagens, e munições de guerra e de bocca.

E' reconhecido por todos os historiadores da Guerra Peninsular a habilidade com que se houve Delaborde, a quem faltaram os socorros que esperava tanto de Loison como de Junot, mas que manobrou de maneira que evitou para as suas tropas um grande desastre.

Foram as seguintes as forças portuguezas que entraram n'este combate: 210 praças de artilharia 4; 104 de cavallaria 6; 50 de cavallaria 11; 104 de cavallaria 12; 41 da cavallaria da Guarda de Policia; 605 de infantaria 12; 605 de infantaria 21; 304 de infantaria 24, e 569 de caçadores 6, o que dá o total de 2:592, maior que o indicado por Wellesley, que algumas vezes foi injusto para com os nossos soldados, sem embargo

do muito que estes fizeram nas batalhas em que o general britannico illustrou o seu nome.

As tropas da Beira, commandadas pelo brigadeiro Manoel Pinto Bacellar e uma brigada auxiliar hespanhola sob as ordens do marquez de Valladares, tendo marchado de Castello Branco entra em **Abrantes**, em consequencia de Loison ter marchado na direcção de Rio Maior no intento de reunir-se a outras forças do exercito francez.

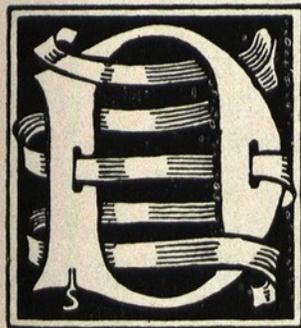
Entra novamente em **Alcacer do Sal** Sebastião Martins Mestre, com as suas tropas, que se compunham de 400 soldados de infantaria do Algarve, duas peças de artilheria, um pequeno corpo de cavallaria, e 300 hespanhoes dos regimentos de Siguenza, Llerena e Ayamonte. Esta força tinha partido de Alcacer do Sal para Beja quando se receiava que Loison fosse de Evora para esta cidade. Sahiu sem ter sido distribuida a comida ás praças, que apesar d'isto marcharam sempre com a maior animação. N'uma das povoações atravessadas foi necessario que Mestre e o ajudante andassem com uma alcofa a pedir pão pelas portas, o que lhes permittiu reunir o sufficiente para distribuir a cada homem um quarto de pão, que n'esse dia lhes foi almoço, jantar e ceia. Para assustar os francezes que estavam em Alcacer, empregou Mestre um habil estratagemma: destacou para a frente o seu capellão, havendo-lhe entregado uma carta em que recommendava ao juiz de fóra que mandasse apromptar rações para quatro mil homens. A carta, segundo Mestre previra, cahiu em poder dos francezes, os quaes, ao mando de Graindorge, retiraram precipitadamente para Setubal, deixando em Alcacer viveres e barcos.

As forças de Junot, tendo sido demoradas na passagem do rio Sacavem, cuja ponte fóra cortada pelos moradores do lugar, e havendo passado por Villa Franca de Xira, juntam-se perto de **Otta** com as do general Loison, que fizera vagarosamente a sua marcha. Loison vinha do Cercal e fóra esperado com anciedade por Delaborde, que n'este mesmo dia se batia na Roliça contra os soldades anglo-lusos.



## O cavallinho de pedra

(Conclusão)



ENTRO da choupana estava uma velha que apenas deu com os olhos no rapaz veio logo falar-lhe. E explicou-lhe o motivo por que tudo era silencio na cidade e nos campos em derredor, e porque habitava com ellas o medo, na choupanasinha.

Muitos annos antes, quando havia muita gente n'aquella terra agora silenciosa, quando os homens arroteavam aquelles campos doirados, as mães brincavam com os filhinhos por aquelles relvados e os velhos descansavam á sombra amiga do arvoredado, governava o paiz um rei muito justo e sabio. Tinha, porém, este monarcha um inimigo muito cruel e poderoso em outro rei, que governava um reino para além do rio que por ali passava. Invejoso da prosperidade que gosavam os subditos do seu visinho, o rei mau fez-lhes guerra e sahiu victorioso, porque se valeu das artes magicas em que era muito sabido.

Deus sabe quantos vassallos do rei bom morreram na guerra, e quantos mais foram levados como escravos pelo inimigo! Mas o rei bom e trezentos dos seus mais valorosos cavalleiros tornaram-se em calhaus, e ficaram espalhados pelos caminhos; comtudo n'aquella mesma noite um velho caridoso apanhou e levou comsigo todas as pedras, de sorte que a velha nunca mais soube o destino que tinham tido.

Desde então as novidades amadureceram todos os annos, os pomares cobriram-se de flores em todas as primaveras, as arvores vergaram os ramos ao peso dos fructos em todos os outonos, e não appareceu o minimo signal de estrago ou de ruina em nenhum dos edificios da cidade. A velha entendia que tudo isto era indicio de que a cidade não ficaria eternamente silenciosa e de que o rei bom ainda havia de voltar, mais os trezentos cavalleiros, para libertar o seu povo, captivo para além do rio que por ali passava.

A velha era ama da filha do rei bom e foi tão feliz que poude escapar,

com a pequenita, á morte e ao captiveiro de que todos os mais foram victimas, ficando desde então n'aquella choupanasinha no meio do arvoredó.

Disse tambem a velha que alguns dias antes o filho do rei mau andara á caça por ali, e que, desviando-se dos outros caçadores para visitar a cidade silenciosa e os campos visinhos, adergou avistar a princeza.

A velha fugiu com ella promptamente e foi escondel-a n'uma furna que havia no mais cerrado do bosque, evitando que o principe tornasse a vêr a donzella quando veiu procural-a. Por isso abalou desesperado, mas voltará de certo, em boa companhia, a dar nova busca, pois tinha dado bem a perceber que a formosura da princeza lhe causara um grande abalo.

Teve logo o Diniz a certeza de que a ama não se enganava, pois que, deitando os olhos para a princeza, conheceu que todo o homem que a tivesse visto uma vez, faria tudo para tornar a vel-a.

Enfureceu-se e jurou que nunca o filho do rei mau se apossaria d'aquella creaturinha encantadora. E como a ama lhe dissesse que o principe viria de certo acompanhado pelas tropas de seu pae, lembrou-se da promessa dos cavalleiros do castello e mandou, pelo cavallo branco, pedir-lhes que viessem ajudal-o.

Emquanto o cavallo partia n'uma tal corrida, que nem uma frecha seria capaz de o apanhar, o Diniz levava a princeza e a ama para a cidade, e punha-as dentro do palacio real, que era o edificio mais forte de quantos ali havia. Não satisfeito ainda com isto, conduziu-as para o torreão, que se erguia ao centro do palacio e d'onde se vigiava até muito longe o inimigo. E tambem metteu no torreão quantos comestiveis pode encontrar, e fechou com ferrolhos e trancas todas as portas, encostando moveis contra ellas, para maior segurança. Como o palacio era todo de marmore, não podiam deitar-lhe fogo.

Da janella mais alta do torreão os tres ficaram á espreita. Foi entristecendo de dia para dia a princeza, e, se o Diniz lhe perguntava o motivo, respondia-lhe que estava certa de que tanto a ama, que fôra sempre muito sua amiga, como elle, que tão dedicadamente a defendia, iam ser mortos pelos inimigos. Pouco se lhe dava de morrer, mas não se conformava com a idéa de que outros morreriam por sua causa.

O Diniz procurou tranquillisal-a. Disse-lhe que pouco lhe importava morrer para defendel-a, mas que conhecia bem todo o perigo a que estavam sujeitos, porque não poderiam resistir aos numerosos soldados que o principe havia de trazer comsigo.

Quanto mais esperavam, mais afflictos se iam tornando, e só pediam a Deus que chegassem quanto antes os cavalleiros de brilhantes armaduras.

Mas assim como elles não appareciam, tambem não havia signal do inimigo.

Uma tarde a princeza adormeceu e o Diniz disse baixinho á velha:

— Talvez o principe não volte.

— Pois julgas, respondeu ella, que um homem depois de ver a princeza pode ficar em casa, muito socegado da sua vida?

— Não, não póde, com certeza, tornou-lhe o rapaz, tristemente.

Na manhã seguinte appareceu uma nuvem no horisonte. Quando chegou mais perto, conheceu-se que era da poeira levantada pelo exercito que o principe trazia comsigo. A curta distancia da cidade apartaram-se d'elle alguns homens, para esquadrinhar todas as casas e dar uma batida ao bosque. Reconheceram afinal que a princeza estava dentro do palacio. Formou-se em volta um cordão de tropas, para que ninguem pudesse sahir, e tratou-se de arrombar as portas, que apesar de muito grossas e rijas foram cedendo.

Os tres que vigiavam no alto do torreão bem gritaram por soccorro, mas ninguem lhes acudiu.

O Diniz lembrou-se então de que os cavalleiros, por causa do seu encantamento, só podiam marchar durante a noite e perdeu a esperanza de que chegassem a tempo.

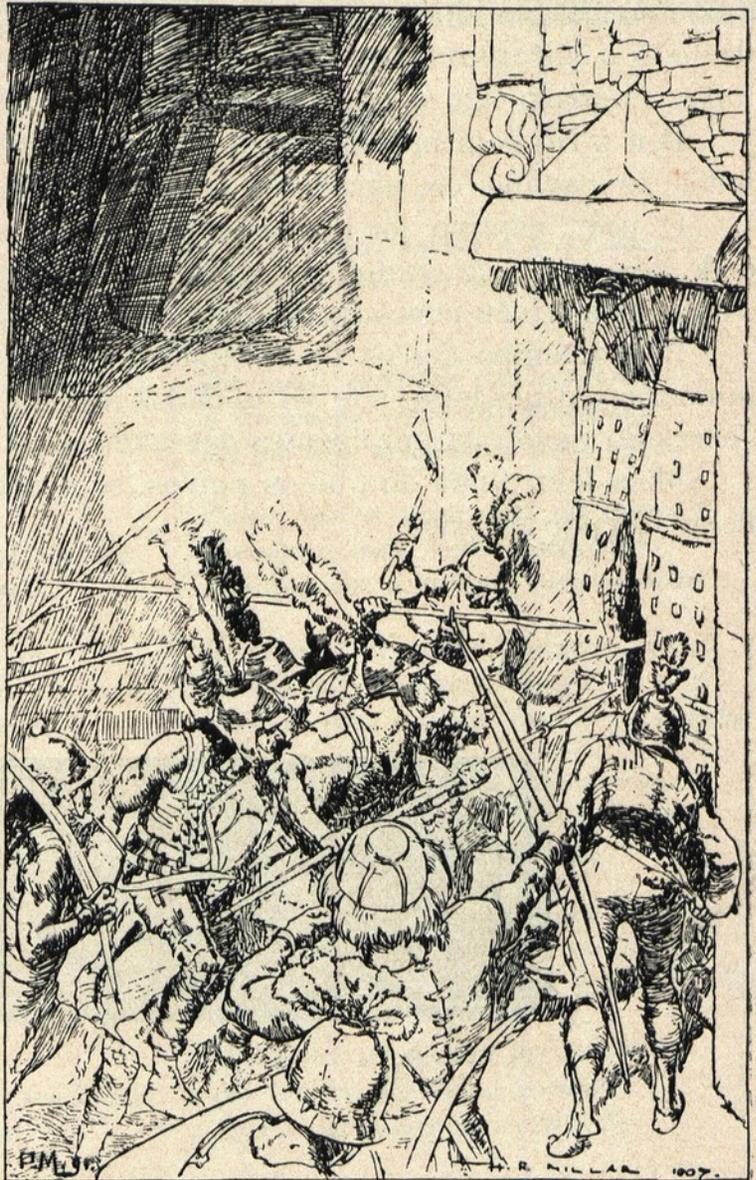
Quando rompeu a manhã do outro dia, só faltava arrombar duas portas e os atacantes continuaram logo a trabalhar com ancia. Todo o dia trabalharam, ao mesmo tempo que os tres vigiavam no torreão.

Ao luscofusco a ultima porta começou a abrir fendas, e no emtanto viram os tres brilharem os ferros das lanças dos cavalleiros, ao longe, por entre o arvoredado.

— Não chegam a tempo, disse comsigo mesmo o Diniz, e, ainda que cheguem, são muito poucos para que possam derrotar esta chusma de inimigos.

Quando rompeu a madrugada, estavam os cavalleiros muito perto do castello, mas infelizmente os assaltantes haviam recommçado furiosamente no seu trabalho. O poder do encantamento cahiu de novo sobre elles durante aquelle dia ardente de verão, e os tres, do alto do torreão, só viram um monte de pedras no campo, e ouviram o estalar da madeira da ultima porta, morrida pelo aço dos machados.

A porta resistiu bem,



A PORTA RESISTIU BEM, MAS FOI CEDENDO AFINAL.

mas foi cedendo afinal. O Diniz desenhainhou a espada. Havia uma grande fenda na porta, mas elle defendia-a tão bem que nenhum dos assaltantes se atrevia a approximar-se. De repente sentiu-se fóra do palacio um grande rumor: homens vozeavam e tiniam armas. Os assaltantes, que já subiam a escada, escutaram anciosos, e desceram para saber o que seria aquillo.

Os bons dos cavalleiros tinham-se approximado, sem que fossem vistos na meia obscuridade do crepusculo, e surprehenderam os inimigos entretidos no assalto. Foi uma batalha tremenda. Não tinham os cavalleiros esgrimido em vão durante as longas noites de tantos e tantos annos.

Nunca os inimigos viram luctadores como aquelles, e foram recuando, recuando, até cahirem no rio, onde se afogaram ás centenas. Apenas escaparam da morte os que ficaram prisioneiros. O rei e o filho morreram no combate, e com a morte do primeiro acabaram logo os seus feitiços malfazejos.

Os cavalleiros, que eram os mesmos trezentos que se haviam tornado em pedras, voltaram para suas casas. O velho, de que a ama falou, era um magico que lhes tinha querido valer, mas que não pudera livral-os de todo o encantamento. O lindo cavallo branco era o proprio rei bom, que tomara aquella figura por conselho do magico.

Deu o rei bom muitos beijos na sua encantadora filha, e, juntamente com todos os cavalleiros, agradeceu tanto ao Diniz que chegou a envergonhal-o.

O povo captivo foi libertado, e a cidade silenciosa tornou-se n'uma cidade de falacia, de cantos e de alegrias. A ama velha, recompensada generosamente, viveu com a princeza até ao final dos seus dias.

Pouco tempo depois da batalha, o Diniz casou com a princeza, e houve tamanho entusiasmo nos vivas dados aos noivos, que muitos homens e mulheres do povo ficaram doentes das guelas á força de gritarem.

Mais feliz ainda do que os noivos, só a mãe de Diniz, que d'ali por deante ficou vivendo no paço.





## O Arraial

*O San João aqui é celebrado  
festivamente; um arraial pequeno  
acolhe o forasteiro em seu terrado.*

*De manhã, corre a musica, tocando,  
as ruas do logar; em toda a parte  
alegra os corações alegre bando.*

*O sol canta, magnifico solista.  
Respondem-lhe os metaes da philarmonica;  
O bombo ronea; o flautim ri, trocista.*

*Depois, missa cantada na ermida:  
altar com muita luz, calor intenso,  
muita flor, muita gente que se apinha.*

*A seguir o jantar em companhia  
de amigos e parentes convidados:  
vinho bom, que palestras alumia.*

*E, por fim, o arraial. Ih! tanto povo!  
Giram na eterna polka raparigas  
apertadinhas em vestido novo.*

*O verde gaio é tradição perdida.  
Quem ha que saiba as normas do fandango?  
Em roda viva o par dançante lida.*

*E' mal nosso: banida a velha usança,  
adopta-se uma extranha menos bella:  
Ninguem ao bailarico se abalança.*

*Em coreto enfeitado com verdura,  
a musica dá nervo aos dançarinos,  
até que ella descanse, o baile dura.*

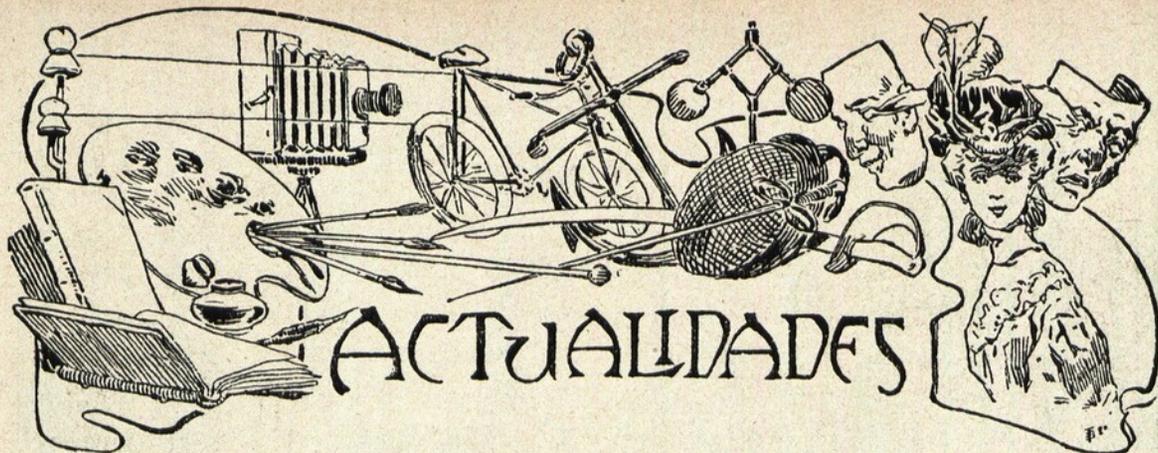
*Outra ligeira construcção me chama.  
Crianças, como lindas borboletas,  
namoram-na, attrahidas pela chamma.*

*E' barraca de sortes. Compram todos!  
A dez réis cada rifa; não é caro...  
e os premios a prenderem como engodos...*

*Bem claramente aqui se denuncia  
D'este povo, que deixa tudo á sorte,  
a veneta, a paixão da loteria.*

*Mas aperta o calor; é muita a sêde,  
Onde pára a velhinha dos refrescos?  
Si-la, a alvejar, ao longe, á sombra. Vêde!*

*Da banca de tesoura me avizinho:  
garrafa de mil côres, pirolitos.  
Morreste, capilé de cavallinho!*



## Grandes topicos

A Turquia Constitucional **O**mez que acaba de decorrer foi assinalado por um facto da mais alta importancia mundial. A Turquia, o velho imperio autocratico onde, desde sempre, as idéas liberaes valiam [a morte sem remissão a quem se atrevia a manifestalas, e que era mesmo o unico paiz absolutista da Europa — dado que a Russia tenha já deixado de merecer essa classificação — é, a partir do dia 23 de julho, uma nação regida pelo systema constitucional.

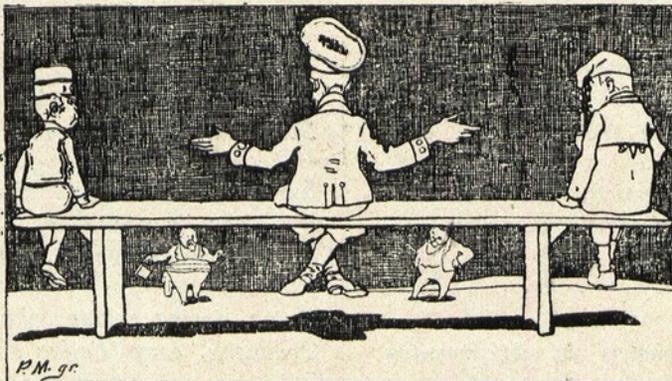
Em que circunstancias se produziu este sensacional episodio da vida turca? Porventura o sultão, essa sinistra figura da Historia, que pelos seus crimes mereceu de Gladstone a designação infamante de «grande assassino», teria sido de subito tocado pelo espirito de justiça e, n'um assomo de remorso ou de bom senso, feito esse gesto

nobre que representa a libertação de um povo? Terão por acaso, as grandes potencias europeas, resolvidas finalmente a acabar de vez com as abominações turcas, obrigado o tórvo e vingativo habitante de Yildiz Kiosk a dar um passo á

frente no caminho luminoso da civilização?

Nada d'isso. A constituição turca deve-se não ao sultão nem ás potencias, mas á propria Turquia que, emfim, decidiu emancipar-se. Ha annos já, constituiria-se no imperio da Abdul-Hamid um partido intitulado «Joven Turquia» que se propoz transformal-o n'um paiz livre. Perseguido vigorosamente como um bando de feras, isso não fez mais que avigoral-o de dia para dia, e em breve as suas hostes comprehendiam tudo quanto ha de mais notavel nas letras, nas artes, na politica e no exercito. E assim, ultimamente o sultão era apoiado ou defendido apenas por aquelles que, dependendo absolutamente do poder constituido, o rodeiam e amparam até á ultima.

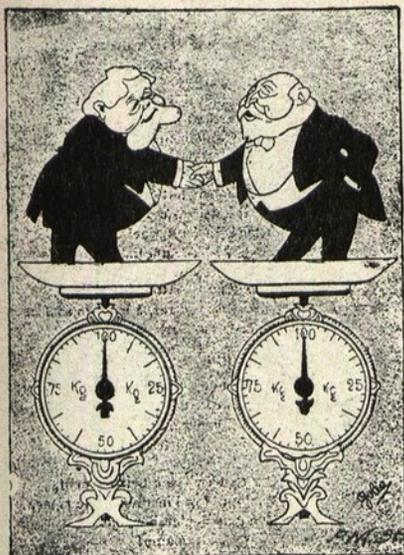
Apesar d'isso, ou antes, por isso mesmo, a autoercia não desarmou, lançando-se, ao contrario, no delirio



### GORDOS E MAGROS

Resultados surprehendedentes de se sentarem a França e a Inglaterra ao lado da Russia. O Japão e a Allemanha difficilmente se aguentarão d'ora avante no banco onde tão commodamente se achavam sentados.

Do «Kladderatsch»



DE PERFEITO ACCORDO

As machinas de pesar Fallières e Eduardo conferem exactamente uma com a outra.

Do «Pasquino»

da perseguição que caracteriza o proximo baquear dos regimens. Entretanto, a «Joven Turquia», que ha muito estava organisando a revolução emancipadora, deliberou dar o golpe decisivo — e nos primeiros dias de julho começaram-se revoltando os regimentos da Macedonia.

Poucos dias depois toda a guarnição d'aquella provincia estava em armas e os regimentos da Anatolia mandados contra os revoltosos, faziam causa commum com elles. Senhores, assim, da situação,

os revolucionarios proclamaram a Constituição de 1876, e, no meio do unanime entusiasmo que esse acto produzira entre o povo, prepararam-se para marchar sobre Constantinopla, a fim de obrigar o sultão a proclamar-a tambem em todo o imperio.

Já a esse tempo no palacio imperial reinava o terror, que de dia para dia augmentava á medida que se recebiam noticias da Macedonia; e quando a Yildiz Kiosk chegou o telegramma noticiando a marcha dos revoltosos sobre a capital, o panico foi completo. Immediatamente o sultão convocou o conselho de Estado, afim de que este dêsse parecer sobre a situação. Afóra dois ou três dos seus membros,



WILLIAM H. TAFT

Indigitado pelo partido republicano para Presidente da Republica dos Estados Unidos da America.

todos os outros se pronunciaram pela resistencia, ou antes, pela repressão a todo o transe. E — coisa curiosa! — foi precisamente Abdul-Hamid quem pronunciou a palavra de capitulação! É claro que todos aquelles fieis sustentaculos do throno passaram logo a ser da opinião do seu senhor, e no dia seguinte era proclamada a Constituição de 1876.

No momento em que escrevemos todo o imperio estremece de commoção e entusiasmo por esse facto, que marca uma data brilhante na historia da humanidade. Todavia, os revolucionarios não desarmaram completamente: conservam-se em paz armada, receando que Abdul-Hamid prejure pela segunda vez — o que de resto, não lhe seria muito facil, dadas as actuaes cir-



PIADA DEMOCRATICA A MR. TAFT

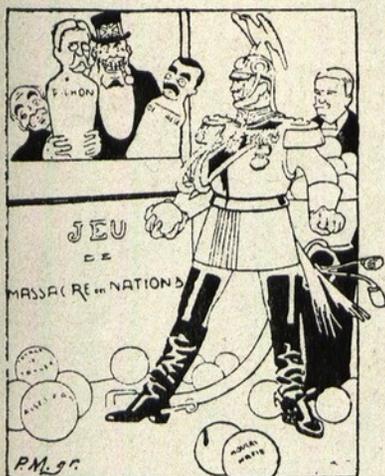
Ó Tio Sam, repare que o fato de Mr. Roosevelt lhe fica acanhadissimo.

«Caricatura americana»

cumstancias que muito diferem das de ha trinta annos.

Como esclarecimento final acrescentaremos, que a constituição agora proclamada pela segunda vez na Turquia, é em muitos pontos, superior ás de algumas monarchias da Europa, onde o systema constitucional vigora ha longo tempo.

Entrevistas **A**s visitas que o presidente Fallières fez ultimamente á Inglaterra, aos paizes scandinavos e á Russia, dispertaram logo no animo do imperador Guilherme, o desejo enorme de as contrabalançar com outra a elle feita,



O PIM-PAM-PUM DAS NAÇÕES

GUILHERME — O que é exquisito é eu não poder deitar abaixo aquelle boneco! (O boneco é Pichon, ministro dos estrangeiros de França.)

De «La Rire»



A «TRIPLE ENTENTE»

«Será conveniente afinal de contas metter o Guilherme na «Entente»! Se tal fizermos, ficamos na obrigação de ter um exercito.»

De «Lustigé Blätter»



MONARCHAS ALEGRES

NICOLAU — *Ora até que emfim encontro alguém que com certeza não trama assassinar-me!*

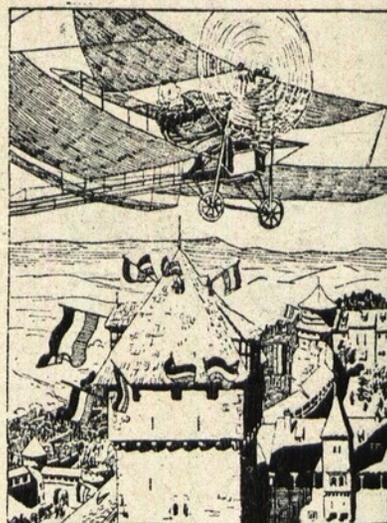
Do «Wabre Jacob»

por seu tio o rei de Inglaterra, que ha annos o não visitava, apesar de varias vezes ter estado na Alemanha. Teria isso um duplo effeito: sobre a politica europea, em geral, e, particularmente, sobre as relações entre os dois paizes que, como se sabe, não ha meio de melhorarem.

Para conseguir esse desideratum, o Kaiser serviu-se, ao que se afirma, de uma parente commum, a princeza Frederico de Hesse que, sendo a sobrinha predilecta de Eduardo VII,

lhe pediu accedesse ao desejo do sobrinho imperador. Eduardo VII que, para isso, não era obrigado a deslocar-se expressamente, pois tinha de ir fazer a sua cura annual a Marienbad, acquiesceu ao pedido, e a entrevista realisou-se em Cronberg, no proprio castello da princeza.

Como sempre em casos identicos, e n'este com mais razão, ao mesmo tempo que a entrevista se realisava, a imprensa officiosa allemã deitava foguetes, apontando o facto como da mais alta importancia para a politica externa do imperio. Mas logo a imprensa ingleza a chamou à realidade das coisas, fazendo-lhe



A CAMINHO

REI EDUARDO — *Parece que ha muitas festas aqui pela Alemanha! Pois bem! Deixa-me ir tratar do negocio a S. Petersburgo.*

Do «Ulk»

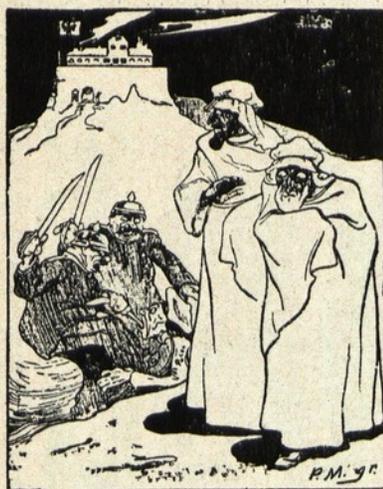


JOHN BULL — *Meu caro Guilherme, é tão difficil vires a ser Guilherme o Conquistador como Guilherme o Silencioso.*

De «Le cri de Paris»

sentir que a visita do rei Eduardo era «uma simples visita de parente a parente», opinião, de resto, seguida por todos os jornaes allemães que não recebem inspiração do governo.

Assim, mais uma vez o Kaiser errou o alvo. E erral-o-ha sempre enquanto as condições geraes da politica europea se não modificarem completamente.



OS MARROQUINOS VISITANDO A RUSSIA

*Vendo os allemães a cortar as linguas dos Polacos, rendem graças a Allah por serem os francezes que os estão guerreando.*

Do «Wahre Jacob»



A FIRMA «MARROCOS IRMÃOS»

CLEMENCEAU — *Que historia é esta! O que eu queria era guardar o throno de Abd-el-Aziz para elle, e agora é Muley Hafid que o guarda.*

Do «Ulk»

A revolução **A**BAFADA, com a feroz carnificina de que damos noticia, a revolução em Teheran, nem por isso na Persia se



NICOLAU — *Aqui estamos sósinhos em infinita paz do Oceano!*  
 EDUARDO — *Paz! Qual historia! Então não te lembras do espadarte?*

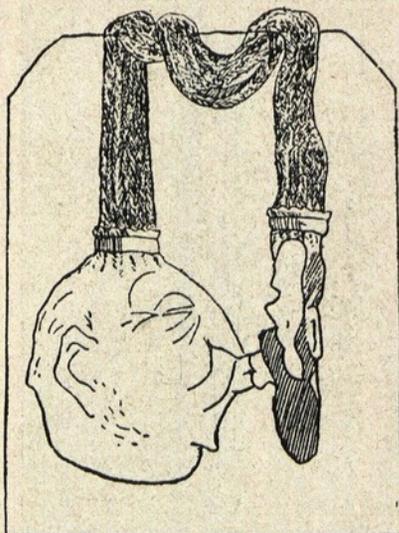
Do «Pasquino»

lha, e não é crível que essa pavorosa lucta acabe, enquanto um dos adversarios não ficar completamente esmagado.

O resto do imperio, que recobrára a calma após os sangrentos dias de julho, foi, porém, a breve trecho, novamente agitado por uma convulsão de liberdade, ao annuncio da revolução turca. E assim, conquanto o schah julgue ter assegurado o throno com a destruição do parlamento e o assassinio de algumas centenas de constitucionaes, póde dizer-se que a situação não melhorou. Apenas mudou de aspecto pela força de circumstancias. Logo, porém, que estas o permitam, o incendio rebentará de novo, com mais violencia ainda, para d'esta vez destruir completamente, na sua chamma purificadora, tudo o que representa o passado.

Os socialistas  
 allemães

**A**CABA de abrir-se uma scisão entre os socialistas allemães, em virtude da resolução tomada pelos deputados do mesmo partido aos parlamentos de Bade,



A ESPERANÇA DA RUSSIA

RUSSIA — *Se eu ao menos pudesse chupar um emprestimo gordo ao ricoço do meu tio.*

Do «Ulk»

Wurtemberg e Baviera de votarem o orçamento dos mesmos estados. O facto está causando em toda a Allemanha extraordinaria sensação.

## Vida na sciencia e na industria

Marinha allemã **F**or lançado á agua em Bremen o *Westphalia*, segundo dos couraçados allemães de 19:000 toneladas, do typo *Nassau*. Tendo mais umas mil e tantas toneladas que o *Dreadnought*, o *Westphalia* é armado com mais dois

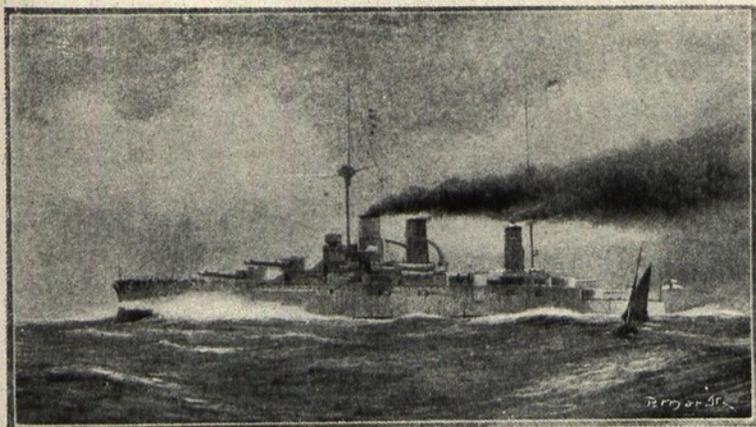
grandes canhões, perfazendo doze ao todo, de 11 pollegadas de calibre. A disposição das seis torres permite que oito dos canhões façam fogo na direcção da pópa ou da prôa, e todos os doze para cada um dos bordos.

Quando completo, o colosso cus-

tará 1.825:000 libras, e deverá entrar em serviço em março de 1910. Tem-se mantido grande segredo sobre a sua construcção.

A operação  
 dos obesos

**O** professor Eisselsberg, de Vienna, tratou ultimamente um homem de 25 annos, que não era capaz de se sentar por causa da gordura que lhe cobria o abdomen, sendo aliás excellentemente conformado. Como a accumulção de tecido adiposo era um embaraço ás suas funcções de creado, soffreu uma operação que teve por fim remover a maxima quantidade possivel de tecido superfluo. Extrahiram-se cerca de treze arrateis de gordura, e o operado restabeleceu-se rapidamente. É esta a maxima quantidade de gordura que se tem extrahido de um corpo humano para attenuar a obesidade, mas em operações da hernia teem-se já extrahido maiores quantidades.



O COURAÇADO ALLEMÃO «WESTPHALIA»  
 Como será depois de completo



EDIFÍCIO DO OBSERVATORIO PUBLICO DE ZURICH

Observatorio publico **A** PENAS existe no mundo um observatorio publico, na pequena cidade de Zurich (Suiss.a). Todas as noites está aberto, e durante o primeiro semestre d'este anno foi concorrido por 25:000 pessoas. Possui um magnifico telescopio, com uma montagem nova e engenhosa com perto de 6 metros de comprimento e 14 toneladas de peso. A objectiva tem 12 pollegadas de diametro. Tem um *écran*, sobre o qual se projectam os corpos celestes. Toda a gente pode, é claro, observar por elle. Além do serviço astronomico, este telescopio serve para observar os esplendidos panoramas dos Alpes, que d'aquelle ponto se disfrutam. As imagens invertidas são postas a direito para se projectarem no *écran*. A existencia d'este observatorio é característica de um povo tal como o suizo, que fez do estudo do tempo para o relógio uma industria nacional realisada com a maxima intelligencia por quantos operarios n'ella se empregam.

O frio nos domicilios **A** cidade americana de Kansas-Osty adoptou a innovação de fornecer, por meio de assignaturas, o elemento frigorifico ás casas particulares. Canalisções especiaes, partindo d'uma fabrica apropriada, levam aos consumidores, em serpentinas fixas aos muros ou tectos, o frio necessario á conservação de diversas substancias. Os principaes assignantes são os marchantes, floristas, hotéis, restaurantes, etc.

Seria para desejar que esta iniciativa tivesse imitadores.

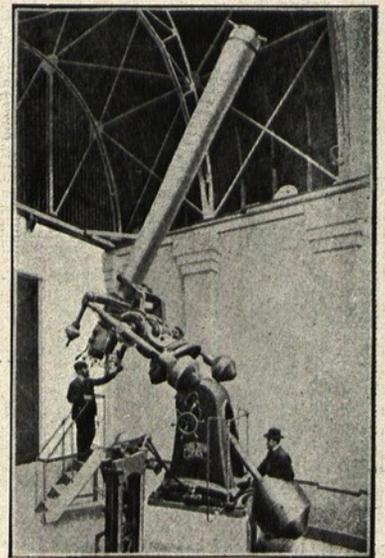
Nada mais agradável e commodo do que, pelos grandes calores, abrir simplesmente uma torneira ou um commutador para obter uma temperatura fresca.

Alcoolismo **O** procurador geral de Rouen demonstra n'um recente relatório que, devido ao alcoolismo, é espantoso o progresso dos casos de alienação mental, e que o numero dos suicidios augmenta constantemente.

N'aquella mesma região, as estatisticas accusam este anno um excesso de mil obitos, sobre o numero dos nascimentos. As causas enentra-as no seguinte:

Em 1880 havia em França uma taverna por 113 habitantes; hoje ha uma por 78, 60 e até 25.

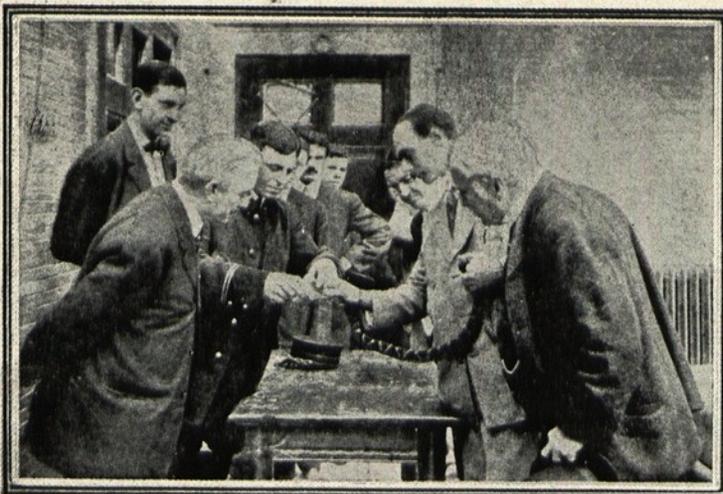
A média do alcool por cabeça, que em 1850, era de três litros, é actualmente de sete!



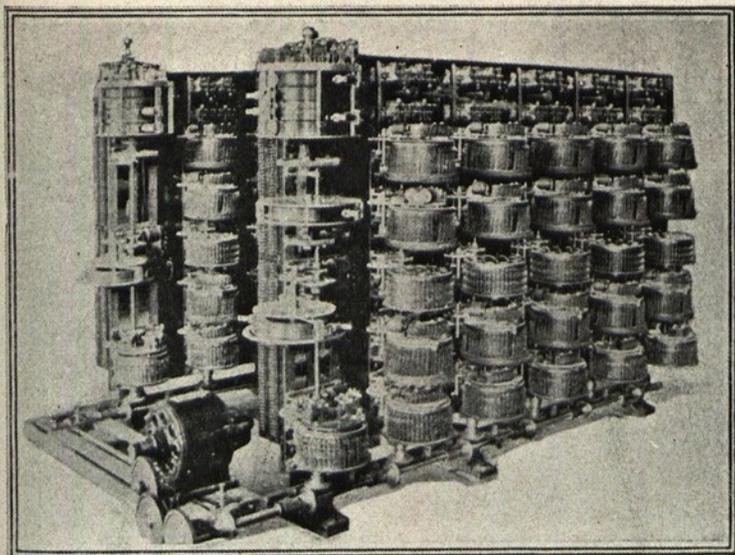
TELESCOPIO DO OBSERVATORIO DE ZURICH

A peçonha das serpentes **H**A 80 annos, o Dr. Hering demonstrou o valor medicinal da peçonha das serpentes para tratamento de certas molestias, como erysipela, gangrena, diptheria e alguns achaques mentaes. A sua provisão de peçonha, distribuida em doses homopathicas por todo o mundo, estava quasi a acabar, e foi renovada agora por dois pharmaceuticos de Nova York, Bœricke e Runyou. Da America do Sul foi trazida uma vibora de cabeça de lança, e levada para o Jardim Zoologico de Nova York. Em presença de muitas summidades scientificas, o professor Dittmars extrahi e veneno. A ser-

penente, segura com uma forquilha, foi agarrada pela cabeça e pela cauda. Obrigaram-n'a depois a morder uma membrana presa ao gergalo de um vaso de vidro. Mordeu tres vezes, depositando no vaso 17,75 grãos de peçonha. Esta será triturada por fórma que dure meio seculo. Essa peçonha usa-se tambem na cura das mordeduras da serpente.



EXTRACÇÃO DA PEÇONHA DE UMA SERPENTE



PERMUTADOR AUTOMÁTICO LORIMER

Telephonia automática **A** machina Lorimer, que se está experimentando em Paris, evita aos subscriptores o trabalho das chamadas pelos numeros e é sobretudo infalível. Acima do receptor ha uma combinação de quatro alavancas, com as quaes o subscriptor pode fazer qualquer combinação numerica. Por exemplo, se se pretender chamar o numero 1455, movem-se as alavancas até que estes numeros appareçam n'uma prancha á vista. O acto de fazer a combinação é automaticamente communicado a uma machina na sede central chamada o indicador decimal. Esta machina recebe o numero e procede aos contactos correspondentes n'uma serie de tambores de revolução. Feitos todos os contactos, o subscriptor que quer falar fica em communicação com o seu interlocutor.

Descobertas archeologicas em Sparta **A** cruel punição dos moços spartanos, para que soffressem a dôr em silencio, era infligida no altar do Arthemis Orthia. Em abril de 1906, os exploradores inglezes identificaram, com o auxilio de inscrições, a situação d'esse altar na margem do Eurotas, a cerca de uma milha da moderna Sparta. O templo então descoberto era do seculo VI A. C. A 25 de maio passado, fez-se a importante

descoberta de um templo que data do seculo VIII ou IX, parte d'elle sepulto sob as ruinas do seu successor. Era coberto de telhas pintadas,

### Descobertas archeologicas em Sparta



SPHYNGE DE TERRA-COTTA

e construido de adobe reforçado de vigas de madeira, sobre alicerces de pedra. Estava collocado em symetria com um enorme altar, muito antigo, descoberto este anno, e sem duvida relacionado com elle. Foi a posição do altar que levou o archeologo Mr. Dawkins a procurar o templo n'aquelle sitio. Vêem-se ali muitas ofertas votivas, entre ellas uma grande quantidade de figurinhas de chumbo (umas 10:000), broches e ornatos de bronze, e marfins entalhados. A mais notavel descoberta foi talvez a de uma serie de mascaras de terra-cotta, pin-

tadas, provavelmente copias das que se usavam nas representações dramaticas em honra da deusa. Algumas são modeladas com extraordinario vigor e frescura, e na arte archaica o seu naturalismo não tem precedentes.

O ideal das lavadeiras **O** lago Nijape, em Nicaragua, tem tal abundancia de bicarbonato de soda e de potassa, que basta agitar levemente a agua para levantar grande quantidade de espuma. A sua agua tem nos arredores um immenso consumo, pois evita aos pobres a despeza do sabão.

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperança de se curar! É porque ignoram que o *sarope de hypophosphito de soda* de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio



MASCARA DE DANSARINOS

para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se mallogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doenca degenerem em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris, e encontra-se á venda em todas as pharmacias.

# Resenha portugueza

## VISITAS REGIAS



NO CASTELLO DE S. JORGE

### No castello de S. Jorge.

— Interessantissimos os exercicios, realizados pelo batalhão de caçadores 5, por occasião da visita que El-Rei fez, em fins de julho, ao castello de S. Jorge.

Depois d'um discurso de saudação pronunciado pelo commandante,

e da recitação d'um patriotico soneto, enaltecendo os feitos d'aquelle corpo, por um official, fizeram-se dois assaltos á



NO HOSPITAL DA ESTRELLA

espada e ao florete, a que se seguiram trabalhos de fortificação improvisada, executados pelos sapadores, e manobras pela secção de cyclistas, finalizando os exercicios com um assalto á bayoneta.



Todos os trabalhos mereceram elogios.

### No hospital militar da Estrella.

— D'entre as visitas que El-Rei está fazendo aos estabelecimentos publicos, apontamos n'este numero a de 25 de julho, ao hospital militar da Estrella.

Sua Magestade, que conversou carinhosamente com alguns doentes ali em tratamento, deplorou as más condições em que se acham algumas installações e prometeu empenhar-se em melhoral-as.



O PREDIO INCENDIADO

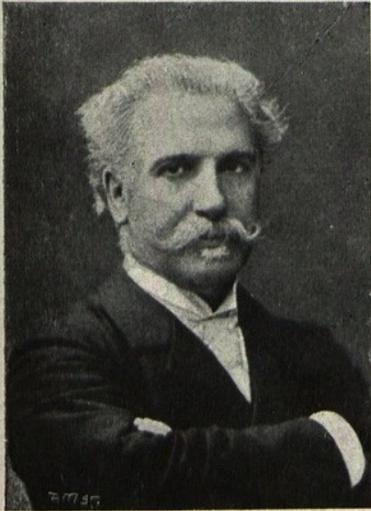
## UM GRANDE INCENDIO

**Um grande incendio.** — O incendio no predio em que está installada a Companhia Previdente, em julho, é um dos que ultimamente tem causado maiores prejuizos, havendo comtudo a felicidade de não haver victimas a deplorar. A fabrica estava segura em 222 contos e os prejuizos montam a 40.

O corpo de bombeiros, cujo excellente serviço se faz sempre notar,

foi d'esta vez bastante prejudicado no principio dos seus trabalhos pela falta de agua. Apesar d'isso, conseguiu-se localizar o fogo na ala do lado sul, impedindo-o de comunicar com a parte central do edificio. Na parte do predio destruida pelo fogo, trabalhavam perto de 200 operarios, muitos dos quaes perderam as ferramentas, fato e dinheiro.

## TRIBUNA PARLAMENTAR



CONSELHEIRO RESSANO GARCIA



DR. AFFONSO COSTA



DR. BOMBARDA

**Oradores da actual legislatura.** — Continuamos publicando os retratos dos oradores que, pelos seus discursos, se têm distinguido n'esta época parlamentar nas duas camaras.

O conselheiro Ressano Garcia, parlamentar experimentado, cuja argumentação logica e correcta se

impõe; o Dr. Affonso Costa um dos mais fogosos, brilhantes e irrequietos caudilhos do partido Republicano, e um dos seus mais notaveis oradores; e o Dr. Miguel Bombarda um combativo vigoroso, que diz o que pensa sem tregiversões e com rara concisão.

Nas apaixonadas discussões po-

líticas que caracterizam a época parlamentar, estes três representantes da Nação, têm demonstrado, a par de vastissimos recursos oratorios, uma grande firmeza e tenacidade na defeza das idéas dos partidos politicos a que pertencem, conseguindo prender a attenção publica, com os seus brilhantes discursos.

## NECROLOGIA

Os seus valiosissimos estudos grangearam-lhe, tanto em Portugal como no estrangeiro, merecida e justa consideração; e algumas das suas monographias, traduzidas em allemão e francez, marcaram-lhe logar no mundo scientifico como um dos mais notaveis geologos contemporaneos.

**Dr. Trindade Coelho.** — A magistratura e as lettras portugêsas vestem luto pela morte inesperada de Trindade Coelho.

A litteratura deve-lhe dois volumes de deliciosos contos — *Os meus amôres* e *In illo tempore*. Mas a penna que tão dextramente manejava, não lhe servia só para traçar os quadros que n'aquelles dois livros nos encantam.

Os estudos juridicos e a instrucção do povo portugêso mereceram-lhe especial attenção. E assim deixou varios trabalhos, entre os



TRINDADE COELHO



NERY DELGADO

**General Nery Delgado.** — Finou-se no dia 3 de agosto com 73 annos de idade este illustre homem de sciencia, director dos trabalhos geologicos do reino.

quaes, pela sua importancia, occupam o primeiro logar as *Annotações ao Codigo e Legislação Penal* e o *Manual Politico do Cidadão Português*.

## LETRAS



JUSTINO DE MONTALVÃO



ALBERTO DE SOUSA E COSTA



JOÃO CHAGAS

**Poeira de Paris.** — Justino de Montalvão, primoroso poeta e prosador, reuniu n'um elegante volume as suas interessantes chronicas de Paris para Pernambuco. São quadros descriptivos de grande realce e que se lêem com muito agrado.

Guerra Junqueiro fez-lhe o prefacio e n'elle diz do autor tudo que ha de bom e de amavel, como elle o sabe dizer.

Só nos não agrada o titulo. A poeira é geralmente um motivo de encommodo e de enfado, e o livro de Montalvão serve justamente para entreter e desfadar.

Quem o lêr, sente com elle e como elle. O seu estylo é elegante e despretencioso, e nas imagens que escolhe, vivas e brilhantes, ha muita poesia.

Para poeira é, além de luminosa, attrahente.

**Frueto prohibido.** — E' um interessantissimo romance, no qual Alberto de Sousa e Costa desenrola a par de varios episodios da greve academica de 1907 superiormente descriptos, um romance de amor cheio de tristeza e magoa, d'uma simplicidade bella e commovente. Dois conceitos se podem tirar d'este encantador trabalho: que é iniqua a lei que une até á morte dois seres perfeitamente antagonicos, e que não pode haver, pela constituição da sociedade, felicidade fóra da lei.

O novo livro do auctor dos *Eccentricos*, como tudo que é verdadeiramente humano, encanta e punge.

Os seus caracteres, além de nitidamente definidos, são accentuadamente typicos. Tanto basta para que a sua obra seja lida e apreciada como deve.

**1908** (*Subsidios criticos para a historia da dictadura*). — E' a critica das vicissitudes politicas que antecederam e acompanharam a dictadura até fevereiro ultimo, de tragica memoria.

João Chagas, o jornalista republicano de palavra fluente e facil, cujo

merito é reconhecido pelos proprios antagonistas, colligiu n'um magnifico volume, de 433 paginas, os seus vigorosos artigos, addicionando-lhes o diario da sua prisão, de interesse palpitante, que se lê d'um folego, e que nos communica a emotividade com que aquellas eloquentes paginas fóram escriptas.

E' um livro cuja leitura prende e captiva e que nos empolga completamente durante a sua leitura.

E é isso tão raro hoje!

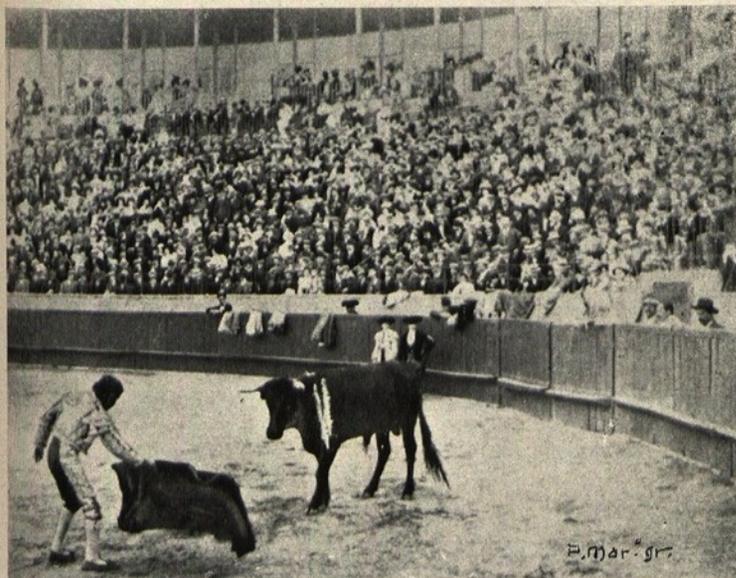
**Dr. José de Figueiredo.** — Este conhecido critico de arte, publicou agora, n'um elegantissimo e luxuoso volume, editado pela livraria Ferreira, *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal*.

Este trabalho foi escripto quasi d'um folego em maio ultimo, para ser impresso e incluido no catalogo da nossa secção d'arte no Rio de Janeiro.

Lê-se com muito interesse, e n'elle affirma o sr. Figueiredo os seus grandes conhecimentos, já de ha muito comprovados. Em apendice traz um curioso estudo acerca de Affonso Sanches Coelho, pintor portuguez que floresceu no seculo xvi e cuja celebridade chega pelas suas obras até nossos dias, podendo nós admirar uma das suas melhores telas no Museu Nacional de Lisboa, trazida para Portugal pela rainha D. Carlota Joaquina.



DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO



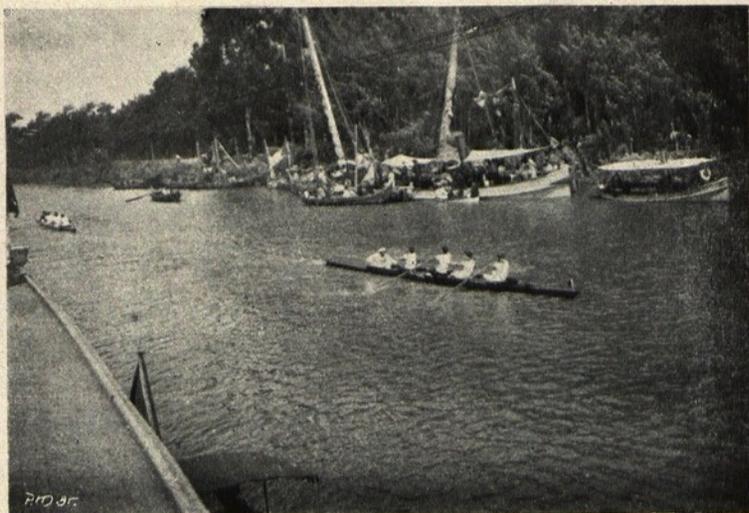
CORRIDA DE TOUROS DESEMBOLADOS NA PRAÇA DE ALGÉS

## SPORTS

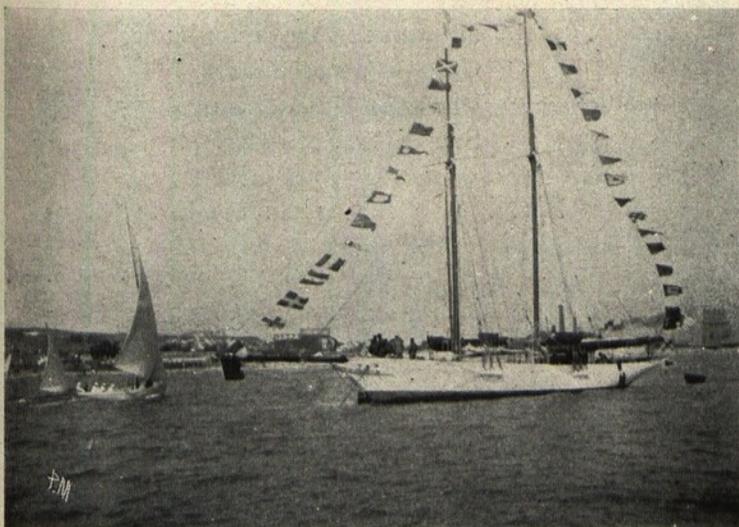
**Lide á hespanhola.** — Na tarde de 20 de julho realisou-se em Lisboa uma corrida de novilhos desembolados, promovida pelo Real Club Tauromachico, na qual entraram os niños sevillhanos *Limeño* e *Gallito*. O curro era do acreditado *ganadero* de Salvaterra, Antonio Lapa, e proporcionou uma optima lide.

O quarto novilho, que sahiu bravissimo, attingiu o cavallo d'um dos picadores, razão porque a auctoridade não deixou correr os restantes sem serem previamente embolados.

A assistencia era numerosa e escolhida.



REGATA NA AZAMBUJA — O BARCO VENCEDOR

REGATA DE CANOAS MONOTYPOS  
A «LAURA» VENCEDORA — O PALHAROTE «DINORAH», DO JURY

**Nautica.** — No canal de Azambuja realisou-se em 12 de julho, a regata promovida pelo Real Club Naval de Lisboa.

O sitio foi optimamente escolhido porque as margens são lindissimas e tornaram a festa duplamente encantadora. A primeira corrida entre *outriggrs* foi ganha pela *D. Amelia*; a segunda, de *inrriggrs*, pela *Celeste*; a terceira, de *outriggrs*, pela *D. Carlos*; a quarta e quinta entre *pair-oars*, pela *Ave* e *Alice*.

O escaler, a gazolina, do sr. Carlos Blek, fez varias evoluções que fôram muito apreciadas.

\*

Na regata de canoas monotypos que, no dia 2 de agosto, o Real Club Naval promoveu entre Pedrouços e a Tra-

faria, ficou vencedora a canôa *Laura*, do sr. Worm.

A nossa gravura, além do barco victorioso, mostra o palhabete *Dinorah* do sr. Manuel de Castro Guimarães, contra-commodoro do club, no qual o jury assistiu ás provas, que fôram muito interessantes.

Esta regata é a segunda da serie deste anno e segunda tambem em que se realisam concursos deste genero desportivo. Foi de reconhecida vantagem por mostrar com precisão quaes os timoneiros que têm mais pericia e conhecimentos n'estes attrahentes exercicios nauticos, o que, com barcos de varios typos, era impossivel averignar-se.

Annuncia-se para breve a realisação de outros concursos do mesmo genero.

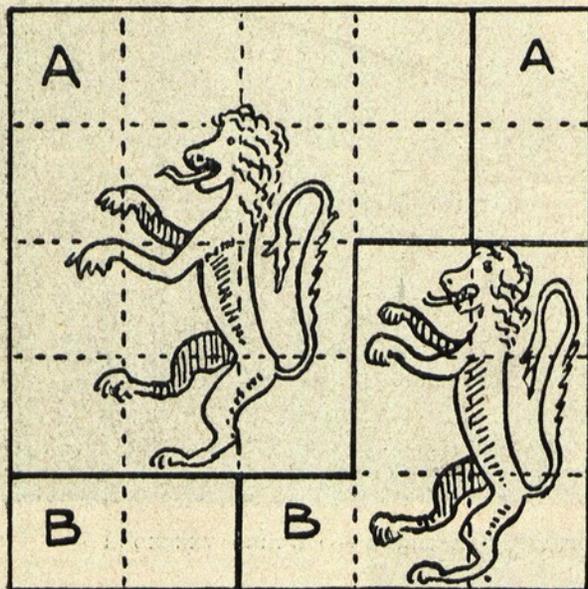


## Decifrações do nº 38

*Novissimas* — 1.<sup>a</sup> Archiduque; 2.<sup>a</sup> Extraordinario; 3.<sup>a</sup> Sabio; 4.<sup>a</sup> Justino.

*Enigma* — Serões.

*Charada* — Capilé.



A BANDEIRA

(SOLUÇÃO)

Vê-se na illustração junta que a senhora começou por dividir por linhas ponteadas o seu pedaço de seda em 25 quadrados. A razão é que as duas bandeiras devem conter respectivamente 16 e 9, números que são quadrados perfeitos, e cuja somma perfaz o quadrado perfeito 25. Vêr-se-ha agora que **A** e **A** se adaptam, formando uma bandeira quadrada, ao passo que a outra é formada pela adaptação de **B** e **B**.

## Enigma

Se de um certo grande todo  
Cousa alguma se tirar,  
Em unidade se torna,  
Todo o tempo a variar.

Victoria-Pernambuco.

CAPITÃO NEMO.

## Charada

À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. J. A. P.

André Gil Alcoforado,  
Em tempos vizinho meu,  
Tres vicios tinha o magano  
De se lhe tirar o chapéu:

Vinho, jogo e mulheres,  
Toda a sua perdição!  
Da pinga enchendo a medida — 2  
Apanhava o seu pião.

Ao jogo tinha o capricho,  
Um prazer... Uma alegria...  
Fazer um lôto ou um nico  
Quando certa carta via. — 2

Mulheres, então não falemos,  
Armava em conquistador;  
Quer fossem novas ou velhas  
Por todas sentia amor.

Mas, entre ellas, uma havia,  
Cujo nome predilecto,  
Era todo o seu encanto,  
Sua paixão, seu affecto.

Porto.

CLUB DOS ESTOUVADOS



## Charada

(EM QUADRO)

Um velhaco de manhas perigosas  
obra d'arte de bronze foi roubar,  
indo certa cidade visitar,  
em jardim perfumado pelas rosas.

13-8-908

E. R. Q. (Michaelense) — Porto.